



AMON MEU AVÔ TERIA ME EXECUTADO

Jennifer Teege

COLABORAÇÃO DE Nikola Sellmair

A história da alemã negra que
descobriu ser neta de Amon, o
carrasco de Hitler imortalizado
no filme *A lista de Schindler*.



AMON
**MEU AVÔ TERIA
ME EXECUTADO**

AMON MEU AVÔ TERIA ME EXECUTADO

Jennifer Teege

COLABORAÇÃO DE Nikola Sellmair

A história da alemã negra que descobriu ser neta de Amon, o carrasco de Hitler imortalizado no filme *A lista de Schindler*.



Título original: *Amon. Mein Grossvater hätte mich erschossen*

© 2013 por Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg
© 2013 por Jennifer Teege e Nikola Sellmair

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela AGIR, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso - 21042-235
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 - Fax: (21)3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

T256a

Teege, Jennifer

Amon : meu avô teria me executado / Jennifer Teege ; Nikola Sellmair ; tradução Petê Rissatti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Agir, 2014.
256 p. : 23 cm.

Tradução de: Amon. Mein Grossvater hätte mich erschossen

ISBN 9788522030293

1. Goeth, Amon Leopold, 1908-1946. 2. Nazistas - Alemanha - Biografia. 3. Holocausto judeu (1939-1945). 4. Alemanha - Política de governo, 1933-1945. IS. ellmair, Nikola. II. Título.

14-14175

CDD: 920.9943086
CDU: 929:94(43)'1945

Para Y.

Sumário

Prólogo

[A descoberta](#)

Capítulo 1

[Eu, a neta de um genocida](#)

Capítulo 2

[O senhor do campo de concentração de Plaszow: o avô, Amon Göth](#)

Capítulo 3

[A mulher do comandante: a avó, Ruth Irene Kalder](#)

Capítulo 4

[Uma vida com os mortos: a mãe, Monika Göth](#)

Capítulo 5

[Netos das vítimas: os amigos em Israel](#)

Capítulo 6

[Flores em Cracóvia](#)

Informações adicionais em literatura, no cinema e na internet

Notas

Prólogo

A descoberta

O olhar da mulher é o que me parece familiar. Estou na Biblioteca Central de Hamburgo, e tenho nas mãos um livro de capa vermelha que acabo de puxar da prateleira. Na capa, o retrato em preto e branco de uma mulher de meia-idade. Seu olhar é pensativo, um tanto extenuante, desanimado. Os vincos ao lado da boca apontam para baixo. Ela parece infeliz.

Procuro o subtítulo: “A história da vida de Monika Göth, filha do comandante do campo de concentração do filme *A lista de Schindler*.” Monika Göth! Conheço esse nome. É o nome da minha mãe, que no passado me deixara em um orfanato e que não vejo há muitos anos.

Antigamente, eu também me chamava “Göth”; nasci com esse sobrenome. Escrevi “Jennifer Göth” no meu primeiro caderno escolar — até a minha mãe me entregar para adoção e eu receber o sobrenome dos meus pais adotivos. Na época, eu tinha sete anos.

Por que o nome da minha mãe está neste livro? Analiso a capa. Ao fundo, reconheço por trás da foto da mulher em preto e branco a sombra de um homem de boca aberta com uma metralhadora na mão. Deve ser o comandante do campo de concentração.

De pronto, abro o livro e começo a folheá-lo, primeiro devagar, depois cada vez mais rápido. Não tem apenas texto, mas também muitas fotografias. As pessoas nas fotos, eu já as vi alguma vez? Uma das fotos mostra uma jovem alta de cabelos escuros que lembra a minha mãe. Em outra página, vejo uma mulher mais velha sentada num jardim inglês em Munique; ela está com um vestido florido. Tenho apenas poucas fotos da minha avó, e me lembro com precisão de todas: em uma delas, ela usa exatamente esse vestido. Abaixo da foto, está a legenda com o nome: “Ruth Irene Göth”. Esse é o nome da minha avó.

Esta é a minha família? São fotos da minha mãe e da minha avó? Não, isso é impossível; não pode ser que exista um livro sobre a minha família e que eu não saiba de nada! Continuo a folheá-lo rapidamente. Bem no final, na última página, encontro uma biografia, que começa assim: Monika Göth, nascida em 1945, em Bad Tölz. Conheço essas datas do meu formulário de adoção. Aqui estão elas, preto no branco. É mesmo a minha mãe. É mesmo a minha família.

Fecho o livro. Tudo está em silêncio. Alguém tosse em algum lugar no salão de leitura. Quero sair dali depressa, quero ficar sozinha com o livro. Abraço-o como um tesouro valioso, desço as escadas e passo pela seção de empréstimo. Não reparo no rosto da bibliotecária a quem entrego o livro. Vou para a grande praça diante da biblioteca. Os meus joelhos cedem. Encosto-me num banco, fecho os olhos. Atrás de mim, ouço o barulho da rua.

O meu carro está do outro lado da rua, mas não consigo dirigir agora. Ergo-me algumas vezes, indecisa se devo continuar a leitura. Sinto-me horrorizada. Gostaria de ler o livro em paz, do começo ao fim, em casa.

É um dia quente de agosto, mas as minhas mãos estão geladas. Disco o número do meu marido: “Pode vir me buscar? Encontrei um livro. Sobre a minha mãe e a minha família.”

Por que a minha mãe nunca me disse nada sobre isso? Valho tão pouco assim, continuo valendo tão pouco? Quem é esse Amon Göth? O que foi que ele fez exatamente? Por que não sei nada sobre ele? O que ele tem a ver com *A lista de Schindler*?

Assisti a esse filme há muito tempo. Ainda lembro que foi em meados dos anos 1990, durante o meu tempo de estudos em Israel. Todos falavam do drama do Holocausto de Steven Spielberg. Assisti ao filme apenas mais tarde, na televisão israelense. Estava sozinha, no meu quarto de república em *Rehov Engel*, a rua do Anjo, em Tel Aviv. Lembro ainda que achei o filme comovente; o final era hollywoodiano demais, excessivamente *kitsch*.

Para mim, *A lista de Schindler* era apenas um filme, não tinha nada a ver comigo.

Por que ninguém me disse a verdade? Por que mentiram para mim durante todos esses anos?

Capítulo 1

Eu, a neta de um genocida

“Na Alemanha, o Holocausto é uma história de família.”
— Raoul Hilberg

Nasci no dia 29 de junho de 1970, filha de Monika Göth e de pai nigeriano. Tinha quatro semanas de vida quando a minha mãe me deixou em um orfanato católico. Cresci sob os cuidados de freiras.

Aos três anos, fui acolhida por uma família, que me adotou aos sete. Sou negra, e meus pais e irmãos adotivos são brancos; era evidente que eu não podia ser filha legítima. Mas os meus pais adotivos sempre afirmavam que me amavam como os seus filhos de sangue. Eles brincavam, faziam atividades e exercícios físicos nos grupos de pais e filhos comigo e com meus irmãos. Quando criança, mantive contato com a minha mãe biológica e a minha avó, mas com o tempo esse contato foi rompido. Da última vez que encontrei a minha mãe, eu tinha 21 anos.

Agora, aos 38 anos, encontro esse livro. Por que eu puxei logo esse da estante, entre centenas de milhares de outros livros? Foi o destino?

O dia começara como sempre. Meu marido estava no escritório, e eu havia levado meus filhos para a escolinha e seguido para a cidade. Queria passar na biblioteca; sempre vou até lá. Gosto do silêncio, de me concentrar nos livros, reunidos aos milhares em fileiras coloridas, nas estantes. Dos passos suaves dos visitantes, do farfalhar das páginas dos livros, das posturas dos leitores curvados sobre eles. Eu estava na seção de psicologia, pesquisando sobre tipos de depressão. E lá, na altura da minha cintura, entre os livros *A arte de amar*, de Erich Fromm, e um livro com o título genérico *In der Krise liegt die Kraft* [Na crise está a força], estava o livro de capa vermelha. O título era uma pergunta: *Ich muss doch meinen Vater lieben oder?* [Sou obrigada a amar o meu pai, ou não?], de Matthias Kessler. O nome do autor não me dizia nada, mas o título soava interessante. Então, puxei o livro da estante.

Götz, meu marido, me encontra no banco em frente à biblioteca, em estado de choque, pálida sob a minha pele escura. Ele se senta ao meu lado, observa o exemplar, folheia as páginas. Tiro-o de suas mãos rapidamente. Não quero que ele o leia primeiro. O livro é meu, é a chave para a minha história familiar. A chave para a minha vida. Estive à sua procura durante todos esses anos.

A minha vida inteira havia sido marcada pela sensação de que algo não se encaixava: a minha tristeza, a minha depressão. Contudo, nunca descobri o que havia de tão errado com ela.

Götz pega a minha mão e me leva até o seu carro. No caminho para casa, mal nos falamos. O meu marido tira licença do trabalho pelo resto do dia e cuida de nossos filhos.

Eu me deixo cair na cama e leio, leio até a última página. Já está escuro quando fecho o livro. Sento-me ao computador e pesquiso a noite toda, lendo tudo que consigo encontrar sobre Amon Göth. É como se eu entrasse numa sala dos horrores.

Leio sobre os despejos nos guetos poloneses comandados por ele, sobre os assassinatos sádicos, sobre os cães ateados contra as pessoas. Apenas agora tomo ciência do tamanho do crime que Amon Göth cometeu. Himmler, Goebbels, Göring — essas figuras são bem conhecidas. Eu não sabia o que Amon Göth tinha feito exatamente. Aos poucos percebo que o personagem do filme *A lista de Schindler* não era fictício, mas teve um modelo real, de carne e osso: o meu avô. Um assassino em série que se deliciava com as mortes. Sou neta de um genocida.



Jennifer Teege fala calma e lentamente desse momento de desespero. A sua voz é grave, cordial, com sotaque de Munique, um “r” levemente carregado. O seu rosto é claro, sem maquiagem, os cabelos crespos são alisados e modelados em longos cachos negros, calças justas cobrem pernas longas e esguias. Quando entra em um lugar, ela atrai olhares, os homens a admiram. Jennifer Teege anda com uma postura muito ereta, seus passos são firmes e decididos.

Os amigos a descrevem como uma mulher confiante, cheia de curiosidade e com espírito aventureiro. Uma amiga da época de faculdade diz sobre ela: “Quando ouvia algo sobre um país interessante, ela anunciava: ‘Esse eu não conheço ainda, vou para lá!’ E realmente chegou a ir ao Egito, ao Laos, ao Vietnã e a Moçambique.”

Contudo, quando fala sobre a sua história familiar, suas mãos tremem, e ela chora. A descoberta do livro de capa vermelha na biblioteca é o momento no qual a vida de Jennifer Teege se divide em antes e depois: antes, sem o conhecimento de suas origens; depois, com o conhecimento sobre a história de sua família.

*O mundo inteiro conhece a história de seu avô. No filme *A lista de Schindler*, de Steven Spielberg,*

Amon Göth, o cruel comandante do campo de concentração, é companheiro de bebedeira e antagonista de Oskar Schindler: assassino de judeus versus salvador de judeus. Uma cena do filme está marcada a ferro na memória cultural mundial: a cena em que Amon Göth dispara a sua arma da sacada do casarão contra os prisioneiros — a sua forma de exercício matinal.

Amon Göth, comandante do campo de concentração de Plaszow, em Cracóvia, foi responsável pela morte de milhares de pessoas. Em 1946, foi enforcado no mesmo local, e suas cinzas foram espalhadas no rio Vístula.

Mais tarde, a companheira de Amon Göth, Ruth Irene, a amada avó de Jennifer Teege, negou os seus crimes. Em 1983, ela se suicidou com tranquilizantes, em Munique.

A história alemã de Jennifer Teege: o avô, um criminoso nazista; a avó, sua cúmplice; a mãe, criada com o silêncio opressivo do pós-guerra. Esta é a sua família. São as raízes que ela, a filha adotiva, sempre buscou. E então, o que isso faz dela?



Questiono agora tudo o que fiz na minha vida até então: a relação íntima com os meus dois irmãos adotivos, as minhas amizades em Israel, o meu casamento, os meus dois filhos. A minha vida inteira foi uma mentira? Sinto-me como se estivesse andando por aí com um nome falso, enganando todos.

No entanto, sou eu aquela que foi enganada; sobre a minha história, sobre a minha infância, sobre a minha identidade.

Não sei mais a quem pertença. À minha família adotiva ou à família Göth? Não tenho escolha, sou uma Göth.

Aos sete anos, após a minha adoção, quando abri mão do sobrenome Göth, tudo parecia tão fácil. Um documento foi lavrado. Os meus pais adotivos perguntaram se eu estava de acordo com a troca do sobrenome, e eu disse que sim. Depois disso, não ousei mais fazer perguntas sobre a minha mãe biológica. No fim das contas, eu queria uma família normal.

Nas minhas pesquisas sobre Amon Göth na internet, encontrei uma reportagem em um programa do canal cultural Arte: um cineasta americano fez um documentário do encontro da minha mãe com Helen Rosenzweig, ex-prisioneira do campo de concentração e empregada no casarão do meu avô. Por acaso, o filme passaria na noite seguinte, em sua primeira exibição na televisão alemã.

Primeiro o livro, depois o documentário — é muita coisa de uma vez só.

À noite, sento-me com meu marido à frente da televisão. Bem no início, o filme mostra a minha mãe. Curvo-me para a frente, querendo vê-la direito: como ela está, como se movimenta, como fala? Sou parecida com ela? Seus cabelos estão tingidos, um louro acobreado, e ela parece ansiosa. Gosto da maneira como se expressa. Quando eu era criança, ela era simplesmente a minha mãe. Crianças não registram se alguém é simplório ou culto. Só agora percebo que minha mãe é uma mulher esperta, que diz coisas interessantes.

O documentário exhibe também uma cena-chave de *A lista de Schindler*, na qual uma engenheira judia explica ao recém-nomeado comandante Amon Göth que os barracões do campo de concentração não tinham sido planejados corretamente — por isso, Amon Göth, representado por Ralph Fiennes, manda fuzilar a mulher. Ela ainda diz: “Só estou fazendo o meu trabalho.” Ao que Fiennes, no papel de Göth, responde: “Eu também.”

O documentário me faz lembrar do filme. A cena me deixa assustada, pois mostra de forma bem clara o inimaginável: não existem limites nem inibições no campo de concentração; a razão e a humanidade são abolidas.

O que eu, com minha pele escura, com amigos no mundo inteiro, tenho a ver com esse avô? Foi ele quem destruiu a minha família? A sua sombra caiu primeiro sobre a minha mãe e, agora, também sobre mim? É possível que um morto exerça tamanho poder sobre os vivos? Teria a depressão, que há muito me atormenta, as suas raízes em minhas origens? Foi coincidência ou destino o fato de eu ter morado e estudado cinco anos em Israel? Devo conversar de forma diferente com meus amigos judeus, sabendo agora que meu avô assassinou seus parentes?

Passo a sonhar que nado em um mar escuro, e a água é pegajosa como alcatrão. De repente, emergem cadáveres ao meu lado. Figuras magras, quase esqueléticas, privadas de toda humanidade.

Foi por isso que a minha mãe nunca achou necessário falar comigo sobre as minhas origens? Como ela pôde contar a outros o que eu também precisava saber? Ela nunca me disse a verdade. Mas eu preciso da verdade. Penso na famosa frase de Theodor W. Adorno: “não há vida correta numa vida falsa.” Na época, ele quis dizer outra coisa, mas agora suas palavras me parecem perfeitas para descrever a minha vida.

Nosso relacionamento foi difícil e nossos encontros, esporádicos, mas apesar de tudo isso ela é minha mãe. O livro sobre Monika Göth menciona também o ano de 1970, o meu ano de nascimento. A minha mãe não diz uma única palavra sobre mim; finge que não existo.

Contemplo o tempo todo a foto do livro na qual ela está do jeito como lembro dela em minha infância. No meu âmago, ressurgue uma memória após a outra; a minha infância inteira volta à tona, os sentimentos da época no orfanato — a desesperança e a solidão.

Sinto-me indefesa como uma criancinha desapontada e perco a capacidade de administrar a minha vida.

Quero dormir, apenas dormir, e passo a ficar na cama até o meio-dia. Tudo é demais para mim; acordar, falar, até mesmo escovar os dentes é um fardo. A secretária eletrônica está cheia, e eu não consigo retornar a ligação de ninguém. Não me encontro mais com amigos, recuso convites. O que eu poderia falar, como me forçar a rir? Enxergo a minha família como se ela estivesse por trás dos grossos vidros de uma vitrine. Como posso fazer com que eles me entendam, se eu mesma não entendo o que está acontecendo comigo?

Passo a não conseguir mais suportar quando alguém toma cerveja ao meu lado. Quando sinto o cheiro de cerveja, tenho vontade de vomitar; o cheiro me lembra do primeiro marido da minha mãe. Na maior parte do tempo ele estava bêbado, e nesse estado ele batia nela.

Nas duas semanas seguintes eu quase não saio de casa. Às vezes consigo trocar a calça de moletom por jeans, mas logo no momento seguinte sinto um grande cansaço e me pergunto: para que tomei banho e me vesti se não vou sair de casa?

Meu marido cuida das crianças o máximo possível, e no fim de semana faz a compra semanal no mercado, abastece o freezer e cozinha. Não quero largar meus filhos na frente da televisão à tarde, ou me sentiria uma mãe horrível. Em vez disso, compro na internet uma caixa de Lego — e com as crianças ocupadas durante algumas horas, posso relaxar.

Então, começo a tentar sair novamente e voltar a cuidar da minha família. Mas fracasso nas coisas mais simples. No mercado, a multidão me deixa nervosa, e fico parada, perplexa, diante dos diversos tipos de café. No centro da cidade ainda existe um bom café vietnamita — Götz não prefere esse? E não preciso ir urgentemente até o correio? Vou ao correio, mas a fila está grande demais, então volto às pressas para o mercado, para a prateleira do café. Na verdade, preciso comprar também leite e pão. Mas o almoço é muito mais importante, como eu posso organizá-lo agora, bem rápido? O tempo passa, logo preciso buscar as crianças na escolinha, a pressão me sufoca. A minha cabeça é a minha prisão. Novamente, não consigo fazer nada.

Eu mesma não tive uma boa mãe, e queria dar aos meus filhos o que ela me negara. No entanto, agora sou eu quem os deixa na mão. Faço sanduíches para eles, esquento um prato congelado. Coisas simples e práticas, nada mais que isso. O meu filho mais velho, Claudius, quer ficar perto de mim; ele se aconchega em mim à noite e conversa comigo, falando rápido, sem ponto ou vírgula, sem deixar uma pausa que me permita fugir de novo. Tento me concentrar nele, mas não consigo. Assinto com a cabeça, muito casualmente, para ele pensar que estou ouvindo. Preferiria simplesmente cobrir a cabeça com o cobertor.

Por que o meu destino não me fez descobrir que sou neta de um comediante famoso como Lorient?



Quem tem algum parentesco com Joseph Goebbels, Heinrich Himmler, Hermann Göring ou alguém como Amon Göth é obrigado a se deparar com a história de sua família. Mas o que acontece com todos os outros, os muitos cúmplices anônimos?

O psicólogo social Harald Welzer chegou a uma conclusão em sua pesquisa “Opa war kein Nazi” [Vovô não foi nazista]: a geração dos netos, que hoje tem entre 35 e cinquenta anos, conhece a maioria dos fatos históricos sobre o Holocausto e rejeita de forma mais decidida a ideologia nacional-socialista do que a geração anterior. Contudo, seu olhar crítico se volta apenas para a política, não para a esfera privada; são justamente os netos que minimizam o papel de seus antepassados, e dois terços dos entrevistados os transfiguram como heróis da resistência ou vítimas do regime nazista.

Muitos não sabem o que os próprios avôs fizeram. O Holocausto é para eles uma parte da matéria escolar, a história de vítimas ritualizada em filmes e na televisão, mas não a história da própria família, a sua própria história. Tantos avôs inocentes, tantos segredos familiares reprimidos. E quando as últimas testemunhas da época estiverem mortas, será tarde demais para os netos finalmente perguntarem o que de fato aconteceu.



Quando criança, eu olhava no espelho e percebia imediatamente que era diferente; via a minha pele escura e o meu cabelo encaracolado. Ao meu redor, havia apenas loiros: os meus pais e os meus dois irmãos adotivos. Eu, ao contrário, era uma criança grande, com pernas finas e cabelos pretos. Na época, na década de 1970, eu era a única menina negra em Waldtrudering, um bairro tranquilo e arborizado de Munique, onde vivia com a minha família adotiva. Na aula, eles cantavam “Zehn kleine Negerlein” [Os dez negrinhos]. Eu desejava ardentemente que ninguém se virasse e olhasse para mim, que ninguém percebesse que eu realmente não me encaixava.

Desde aquele dia na biblioteca, sempre que olho no espelho procuro encontrar semelhanças. Fico horrorizada pelo fato de fazer parte da família, por ser uma Göth; tenho os mesmos traços entre o nariz e a boca, tanto da minha avó como do meu avô. Por um momento, penso: preciso fazer

preenchimento dessas rugas, tirá-las a laser, arrancá-las!

Sou alta como a minha mãe e como o meu avô. Quando Amon Göth foi enforcado após o fim da guerra, o carrasco precisou encurtar a corda duas vezes — ele subestimara a altura de Göth.

Existe uma filmagem histórica que mostra como meu avô foi executado — foi necessário documentar que ele realmente estava morto. Foram necessárias três tentativas para quebrar seu pescoço. Quando vejo essa cena, não sei se rio ou se choro.

Meu avô era um psicopata, um sádico. Ele representa tudo o que eu rejeito; que tipo de homem é esse, que se alegra em torturar e matar outras pessoas das formas mais engenhosas possíveis? Minhas pesquisas não revelam qualquer explicação do motivo de suas ações. Quando ele era criança, parecia ser totalmente normal.

A questão do sangue me assombra: o que herdei dele? A sua irascibilidade transparece em mim e nos meus filhos? O livro sobre minha mãe conta que ela esteve numa clínica psiquiátrica, e menciona também que minha avó guardava pequenos comprimidos cor-de-rosa com o nome “Omca” no armário do banheiro. Descubro que é um remédio psicotrópico utilizado no tratamento de depressão, transtornos de ansiedade e alucinações.

Não confio mais em mim mesma; será que vou enlouquecer também? Será que já estou louca? À noite, acordo com sonhos terríveis. Num dos sonhos, encontro-me numa clínica psiquiátrica e fujo pelos corredores, pulo de uma janela para o pátio, e finalmente consigo escapar.

Marco uma consulta com a terapeuta que já me tratou por conta da depressão no passado, quando eu ainda vivia em Munique, e viajo para a Baviera.

Ainda há tempo antes da consulta, e vou até o bairro pobre de Munique chamado Hasenberg. Minha mãe biológica morava ali. Às vezes, ela me buscava nos fins de semana e me levava para a casa dela. O prédio continua o mesmo, apenas a fachada está mais colorida e o bege acinzentado e manchado foi coberto de amarelo e laranja. Nas sacadas há roupas estendidas, e o lixo se espalha pelo gramado. Fico parada em frente ao prédio no qual minha mãe vivia. Alguém sai do edifício e segura a porta para mim. Percorro os andares, tento me lembrar em qual ela morava, provavelmente no segundo. Sinto uma ansiedade familiar; nunca me senti à vontade nesse lugar.

Em seguida, sigo de metrô até Schwabing, atravesso o Josephplatz com a sua antiga igreja e sigo até a Schwindstrasse. Em uma casa velha com castanheiras no quintal fica a antiga residência da minha avó. A porta da casa está aberta, subo as escadas de madeira. Minha avó foi a primeira pessoa que me deu conforto e segurança. Contudo, o livro sobre minha família anulou o sentimento positivo que eu tinha por ela. Quem foi essa mulher que, durante um ano e meio, viveu ao lado do meu avô em um casarão no terreno do campo de concentração de Plaszow?

Além da terapeuta, também agendei uma reunião com o serviço de proteção ao menor. A funcionária é muito simpática e se esforça para me ajudar. Posso ler apenas uma parte dos prontuários. Pergunto a ela se em algum lugar está documentado se eu, quando criança, tive distúrbios psíquicos.

O que é conhecimento comum para as outras pessoas, eu não sei: quando um médico me perguntava quais doenças ocorreram em minha família, nunca sabia responder. Também não sei se eu, quando bebê, usava chupeta, que músicas eu gostava de cantar ou qual foi o meu primeiro bicho de pelúcia. Não tive uma mãe a quem pudesse perguntar.

A mulher do serviço de proteção ao menor diz que não, nos prontuários não há nada sobre qualquer comportamento estranho; aparentemente, fui uma criança feliz, com desenvolvimento normal.

Ainda consigo chegar pontualmente ao consultório da minha ex-terapeuta. Quero saber dela qual foi o seu diagnóstico na época — eu era apenas depressiva ou apresentava distúrbios mais graves? Pareço normal para ela agora? Ela me acalma e diz que diagnosticara em mim apenas uma depressão, nada além disso. Mas confessa que se considera incapaz de tratar o meu problema atual e me indica um colega em Munique, Peter Bründl.



O psicanalista Peter Bründl se lembra muito bem de Jennifer Teege: “Apareceu aqui uma mulher alta, confiante, que fazia uma pergunta específica: como devo lidar com a minha história?” Bründl, um senhor já idoso de terno preto e de barba cheia e grisalha, com um consultório num casarão antigo de Munique, teve alguns netos de criminosos nazistas como pacientes. Ele diz: “Violência e brutalização têm efeitos profundos nas gerações seguintes. O que causa a doença não são os crimes em si, mas sim o silêncio sobre eles. Essa conspiração desastrosa do silêncio nas famílias dos criminosos costuma perdurar por gerações.”

A culpa não pode ser herdada, mas os sentimentos de culpa, sim. Segundo Bründl, os filhos dos criminosos repassam medos, sentimentos de vergonha e culpa de forma inconsciente aos seus filhos. Isso afeta mais famílias na Alemanha do que se pode imaginar.

De acordo com o psicanalista, o caso de Jennifer Teege é especial, porque ela sofreu um trauma duplo: “A adoção e, mais tarde, a descoberta da sua história familiar.”

Peter Bründl comenta: “É terrível o que a senhora Teege passou. A sua criação já foi um desafio: a mãe, Monika Göth, teve uma filha com um nigeriano. Em Munique, no início da década de 1970, isso

era algo altamente incomum — e inédito para a filha de um comandante de campo de concentração.”

Muitas vezes, os netos de nazistas o procuravam por motivos totalmente diversos, segundo Peter Bründl; por causa de uma depressão, infertilidade, distúrbios alimentares ou medo de fracassar profissionalmente. Peter Bründl incentivava-os a pesquisar o seu passado a fundo e destruir os sistemas de mentira: “Depois disso, conseguem viver a sua vida, de forma autêntica.”



O senhor Bründl me encaminha ao Instituto de Psiquiatria da Clínica Universitária de Hamburgo. No entanto, o especialista que ele me recomenda não está disponível. Cada dia que preciso esperar aumenta o desespero. Sei que preciso de ajuda profissional e que estou ficando insuportável para os outros. Às vezes perco as estribeiras, e grito com Götz ou com as crianças. Não consigo me recompor, não consigo me manter no prumo.

Certa manhã, começo a chorar assim que acordo, e os meus filhos me perguntam: “Mamãe, o que foi?” “Nada”, respondo soluçando, e vou para a emergência psiquiátrica do Hospital Universitário de Hamburgo. O médico de plantão prescreve antidepressivos, e começo a tomá-los no mesmo dia.

Nas próximas semanas, fico superficialmente estabilizada. Então, finalmente, consigo uma consulta com o terapeuta recomendado. Ele me espera em um sóbrio gabinete de professores, e reconhece minha urgência interna. Quando conto minha história para ele, ele chora comigo. Sinto-me protegida. Meu terapeuta nunca mais choraria, mas me acompanharia pelos próximos meses.

Volto a fazer *cooper*. Sempre gostei de ficar sozinha, viajar sozinha, correr sozinha. Há um trecho no Niendorfer Gehege, uma área florestal em Hamburgo de que gosto muito. Começo à sombra da floresta, corro pelos campos, passo pela campina dos cavalos. Depois disso, atravesso parte de uma *Kleingärstensiedlung*, um loteamento público de jardins, com anões entre os canteiros de flores; esse mundo de aparência sã me comove. Depois disso, minha mente está mais leve.

Minha família adotiva ainda não sabe de nada. No Natal, quero finalmente contar a eles. Nós nos encontramos em Munique, na casa dos meus pais adotivos.

O meu presente de Natal, para cada um deles, é um exemplar do livro sobre a minha mãe e uma biografia de Amon Göth em um volume, um livro grosso, escrito por um historiador vienense.

Meus pais adotivos, Inge e Gerhard — já não consigo mais chamá-los de papai e mamãe — ficam surpresos e chocados. No início, logo após a descoberta do livro, suspeitei que eles soubessem de tudo sobre a minha família biológica e que apenas não tinham dito nada para não me incomodar. Suspeitei que também haviam me enganado. Entretanto, percebi rapidamente que eles não teriam escondido de mim algo tão essencial. A reação deles então confirma esse pensamento: eles também não sabiam de nada.

Meus pais adotivos sempre tiveram dificuldades de falar sobre sentimentos. Nesta ocasião, eles se refugiam em detalhes acadêmicos: na biografia de Amon Göth faltam notas de rodapé, critica meu pai adotivo. Pergunta se o número de mortos bate com o de outras fontes. Minha vida está um caos — e eles discutem as notas de rodapé! Meus irmãos adotivos, Matthias e Manuel, por sua vez, entendem prontamente o que aquele livro significa para mim.



A mãe adotiva de Jennifer Teege, Inge Sieber, ainda se lembra de como Jennifer se sentou no sofá naquela noite de Natal e tentou encontrar as palavras certas: “Jenny anunciou que tinha algo importante para nos falar. Mas primeiro ficou muda, apenas nos encarando, e de repente ela começou a chorar. Pensei que algo ruim estava acontecendo.” Quando Inge Sieber soube da história toda, não sabia como lidar com aquilo: “Foi como se nos tirassem o chão, de mim e do meu marido.”

O irmão adotivo de Jennifer Teege não conseguiu dormir naquela noite de Natal: “O destino de Jenny me deixou preocupado. Esse livro lhe abriu outro mundo. A outra metade de sua vida. Agora, ela sabia de onde vinha. Ela pesquisou muito sobre o avô e mais ainda sobre as mulheres da família, a sua avó e a sua mãe.”

De repente, Jennifer não se via tanto como filha dos pais adotivos, mas mais como parte de sua família biológica. Aquilo magoou muito seus pais adotivos, acredita Matthias.

Ele mesmo se preocupou apenas com a irmã: “Eu jamais a tinha visto tão deprimida, tão arrasada. Sempre a vi como uma mulher forte. De nós três, ela sempre foi a mais corajosa, a mais autoconfiante.”



Além do meu marido, o meu irmão Matthias se torna o meu interlocutor mais importante durante os meses seguintes, e sempre pesquisa novos detalhes sobre a família Göth.

Minhas amigas israelenses, Noa e Anat, mandam e-mails: “Jenny, onde você se enfiou? Por que

não dá sinal de vida?” Eu não respondo. Faltam-me forças e palavras. Não quero magoá-las. Nem sei exatamente onde elas perderam seus parentes durante o Holocausto. Preciso perguntar a elas. E se disserem “Foi no campo de concentração de Plaszow”?

As vítimas de Amon Göth, para mim, não são entidades abstratas, não são um número anônimo. Quando penso nelas, vejo os rostos dos idosos que encontrei durante o meu período de estudos no instituto Goethe, em Israel, sobreviventes do Holocausto que queriam voltar a falar e ouvir a língua alemã, a língua de sua terra natal. Alguns tinham problemas de visão, e eu costumava ler para eles jornais e romances alemães. Em seus antebraços, eu via as tatuagens com o seu número do campo de concentração. Foi a primeira vez que encarei minha nacionalidade alemã como algo ruim, como algo pelo qual eu precisava pedir desculpas. Mas a minha pele escura me disfarçava bem. Ninguém percebia que eu era alemã.

Como aqueles idosos me receberiam se soubessem que sou neta de Amon Göth? Talvez não quisessem mais ter contato comigo. Talvez o reconhecessem em mim.

Meu marido me diz: “Encontre o endereço da sua mãe e confronte-a com sua raiva, com suas perguntas. E diga de uma vez por todas às suas amigas em Israel o que está acontecendo.”

“Ainda não”, respondo. Preciso pensar, e ainda preciso visitar alguns túmulos, em Cracóvia.

Capítulo 2

O senhor do campo de concentração de Plaszow: o avô, Amon Göth

“Quando ele gostava de alguém, essa pessoa vivia. Quando não gostava, ela morria.”
— Mietek Pemper, ex-secretário de Amon Göth

Com cuidado, ando passo a passo. O chão treme sob meus pés, o assoalho apodrecido estala e cede a cada passo que dou. O local é frio e úmido, cheira a mofo. Tudo está tão abandonado. Aquilo lá no canto são fezes de rato? Não há muita luz. Pouca luz, pouco ar. Estou nervosa. Sigo adiante, cuidadosamente, pela casa do meu avô, sobre os tacos escuros em padrão “espinha de peixe” no antigo quarto de caça. Na época, Amon Göth pendurara aqui uma placa com o dizer: “Quem atira primeiro aproveita mais da vida.”

Quero ver a casa na qual viveram meus avós. Uma guia turística polonesa, cujo endereço encontrei na internet, me explicou que a casa ainda existia. Agora pertence a um aposentado polonês, que mora ali e às vezes mostra a casa a visitantes individuais. A guia ligou para o homem e marcou uma visita para mim.

A única casa em ruínas na calma rua Heltmana, no bairro Plaszow, em Cracóvia, chama a atenção entre residências bem-cuidadas. Algumas janelas estão quebradas, e as cortinas, sujas. Quem passa por ela acredita que está desabitada. Na parte da frente do casarão há uma grande placa: “*Sprzedam*” [Vende-se].

A porta de entrada ainda é bonita; o vermelho escuro está apenas levemente desbotado, e a madeira preservou os seus ornamentos. Um homem idoso e desgredado abre a porta e me conduz por uma escadaria estreita. A guia de turismo, Malgorzata Kierez — ela pede que a chame simplesmente de Malgorzata —, traduz o polonês para mim. Não contei a Malgorzata qual é a minha ligação com a casa, e ela acredita que sou uma turista com interesses históricos.

Olho ao redor. O reboco está caindo das paredes, e não há nenhum móvel. Além disso, o frio faz os ossos tremerem. O fedor é insuportável. O teto é sustentado por traves de madeira. Espero que a casa não desabe, soterrando-me sob seus escombros. Paredes instáveis, e entre elas o passado.

Um ano se passou desde que encontrei o livro sobre a minha mãe na biblioteca. Desde então, li tudo o que pude encontrar sobre meu avô e sobre o período nazista. Ele me persegue em meus pensamentos, penso nele sem cessar. Vejo-o como avô ou mais como uma figura histórica? Para mim, ele é ambas as coisas: o comandante Amon Göth, de Plaszow, e o meu avô.

Quando jovem, eu me interessava muito pelo Holocausto. Com a minha turma da escola de Munique, visitei o campo de concentração de Dachau. Eu devorava os livros sobre o nacional-socialismo: *Als Hitler das rosa Kaninchen stahl* [Quando Hitler roubou o coelho rosa], *Ein Stück Himmel* [Um pedaço do céu], *O diário de Anne Frank*. Eu via o mundo com os olhos de Anne Frank, sentia seus medos, mas também seu otimismo e sua esperança.

Os professores de história na minha escola mostravam-nos documentários sobre a libertação dos campos de concentração; olhávamos para as pessoas que, naquele momento, eram meros esqueletos. Eu lia sem parar, queria saber o que motivara os criminosos, queria descobrir como uma pessoa podia fazer aquele tipo de coisa. Em algum momento, parei: havia explicações, claro, mas eu nunca as entenderia por completo. Decidi que o tema estava encerrado para mim, que eu nunca poderia me comportar daquele jeito. Sou diferente, os alemães de agora são diferentes.

Durante minha primeira estadia em Israel, com pouco mais de vinte anos, voltei a ler bastante sobre o nazismo. Mas mesmo lá, onde diariamente encontrava as vítimas e os seus filhos e netos, havia temas mais importantes. Havia lido tanto, interrogado tantas pessoas sobre o assunto, que acreditava saber tudo sobre o Holocausto. Passei então a me interessar muito mais pelo aqui e o agora, pelo conflito com os palestinos, pelo risco de guerra.

Acreditava saber tudo, mas agora, já quase aos quarenta anos, volto para a estaca zero.

Entre os primeiros livros que leio se encontra o clássico de 1967 *Die Unfähigkeit zu trauern* [A incapacidade de se entregar ao luto], de Alexander e Margarete Mitscherlich. Gosto da abordagem dos dois: eles fixam o olhar no íntimo do ser humano, tentam entender sem julgar. Como psicanalistas, sempre lidaram com pacientes que, antes de 1945, atuaram na SS ou em outras organizações nazistas. Essas pessoas não pareciam sentir arrependimento ou vergonha; elas e outros alemães seguiam normalmente com a vida, como se o Terceiro Reich nunca tivesse acontecido. Leio o livro sabendo agora da minha história. Penso na minha avó, que negara os atos de Amon Göth até o fim.

Desde a conclusão à qual os Mitscherlich chegaram no final dos anos 1960, muita coisa mudou, e

o passado alemão era negado, a própria culpa reprimida; na verdade, a nação inteira teria precisado de terapia.

Leio também os livros de outros descendentes de nazistas, como Richard von Schirach, filho de Baldur von Schirach, líder da juventude nazista, ou de Katrin Himmler, sobrinha-neta do comandante da SS, Heinrich Himmler. Interesse-me pelas suas histórias familiares, busco semelhanças. Começo a observar, perguntar a todos à minha volta; o padrasto vienense da minha mãe adotiva esteve com Erwin Rommel na África. Durante as longas caminhadas nas montanhas que fazia comigo e as outras crianças, ele contava histórias daquela época, aventuras emocionantes de bravos combatentes no deserto. De manhã, bebiam a água que se acumulara nas abas das barracas durante a noite. Certa vez, precisaram desenterrar um carro das areias de uma duna. No início, acreditávamos que o “vô vienense”, como nós o chamávamos, tinha sido o motorista pessoal de Rommel, mas ele dizia que foi apenas motorista no *Africakorps*, a missão alemã na África. Em algum momento, os ingleses “o pegaram”, e ele nos contava em seu dialeto vienense como se tornara prisioneiro de guerra. Contava-nos também uma história de terror: na guerra, um soldado foi assassinado, decapitado, e depois disso ainda caminhou por alguns instantes sem cabeça, como uma galinha agitada. Quando crianças, gostávamos do arrepio que essa história nos causava.

O vô vienense só falava bem do seu chefe. Rommel, a esperta raposa do deserto, um nazista decente? Uma lenda. O que a minha família adotiva estava escondendo?

Lembro-me novamente das discussões com o meu pai adotivo. Ele se engajava socialmente, era da esquerda e participava do movimento em defesa da paz. Quanto ao Holocausto, porém, ele não parava de questionar se o número real de vítimas não teria sido menor. Discutia acaloradamente com amigos sobre esse assunto. Os meus irmãos adotivos e eu achávamos aquela discussão desnecessária e não entendíamos por que a questão era tão importante para o nosso pai.

De repente, fico insegura: sou mesmo tão diferente, toda essa história realmente ficou para trás? O que significa para mim e para a nossa época que o meu avô tenha sido um criminoso de guerra?

Minha percepção se altera: eventos que aconteceram há muito tempo de repente ficam próximos. Li tanto nos últimos meses e vi tantos filmes, que tudo parece recente. Para mim, essa história antiga também é muito recente. Durante as minhas excursões ao mundo do meu avô, parece-me com frequência que os seus crimes aconteceram no dia anterior.

Agora estou em Cracóvia, neste casarão fétido. Não sei exatamente o que faço nesta casa, nesta cidade. Faz mesmo sentido eu estar aqui? Sei apenas que precisava ter vindo. Pouco antes, estive no hospital e sofri um aborto.

Sinto-me exausta e triste. Meu terapeuta tentou me dissuadir, aconselhou-me a não viajar para Cracóvia naquele estado. Mas eu queria fazer essa viagem de qualquer forma. Primeiro, viajei até Varsóvia, e em seguida fui de trem até Cracóvia, a cidade em que meu avô adquirira notoriedade. A cidade sobre a qual caiu uma chuva de cinzas quando ele mandou queimar os restos de milhares de mortos antes do fim da guerra.

Quero ver onde meu avô praticava seus assassinatos. Chegar bem perto dele, para então me distanciar.

O senhor nos mostra, então, com gestos grandiloquentes, a antiga lareira no térreo. Ali aconteciam os banquetes. Ali eles se sentavam, o meu avô e outros nazistas, e tomavam aguardente e vinho. Oskar Schindler também estava entre eles. O senhor me leva até a sacada. Ele mostra que meu avô fez uma reforma na casa, mandou construir sacadas e terraços novos. Aparentemente, a vista das áreas verdes era importante para ele.

A casa deve ter sido bonita no passado, e o seu estilo me agrada. Será que meu avô planejou as reformas? Ele se interessava por arquitetura, como eu? Por que me pergunto se temos gostos parecidos? Amon Göth não é um avô no qual uma pessoa tentaria se reconhecer. Em vista de seus atos, todo o resto passa para o segundo plano. Li no livro sobre minha mãe que, muito tempo após a guerra, minha avó elogiou os modos que Amon Göth tinha à mesa. Aparentemente, ele era um homem sofisticado.



Um comandante de campo de concentração que dava muito valor à etiqueta.

Emilie Schindler, mulher de Oskar Schindler, diz que Amon Göth tinha uma “personalidade dividida”: “Por um lado, parecia um cavalheiro, como todo vienense, e por outro infligia o terror em seus prisioneiros judeus o tempo todo. Era capaz de matar a sangue frio e, ao mesmo tempo, percebia um tom errado num disco de música clássica, que ouvia ininterruptamente.”

Amon Leopold Göth nasceu em 11 de dezembro de 1908, em Viena, filho único de uma família católica de editores. Seus pais, Bertha e Amon Franz Göth, deram-lhe o mesmo nome de seu pai e de seu avô, Amon. No Antigo Egito, era o nome do deus com cabeça de carneiro, o deus da fertilidade. Segundo a Bíblia, Amom era um rei de Judá, que fazia sacrifícios aos deuses e foi morto por seus servos. Em hebraico, o nome Amom significa “trabalhador fiel”, e também “filho do meu povo”.

Os pais de Amon Göth vinham de famílias humildes, mas ganharam o suficiente com a venda de livros para sustentar uma casa num bairro de classe média, contratar uma empregada e até para comprar um carro. Os Göth vendiam literatura religiosa, imagens de santos e cartões postais. Logo

começaram também a publicar obras, livros histórico-militares, nos quais lamentavam as vítimas alemãs da Primeira Guerra Mundial. O pai de Amon Göth sempre viajava a trabalho, sua mãe dirigia a editora, e a tia, que não tinha filhos, cuidava do pequeno.

Amon, apelidado de “Mony”, frequentava uma escola católica particular. Não era um bom aluno. Por fim, seus pais o mandaram para um rígido internato católico no interior do país. O historiador e biógrafo de Göth, Johannes Sachslehner, especula que a “tendência a gracejos estranhos e sádicos” da sua vida adulta poderia ter sua origem nas experiências daquela época. Porém, não há provas disso.

Amon Göth deixou o internato após o décimo ano, contra a vontade dos pais, e aprendeu o ofício de vendedor de livros na empresa da família. Já aos 17 anos, ele se entusiasmava com as ideias nacionalistas de direita, afiliando-se a organizações juvenis fascistas na Áustria. Era atlético e impulsivo — características que eram bem-vistas por seu novos amigos.

Em 1931, tornou-se membro do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o NSDPA; um ano depois, entrou na SS, organização paramilitar do NSDPA.

A Schutzstaffel de Heinrich Himmler, responsável pela perseguição das pessoas e pelos genocídios nos campos de concentração, era considerada uma unidade de elite: “Os melhores dos melhores, os mais nazistas de todos”, assim resumiu o jornalista Stephan Lebert de forma certa o espírito dessa tropa. Em 1966, o escritor Hans Egon Holthausen escreve em sua confissão autobiográfica, *Freiwillig zur SS* [Voluntário da SS]: “A organização, em seu uniforme preto com o emblema da caveira [...] era considerada uma seleção, era vista como chique, elegante, e por isso era a preferência de muitos jovens exclusivamente recrutados, porque se consideravam refinados demais para andar por aí com os trajes cáqui da SA, a milícia paramilitar nazista.”

O jovem Amon Göth, sem sucesso na escola, sob pressão constante dos pais, também podia se sentir um pouco melhor na SS. Mais tarde, sua companheira Ruth Irene Kalder contou que os pais dele o negligenciaram quando criança, e ele desdenhava dos valores burgueses nos quais eles tentaram educá-lo. Assim, voltou por pouco tempo para a empresa familiar, publicou com seu pai literatura militar de sucesso, e até mesmo casou com uma mulher que os pais, preocupados com o filho selvagem, lhe apresentaram, e que ele não amava. Contudo, esse “casamento arranjado” logo foi desfeito.

Um oficial da SS, porém, precisava ter uma família. Então, Amon Göth casou-se uma segunda vez, com a esportista tirolesa Anna Geiger, que ele conhecera em uma corrida de motocicleta. Como o objetivo do casamento era, acima de tudo, a procriação de prole saudável “ariana”, o casal precisou submeter-se a uma série de testes da SS antes do matrimônio, como, por exemplo, serem fotografados em roupas de banho para demonstrar a sua perfeição corporal. A cerimônia de casamento foi realizada por um oficial da SS. Logo Anna Göth teve um filho, mas o bebê morreu dentro de poucos meses. Poucas semanas depois disso, em março de 1940, Amon Göth se alistou na Waffen-SS e partiu de Viena para a Polônia. Era ambicioso e fez carreira rapidamente. Primeiro, recebia apenas tarefas administrativas. Uma avaliação de 1941 dizia que ele era um “oficial da SS disposto a se sacrificar e pronto para ser utilizado”, “apropriado para um cargo de comandante da SS” e também correspondia à “perspectiva geral ariana”. Em 1942, Amon apresentou-se para o seu serviço em Lublin, na Polônia. Sua missão era ampliar o campo de trabalho para que os trabalhadores forçados judeus pudessem ser levados para lá.

Em 1943, Heinrich Himmler fez seu famoso discurso diante dos comandantes da SS, no qual ele propagava a ideologia do ódio pela humanidade: “Não me importa se os outros povos vivem na riqueza ou se perecem de fome, isso me interessa apenas na medida em que podemos utilizá-los como escravos para a nossa civilização [...]. O fato de dez mil mulheres russas morrerem de exaustão durante a construção de um fosso antitanques me interessa apenas para que o fosso antitanques esteja pronto para a Alemanha [...]. Quero aqui [...] mencionar também um tema muito difícil. [...] Falo agora da evacuação judaica, a erradicação do povo judeu. [...] A maioria dos senhores sabe o que significa ver cem cadáveres juntos, ver quinhentos ou mil corpos juntos. O fato de termos aguentado isso e, ainda assim — exceto por alguns casos de fraqueza humana —, permanecido decentes: foi isso que nos tornou fortes.”

Amon Göth logo deu provas de sua firmeza. Na SS, ele aprendeu a matar.



No primeiro andar, o velhote destranca o antigo quarto de casal. Há ganchos no teto. “Amon devia fazer os seus exercícios físicos ali”, afirma o aposentado. “Talvez”, ele continua e pisca para mim, “também possuísse algemas para os seus jogos de amor”.

Saio para a sacada, olho para a colina coberta de arbustos. O vento frio sopra no meu rosto. É um dia chuvoso de outubro. O campo de concentração faz fronteira com a casa, protegida por arame farpado e torres de observação. Meu avô mantinha seus prisioneiros diante dos olhos, e precisava dar poucos passos para chegar ao trabalho. Aquela foto desfocada de Amon Göth no livro sobre minha mãe, em pé na sacada com a boca aberta, o torso nu e a arma na mão, vestindo apenas bermudas, quem a tirou? Minha avó? Amon Göth devia sentir muito orgulho de suas armas de fogo,

pois gostava de levá-las consigo. Isso impressionava minha avó ou a amedrontava? O que ela sabia e o que escondeu? Não consigo imaginar que ela vivia naquela casa sem perceber o que acontecia no campo. Amon Göth supostamente batia em suas serviçais. Minha avó também deve ter presenciado algo, ou ao menos ouvido falar que isso acontecia. O casarão não é tão grande assim.

Quando cheguei a Cracóvia na noite anterior, a caminho do hotel, passei pelo castelo Vavel, a antiga residência dos reis poloneses no alto do Vístula. O castelo estava lá, todo iluminado. Hans Frank, governador de Hitler na Polônia, aquartelou-se lá após a invasão dos alemães, e vivia em luxo, cercado por serviçais, compositores e jogadores de xadrez contratados. Posso imaginar como Frank residia ali, como deve ter se sentido poderoso com aquele castelo maravilhoso e a sua bela vista de Cracóvia.

A casa de Amon Göth, por sua vez, parece normal, quase modesta. Eu a imaginava maior, mais pomposa. Para mim, é difícil acreditar que aqui aconteciam recepções glamorosas, e que nessa casa vivia um homem que era senhor da vida e da morte de milhares de pessoas. Um homem que tirava proveito de seus poderes ilimitados, que celebrava e encenava sarcasticamente esses poderes.



“Sou o seu deus”, disse Amon Göth no seu primeiro discurso aos prisioneiros como comandante do campo de concentração de Plaszow. “Cuidei de sessenta mil judeus no distrito de Lublin, agora é a sua vez.”

Em Lublin, na Polônia, Amon Göth trabalhou para Odilo Globocnik, oficial da SS conhecido por sua brutalidade, que Heinrich Himmler incumbiu do assassinato dos judeus na Polônia ocupada. Globocnik executou o que Hans Frank havia formulado como objetivo em dezembro de 1940: “É claro que, em um ano, não consegui me livrar de todos os carrapatos, tampouco de todos os judeus. Mas, com o passar do tempo [...] esse objetivo será alcançado.”

Deportações e assassinatos em massa de judeus poloneses já estavam acontecendo havia bastante tempo quando a “Solução Final”, o assassinato dos judeus europeus, foi estrategicamente elaborada na Conferência de Wannsee, em 20 de janeiro de 1942.

O chefe de Göth, Odilo Globocnik, foi um dos responsáveis pela ampliação dos campos de concentração e pela construção das câmaras de gás. Em cooperação com Adolf Eichmann, ele planejou o assassinato em série de milhões de pessoas. Na Polônia, os seguintes campos de extermínio foram colocados em operação: Belzec, Sobibor e Treblinka.

Logo, Odilo Globocnik destacou Amon Göth para “limpar” os guetos. Limpar significava que os habitantes saudáveis do gueto eram separados para o trabalho forçado. Todos que eram fracos ou estavam doentes demais para trabalhar eram executados a tiros, inclusive as crianças e os mais velhos. O historiador Johannes Sachslehner escreve: “São caçadas humanas sangrentas que acontecem conforme um esquema testado e aprovado. [...] Entre eles está Amon Göth, que logo assume funções de liderança.”

A essa altura, Göth descobriu o lado lucrativo do genocídio: os judeus que podiam lhe oferecer objetos de valor, como peles, porcelana ou joias, não eram assassinados de imediato, mas “podiam” ir para o campo de trabalhos forçados.

Nessa época, Amon começou também a beber em excesso. Então, o ambicioso Göth recebeu novas tarefas: deveria liderar a dissolução do gueto de Cracóvia e construir um campo de trabalho em Plaszow. Aos amigos e ao pai em Viena ele escreve: “Agora, finalmente, sou o meu próprio comandante.”

Na sequência, foi promovido dentro da SS, de Untersturmführer [segundo tenente] para Hauptsturmführer [capitão], uma ascensão rápida e incomum.

Em 13 e 14 de março de 1943, ele mandou evacuar o gueto de Cracóvia. Cerca de mil pessoas foram assassinadas nesses dois dias; aproximadamente quatro mil foram deportadas, muitas para Auschwitz.

Amon Göth mandou levar os sobreviventes para o seu reino, Plaszow, primeiro campo de trabalho, mais tarde campo de concentração. O campo tinha oitenta hectares. Os ocupantes alemães o haviam construído sobre um cemitério judeu. Ergueram os seus barracões sobre túmulos destruídos, e com as lápides pavimentaram as ruas do campo de concentração.



O senhor me leva até o porão. “Aqui o comandante armazenava o vinho”, diz ele. Então aponta, todo orgulhoso, para uma banheira enferrujada, “a autêntica banheira de Amon Göth.”

Na frente da adega de vinhos ficava o quarto das empregadas e ao lado, a cozinha. Ou seja, o porão era o lugar de Helen Rosenzweig, como se chamava a antiga empregada judia do documentário americano que vi na televisão, no dia após a descoberta do livro. Helen Rosenzweig conheceu a minha mãe nesta casa. No fim das contas, foi um encontro triste; Helen fica chocada ao ver o quanto a minha mãe se parece com Amon Göth.

Embora as duas tenham se esforçado, não conseguiram desenvolver uma relação, pois a história

se interpôs entre elas. Helen enxergou Amon Göth na minha mãe.

No filme, quando minha mãe procura explicações para os atos de Amon Göth, Helen explode, furiosa: “Ele era um monstro. Ele ria e assobiava quando voltava dos assassinatos. Tinha compulsão por matar, como um animal. Isso era muito evidente.”

Meu irmão Matthias me deu o documentário em DVD para que eu pudesse assisti-lo sempre que quisesse. Primeiro, prestei atenção apenas em minha mãe, observando-a com cuidado, analisando seu rosto, interpretando suas palavras. Deixei Helen apenas em segundo plano. No início do filme, minha mãe envia uma carta para Helen e nela pede um encontro. Ela escreve que pode imaginar que Helen tenha receio daquele encontro, pois também tem medo de ficar diante dela.

No início, não me interessei tanto pelo conteúdo da carta. Pergunto-me apenas por que minha mãe perdeu tempo redigindo uma carta a Helen, mas não me escreve. Por que se compadece de Helen, mas não da própria filha? Somente aos poucos meus sentimentos abrandam e enxergo Helen: como esta, cheia de medo, chega ao casarão que para ela fora uma prisão terrível, depois de tantas décadas, e como as lembranças ainda a torturam. Ela conta como Amon Göth espancava suas empregadas e as jogava das escadas, gritando: “Vagabunda, puta, judia imunda!”

O namorado judeu de Helen pertencia a um grupo de resistência no campo de concentração, e foi assassinado por Göth. Ela fala também do homem que amou após o final da guerra, um sobrevivente dos campos de concentração, como ela. Ficaram casados por 35 anos, viveram na Flórida e tiveram filhos. No entanto, seu marido não conseguia esquecer o campo de concentração e, um dia, ele se matou. Em sua carta de despedida, disse: “As lembranças me perseguem todos os dias. Não aguento mais.”

Estou no porão do meu avô, no quarto escuro de Helen; apenas uma janela estreita ilumina o local, e se vê parte do jardim. Ali ela ficava aquecida, não tinha que dormir sobre a palha em um barracão com correntes de vento e, certamente, também recebia mais comida do que os outros prisioneiros. Não precisava realizar nenhum trabalho pesado na pedreira, como a maioria das outras mulheres no campo de concentração. Ela usava um vestido preto e um avental branco e servia assados e vinho. E vivia sob o mesmo teto que uma pessoa que poderia matá-la a qualquer momento. Ela acreditava que morreria naquela casa.



“Quem viu Göth, viu a morte”, disse um sobrevivente sobre ele. O campo de concentração de Plaszow lhe serviu como palco para sua crueldade.

Existem muitos relatos de testemunhas da época sobre os seus atos. O secretário judeu de Göth, Mietek Pemper, descreveu como certa vez o comandante, no meio de um ditado, de repente pegou a arma, abriu a janela e atirou contra os prisioneiros. Pemper ouviu os gritos, e então Göth voltou à escrivaninha e perguntou num tom impassivelmente calmo: “Onde paramos?”

“Sempre voltava satisfeito das matanças”, assim descrevem as testemunhas oculares, “relaxado e bem-humorado”. Quando assassinava uma pessoa, em seguida mandava matar também os parentes, porque não queria pessoas “insatisfeitas” no campo de concentração.

Stella Müller-Madej, ex-prisioneira em Plaszow, escreve sobre Göth em suas memórias: “Quando não gostava de alguém, agarrava a pessoa pelos cabelos e dava um tiro nela de imediato. Era um huno, uma aparição poderosa, imponente, com traços bonitos, suaves e um olhar ainda mais tranquilo. Ou seja, essa era a aparência de um monstro cruel e assassino! Como isso é possível?”

Com as execuções realizadas em público, Göth tentava dissuadir os prisioneiros de qualquer tentativa de fuga ou resistência. Quando enforcava pessoas ou mandava fuzilá-las no Appellplatz, a praça de contagem de prisioneiros, mandava tocar músicas populares, a famosa Schlagermusik. Grupos maiores de pessoas eram, em geral, assassinados em uma colina um pouco mais distante, e embaixo dela uma vala já esperava os corpos.

O campo de concentração de Plaszow cresceu, e os prisioneiros já não vinham mais apenas do gueto de Cracóvia. Sobreviventes de outros guetos, prisioneiros poloneses, ciganos roma e sinti de outros campos, bem como judeus húngaros, também se juntaram aos outros. Esporadicamente eram acomodados no campo de concentração de Plaszow mais de vinte mil prisioneiros. Havia aproximadamente 180 barracões, cercados por quatro quilômetros de arame farpado.

Göth enriquecia com os pertences dos prisioneiros e levava uma vida luxuosa. Um sapateiro judeu era obrigado a fazer um par de novos sapatos sob medida para ele a cada semana, um confeitiro assava tortas até ele engordar. Organizava festas em seu casarão: álcool, música e mulheres garantiam o bom humor dos homens da SS. Göth possuía cavalos de montaria e vários automóveis, gostava de cavalgar seu cavalo branco pelo campo de concentração ou correr com sua BMW pelas curvas das estradas.

Göth também ditava a seu secretário Mietek Pemper cartas para a família em Viena. No entanto, omitia o cotidiano do campo de concentração; pedia notícias ao pai sobre os negócios da editora, à mulher, sobre os filhos: Anna Göth deu luz a Ingeborg e Werner. Quando Amon soube que Werner havia batido em sua irmã, ditou em uma carta à sua mulher: “Essa coisa de bater Werner herdou de mim.”

Testemunhas da época relatam que Göth usava diferentes acessórios, conforme seu humor do dia:

quando usava luvas brancas ou cachecol, além de boina ou chapéu tirolês, os prisioneiros podiam temer o pior. Ele chamava seus dois cães de Rolf e Ralf, um dogue alemão e um mestiço de pastor alemão, e os treinava para atacar pessoas quando ele mandasse.

Em 1944, Göth ordenou que um caminhão levasse crianças do campo de concentração de Plaszow em um transporte¹ para as câmaras de gás de Auschwitz, e mandou tocar uma valsa para abafar os gritos desesperados dos pais. Pode-se dizer que Amon Göth era um personagem perfeito para Hollywood. Assim como por muito tempo Adolf Eichmann foi considerado a incorporação da mente criminosa insensível e irresponsável, Amon Göth era a personificação perfeita, levada às raias do grotesco, do assassino sádico. A imagem do comandante do campo de concentração que se alegrava com a carnificina, em companhia de seus dois cães atizados contra as pessoas, parece um arquétipo sombrio, retirado do poema de Paul Celan, "Fuga sobre a morte". Em seu filme, Steven Spielberg retrata Amon Göth como um psicopata atormentado, brutal e quase ridículo.

Outros filmes e reportagens televisivas sobre Amon Göth são apresentados, em sua maioria, com músicas arrepiantes. Mas seus atos dispensam qualquer música de fundo como acompanhamento.

Os crimes de Amon Göth foram tão monstruosos que parece fácil distanciar-se deles. O historiador e jornalista israelense Tom Segev escreve em sua dissertação sobre os comandantes de campos de concentração: "Certamente não eram alemães como todos os outros alemães, nem nazistas como todos os outros nazistas. Não é a banalidade do mal que os identifica, mas a sua identificação íntima com o mal. A maioria dos comandantes de campos de concentração ingressou no movimento nazista muito cedo [...]; desde o início, eles apoiavam com veemência a política nacional-socialista. Grande parte dos alemães sequer ingressou no NSDAP."

Talvez a análise de Segev seja, apesar de tudo, simples demais. O crítico literário e sobrevivente do Holocausto Marcel Reich-Ranicki objetou ao fato de Adolf Hitler ser representado em filmes apenas como monstro: "É claro que Hitler era um ser humano", disse Reich-Ranicki, e acrescentou: "O que mais seria, um elefante?"

É muito fácil demonizar nazistas proeminentes, identificá-los como animais em um zoológico, chamá-los de brutais e perversos. Dessa forma, não é preciso preocupar-se consigo mesmo, nem com a própria família — e com as muitas pessoas que participaram nas coisas pequenas, aqueles que não recebiam os judeus em suas casas ou passavam rapidamente, sem olhar, quando eles eram espancados e as suas lojas, destruídas.



Amon Göth é chamado de assassino de Plaszow. Sempre me pergunto como ele pôde ser daquele jeito. Não acredito que a infância ou o ódio contra os judeus justifique isso. Acho que é algo muito mais banal; o assassinato era, naquele mundo masculino, uma competição, uma espécie de esporte. Em algum momento, o assassinato de uma pessoa passou a ser visto como a morte de uma mosca. No final, resta o amortecimento completo, e a morte vira apenas entretenimento.

Existe uma história terrível que no início me perseguiu até nos meus sonhos. Amon Göth flagra uma judia que cozinha batatas para os porcos em um grande caldeirão e que, faminta, come uma das batatas. Como punição, ele dá um tiro em sua cabeça e ordena que dois homens joguem a mulher, ainda viva, na água fervente das batatas. Um dos homens se nega, e Göth atira nele também. Não sei se essa história é verdadeira, mas imagino a mulher semimorta diante de mim, estrebuchando na água quente.

A imagem de Amon Göth, indiferente perante os outros, acompanhando execuções com música, usando cachecóis e boinas como acessórios para assassinar e se exibindo naquela casa pequena e patética, seria cômica se não fosse tão triste. Ele tinha uma personalidade narcisista, mas não no sentido de ser apaixonado por si mesmo. Era um narcisista que se sentia esplêndido quando rebaixava e humilhava os outros.

Li sobre como minha avó sempre o idealizara. Amon Göth, para ela, era um homem impressionante, o homem dos seus sonhos.

A essa idealização se contrapõe a imagem que as testemunhas da época tinham dele: um homem irascível, cruel, descontrolado, com uma masculinidade exagerada que precisava decidir e dominar; o uniforme, a disciplina, o patriotismo.

Minha mãe sempre vira nele também o pai, não apenas o comandante do campo de concentração. Ela se sente mais próxima dele, mesmo que não o tenha conhecido; ainda era um bebê quando ele foi enforcado. Os sobreviventes sempre lhe dizem o quanto ela é parecida com ele. Como isso deve ser terrível para ela.

Será que também me pareço? Eu me distancio dele pela cor da pele. Imagino como eu teria parecido ao seu lado. Nós dois somos altos; eu, com o meu 1,83m, e ele medindo 1,93m, um gigante para os padrões da época.

Ele, em seu uniforme preto com as caveiras, eu, a neta negra. O que ele teria dito para a sua neta de pele escura que ainda por cima fala hebraico? Para ele, eu seria apenas uma bastarda, uma mancha vergonhosa na honra da família. Meu avô, com certeza, teria me executado a tiros.

Minha avó nunca se importou com a cor da minha pele. Ela sempre ficava feliz quando eu a

visitava. Mesmo muito novas as crianças sentem quando alguém gosta delas, e eu sabia que ela gostava de mim. Ela era muito próxima. Mas também abraçava e beijava Amon Göth quando ele voltava dos assassinatos. Como conseguia dividir a cama e a mesa com ele? Ela dizia que o amava. Isso basta como justificativa? Basta para mim? Seria possível sequer pensar que alguma coisa era adorável em Amon Göth? Olho no espelho, e imagino dois rostos, o dele e o meu. Depois um terceiro, o da minha mãe.

Nós três temos um queixo enérgico. A mesma covinha entre o nariz e a boca. A altura e as semelhanças no rosto são apenas aparência. Mas como isso me marca? Quanto de Amon Göth existe em mim? Quanto de Amon Göth existe em cada um de nós? Acredito que todos nós temos um lado que é como Amon Göth. Se esse lado fosse maior em mim, então eu pensaria como um nazista e acreditaria na força do sangue.

De repente, a voz de Malgorzata, minha intérprete polonesa, irrompe no silêncio do casarão, e diz que conheceu a filha de Amon Göth, Monika Göth. Mostro-me interessada, e ela me conta que a minha mãe visitou o casarão com um grupo de estudantes. Outro descendente de um nazista os acompanhava, Niklas Frank, o filho de Hans Frank, governador-geral de Hitler na Polônia ocupada. Malgorzata não sabe quem sou. Pergunto que impressão ela teve de minha mãe. “Achei-a estranha e triste”, responde Malgorzata, e completa: “Niklas Frank e Monika Göth não conseguiam sorrir.” Então ela conta que ali, naquela casa, Monika Göth teria se apoiado no batente da porta e dito que amava o pai.

Imagino minha mãe encostada na porta. Entre centenas de intérpretes que existem em Cracóvia, escolhi justamente aquela que conheceu minha mãe.

Digo a Malgorzata quem sou. Primeiro ela parece incrédula, mas depois se mostra irritada e confusa. Peço desculpas, e explico que a fim de descobrir mais sobre minha mãe, havia perguntado sem revelar minha identidade. Espero que ela entenda a minha situação.

Naquele momento, decido, de uma vez por todas, entrar em contato com minha mãe ainda esse ano. Ele já está quase no fim, estamos no outono.

Quero escrever para ela, mas apenas quando eu me sentir preparada. No documentário sobre seu encontro com Helen, a antiga empregada de Amon Göth, minha mãe está sempre chorando. Vejo como a história de seu pai a deprime. Cracóvia é um lugar especial. Pensei que eu poderia entender melhor a minha mãe se conhecesse também aquele lugar. O idoso nos acompanha até a saída, e fecho a porta com firmeza atrás de mim.

Participo ainda de mais um passeio organizado em Cracóvia, nos rastros de Oskar Schindler. Pego um táxi e sigo até o ponto de encontro em Kazimierz, o antigo bairro judeu de Cracóvia. No verão, Kazimierz deve ser pitoresco e adorável, mas agora parece sombrio e escuro. Os paralelepípedos estão molhados de chuva. Nosso grupo de turistas visita o antigo cemitério judeu, uma sinagoga e também algumas locações de *A lista de Schindler*. Vemos os pátios idílicos e as ruas estreitas.

Muitos restaurantes em Kazimierz oferecem “*gefilte fisch*”, famoso bolinho judaico de peixe, e toda a carne servida é *kosher*. Os cafés lindamente decorados tocam música *klezmer* o tempo todo, o ritmo de um tempo extinto. O bairro inteiro tem algo de museu, algo mórbido.

As vielas pequenas e estreitas e os paralelepípedos rústicos lembram Mea Shearim, o bairro dos judeus ortodoxos em Jerusalém. Exceto pelo fato de que em Mea Shearim moram judeus de verdade. O guia turístico explica que em Cracóvia, antes da Segunda Guerra Mundial, viviam ali setenta mil judeus, mas agora são apenas algumas centenas. A maioria das pessoas de fé judaica que encontramos em Kazimierz naquele dia é formada por turistas. O meu grupo é composto por seis pessoas, e eu pergunto de onde elas vêm. Elas respondem: da Polônia, dos Estados Unidos, da França. Querem saber de onde eu venho. Da Alemanha, respondo, aliviada por ninguém saber que meu sobrenome é Göth.

Não falei com quase ninguém sobre a história da minha família, apenas com o meu marido, a minha família adotiva e com uma das minhas amigas próximas. Não porque eu acredite que eu deva me envergonhar, mas porque nem eu mesma sei lidar com isso ainda. É difícil compartilhar essas informações. Será que devo falar para as outras pessoas: “Ah, a propósito, sou a neta de um genocida”? A minha história me assola, e não quero estressar ninguém com ela. Ainda não.

Nosso pequeno grupo de viagem continua, atravessando uma ponte para o outro lado do Vístula e entrando em Podgorze, bairro vizinho de Kazimierz. Todos os cidadãos judeus da cidade haviam sido reunidos ali, num gueto. O gueto ainda era cortado por uma linha de bonde que trazia os moradores de Cracóvia para os bairros vizinhos. No gueto, ninguém podia embarcar ou desembarcar, não havia ponto e as portas e janelas eram trancadas durante a viagem. Como os cracovianos se sentiam quando passavam por aquele bairro?

Atualmente há na praça, que no passado era o centro do gueto, um grande prédio de escritórios, além de uma rodoviária. Ao redor, os restos dos muros do gueto ainda se mantêm. Os altos muros que cercavam as pessoas possuem um formato arqueado, foram construídos no formato de lápides judaicas. A mensagem passada aos judeus: daqui vocês não sairão vivos.

A “Praça dos Heróis do Gueto” homenageia as vítimas; lá se encontram agora cadeiras vazias em tamanho maior que o natural, que representam o gueto após a extinção, quando tudo ficou vazio e devastado e não se via mais pessoas nas ruas, apenas móveis e outros pertences que os judeus

precisaram abandonar. A meu ver, a instalação é fria e intangível demais. Durante a evacuação do gueto, centenas de pessoas foram mortas a tiros. Cada cadeira representa mil judeus assassinados. As crueldades que aconteceram ali permanecem abstratas. Mas como seria possível mostrá-las de outra forma? O filme *A lista de Schindler* é muito violento, mas mesmo assim os sobreviventes afirmam que ele não transmite, nem de perto, o horror que emanava de Amon Göth.



Tadeusz Pankiewicz, farmacêutico polonês no gueto de Cracóvia, descreveu Göth como um homem grande e bonito, com olhos azuis, vestido com um casaco de couro preto e com um chicote de cavaleiro na mão. Durante a evacuação do gueto, Amon Göth arrancava filhos pequenos de suas mães e os jogava no chão, relataram as testemunhas da época. Assassinato como esporte aterrorizante. Segundo depoimento de uma testemunha, Göth tentava acertar mãe e filho ao mesmo tempo com uma única bala.

Antes da evacuação, viviam no gueto de Cracóvia aproximadamente vinte mil pessoas em um espaço exíguo e com medo contínuo da morte.

Quando Amon Göth mandou extinguir o gueto, em 13 e 14 de março de 1943, as pessoas já haviam sido divididas em duas áreas: no gueto A viviam aquelas que podiam sobreviver por ora — tinham sido classificadas como aptas ao trabalho e deveriam ser transportadas para o campo de concentração de Plaszow. No gueto B, separado do gueto A por arame farpado, viviam os idosos, os doentes e as crianças, que deveriam ser mortos.

Ninguém podia escapar. O pessoal de Göth passara um pente fino nas vielas, vasculhara cada residência, procurara embaixo de cada cama. Nos hospitais, os pacientes eram fuzilados em seus leitos. Tadeusz Pankiewicz descreveu o cenário após a dissolução do gueto da seguinte maneira: “Parecia um campo de batalha — milhares de pacotes, bagagens abandonadas [...] sobre o asfalto banhado de sangue.”



Seguimos adiante. Chove, e precisamos nos abrigar a todo momento. Uma senhora mais velha e gentil divide comigo um guarda-chuva. Atravessamos uma passagem subterrânea, na qual ventava muito, e chegamos a uma área industrial. Paramos diante de um prédio administrativo de concreto com três andares construído na década de 1930, a antiga fábrica de esmaltados de Oskar Schindler, na rua Lipowa.

Atualmente, um museu preserva suas memórias. Visitamos a exposição, que mostra primeiramente a Cracóvia do início da década de 1930. Nas fotos, vemos mulheres passeando e homens a caminho da sinagoga. Mais adiante, há fotos da *Blitzkrieg* alemã, a guerra relâmpago contra os poloneses e a subsequente marginalização imediata dos judeus. Uma foto mostra soldados alemães cortando os cachos das costeletas dos judeus ortodoxos com uma faca.

Sinto-me cansada e fraca. Estou em pé desde muito cedo, e quero descansar, sentar-me em algum lugar, mas o guia turístico fala o tempo todo. Fico cada vez mais desconcentrada e não consigo mais reter qualquer informação.

Na última sala do museu, há uma maquete do campo de concentração de Plaszow. Há pequenos barracões e também o casarão do meu avô. Eu o observo com atenção, e percebo novamente como o campo de concentração e os barracões de prisioneiros eram próximos do casarão de Göth. Para mim, fica cada vez mais difícil acreditar nas explicações de minha avó.

O próprio Oskar Schindler pouco aparece na exposição. Sua história é contada por meio de fotos, documentos e móveis originais. Em uma sala, encontra-se um grande cubo transparente, cheio de painéis de ferro, tigelas e talheres que eram produzidos na fábrica de Schindler. Essa instalação simboliza a história do empresário e de seus trabalhadores. No interior estão os nomes dos cerca de 1.200 trabalhadores forçados judeus cuja vida Schindler salvou.

No final da exposição há dois livros com nomes, um branco e um preto — o branco para os judeus salvos, o preto para os mortos. Dois livros que representam duas opções: ajudar ou assassinar. Oskar Schindler ou Amon Göth. Não gosto da divisão simplória entre bem e mal.

Muitos judeus sobreviveram escondidos no subterrâneo graças à ajuda de parentes, amigos ou colegas de trabalho. Pouco lembramos desses “heróis silenciosos”. Certamente, Oskar Schindler não foi uma pessoa boa, mas sim alguém de personalidade dúbia. Para mim, é muito difícil criar uma imagem precisa dele.



Oskar Schindler e Amon Göth, ambos da mesma idade, ambos com uma queda por álcool, festas e mulheres.

Ambos fizeram fortuna com a perseguição aos judeus. Göth, roubando e matando judeus, tirando

tudo deles. Schindler, assumindo uma fábrica em Cracóvia, expropriada de donos judeus, e usando judeus do campo de concentração de Göth como força de trabalho barata.

Oskar Schindler, que havia trabalhado como agente da contraespionagem alemã na Polônia, era inicialmente um explorador da guerra, alguém que foi para Cracóvia em busca de dinheiro. Mais tarde, investiu grande parte do patrimônio acumulado para salvar judeus.

Amon Göth e Oskar Schindler, o comandante e o fabricante, davam-se muito bem. Oskar Schindler precisava de trabalhadores judeus baratos e, para isso, dependia da amizade de Amon Göth. Oskar Schindler tratava "Mony" informalmente, trazia-lhe presentes e lhe apresentava belas mulheres, entre elas Ruth Irene Kalder, que se tornou a namorada fixa de Göth.

Helen Rosenzweig, empregada judia do casarão em Plaszow, contou que Amon Göth considerava Oskar Schindler seu melhor amigo. Ela também pensava assim. Schindler sempre prometera salvá-la, diz, "mas então ele chegava naquele uniforme nazista marrom e fazia orgias imensas com Göth". Também havia outros donos de fábrica que tentavam ajudar seus trabalhadores judeus e dependiam da benevolência de Göth, e mesmo assim não participavam das festas. "Schindler ultrapassou fronteiras que nunca deveria ter atravessado", diz Helen. No fim das contas, porém, ela tinha uma opinião positiva sobre Oskar Schindler: "Amon Göth e Oskar Schindler: os dois tinham poder, um o usou para matar, o outro para salvar pessoas. Esse exemplo mostra que todos nós temos escolha."

Steven Spielberg também apresenta A lista de Schindler com essa perspectiva, retratando Amon Göth como o gêmeo malvado de Oskar Schindler. Aparentemente, os dois eram farinha do mesmo saco, mas seus atos não poderiam ser mais distintos.

Göth permitiu que Schindler empregasse prisioneiros do campo de concentração em sua fábrica, e chegou até mesmo a construir um campo externo para os trabalhadores da fábrica, no qual se vivia melhor do que no campo de concentração de Plaszow.

O secretário judeu de Amon Göth, Mietek Pemper, se encontrava secretamente com Oscar Schindler. Já no início, ele vira em Schindler um salvador, disse Pemper mais tarde: "Ninguém além de Schindler mostrava interesse por nosso destino."

O campo de Plaszow foi conduzido como campo de trabalho até o outono de 1943. Então, a administração da SS começou a transformar os últimos campos de trabalhos forçados em campos de concentração. Ao mesmo tempo, cada vez mais campos poloneses, nos quais não eram fabricados "bens importantes para a guerra ou decisivos para a vitória", eram extintos, e os prisioneiros, enviados para morrer em campos de extermínio.

Por isso, Mietek Pemper elaborou um plano de obter para Plaszow a classificação formal de campo de concentração: "Pois os campos de concentração seguramente continuariam a existir até o fim da guerra", explica ele. Oskar Schindler afirmava que não podia mais fabricar apenas painéis e frigideiras, mas precisava produzir também peças de granada. Amon Göth também tinha interesse em manter o "seu" campo de concentração. Ele então apresentou aos seus superiores as listas manipuladas por Mietek Pemper sobre a fabricação de produtos importantes para a guerra. De fato, a partir de janeiro de 1944, Plaszow passou a operar como campo de concentração. Os prisioneiros foram registrados novamente e receberam outras roupas. Chegaram novos supervisores da SS, e Amon Göth foi supervisionado de forma mais rígida. Mietek Pemper relatou em suas memórias que, a partir de então, Göth foi obrigado a obter autorizações por escrito de Berlim para torturar prisioneiros. "Em um formulário, era mencionado o número solicitado de chicotadas em um traseiro nu", descreveu Pemper; um exemplo da burocracia da tortura naquela época. Auditores também compareciam com mais frequência para inspecionar o campo.

Amon Göth visitou outros campos de concentração e trouxe consigo novas ideias, mas não as colocou em prática; por exemplo, a de tatuar os prisioneiros ou montar um bordel para os prisioneiros especialmente produtivos.

Em meados de 1944, o campo de concentração de Plaszow estava prestes a ser dissolvido; a Wehrmacht, o exército alemão, bateu em retirada, o Exército Vermelho conquistara a Polônia. No verão de 1944, Amon Göth recebeu ordens da SS para realizar a chamada "ação de limpeza do solo": os vestígios deveriam desaparecer, então as valas comuns com as vítimas da evacuação no gueto de Cracóvia e de outros assassinatos foram abertas, e todos os cadáveres foram queimados. Durante semanas, um cheiro insuportável pairou sobre o campo de concentração, e caminhões removiam as cinzas.

Emilie Schindler relatou que, em agosto de 1944, seu marido Oskar começou a ficar preocupado com seus trabalhadores, pois Amon Göth teria que fechar o campo de concentração de Plaszow e enviar todos os prisioneiros para Auschwitz.

Naquela época, Oskar Schindler estava de olho em uma fábrica de armamentos em Brünnlitz, nas proximidades de sua terra natal, Zwittau, e queria levar para lá seus trabalhadores. Emilie Schindler relata que seu marido sempre dava presentes caros a Amon Göth. No final, segundo várias fontes, os dois homens chegaram a um "acordo": Amon Göth ajudou Schindler a levar "seus" judeus para Brünnlitz, e Oscar Schindler ajudou Göth a transportar seu patrimônio, acumulado durante as evacuações do gueto e do campo de concentração. No fim das contas, os altos oficiais da SS autorizaram o transporte dos "judeus de Schindler" para Brünnlitz.

Na lista das pessoas que sobreviveriam havia cerca de oitocentos homens e trezentas mulheres. Não se sabe até hoje quais eram os requisitos para ser incluído nessa lista salva-vidas. Sabemos ao

certo apenas que um prisioneiro judeu do campo de concentração, Marcel Goldberg, aceitava propina de detentos e trocava objetos de valor para incluir nomes na lista.

Após a guerra, Oskar Schindler não foi bem-sucedido. Alguns judeus que ele salvou ajudaram-no financeiramente. Schindler foi homenageado pelo salvamento de mais de mil judeus no memorial israelense Yad Vashem, em Jerusalém. Morreu em 1974 e foi enterrado na mesma cidade.

Existem muitas especulações sobre o que motivara Schindler, sobre as razões pelas quais ele salvou judeus. Mietek Pemper resume a pessoa de Oskar Schindler: “Ele, que não produziu nada de especial nem antes, nem depois da guerra, realizou junto com sua mulher uma ação de salvamento que hoje é conhecida em todo o mundo [...] filhos e netos de mais de seis mil pessoas lhe devem, direta ou indiretamente, a sua vida. Isso é o essencial. Todo o resto não importa.”



A excursão pelo Museu Schindler chega ao fim. Converso com a senhora gentil do meu grupo, que me ofereceu abrigo sob o seu guarda-chuva, uma judia dos Estados Unidos. Tem quase setenta anos, veste roupas esportivas, tem cabelos curtos grisalhos e olhos atentos. Pergunto se está em Cracóvia sozinha. Não, ela conta, na verdade veio com o marido. Os dois são sobreviventes de Auschwitz. Quando chegaram à Polônia, o marido foi tomado por um grande terror, e não conseguiu voltar aos locais do martírio. Ele se trancou no quarto de hotel, perturbado, e não ousava se aproximar da porta. Por isso, a senhora faz todos os passeios já reservados sozinha — no dia anterior fora a Auschwitz; e, naquele dia, a Cracóvia, que, no passado, foi uma cidade de judeus. Ela diz que ficou muito chateada pelo fato de o marido ter ficado tão mal.

A história daquele homem traumatizado que não encontrou forças para sair do hotel me comove profundamente. Eu gostaria de poder encorajar a mulher. Conto a ela que vivi em Israel; ela parece animada, me pergunta o que achei da vida lá, e conversamos por um tempo. Ela também quer saber o que faço ali, por que estou na Polônia, e novamente digo ser uma turista interessada em história. Ofereço-me para levá-la de táxi até Kazimierz, mas ela prefere caminhar um pouco. Pela segunda vez naquele dia escondo minha verdadeira identidade. Acabei contando à intérprete a minha história inteira, mas não consigo relatá-la para aquela mulher. Não quis dizer por que estava ali; não haveria tempo suficiente para explicar tudo, minha história a teria deixado apenas mais deprimida, e ela voltaria irritada para o marido no hotel, talvez até perturbada. Mesmo assim, não me sinto bem por não ter lhe contado a verdade.

É provável que nunca mais encontre a amável senhora judia. Mas em algum momento precisarei revelar a verdade aos meus amigos de Israel.

Vou até a Rynek, a esplêndida praça do mercado medieval, no centro da Cracóvia antiga. Ali nada é sombrio e apertado como em Kazimierz, tudo parece grandioso e aberto. Percorro as barracas de venda e procuro um buquê de flores. Precisa ter cores alegres e ser radiante, mas de forma alguma colorido demais; a cor principal deve ser o branco. Eu mesma escolho as flores para o buquê.



Durante a ocupação alemã, a Rynek, no centro de Cracóvia, teve o nome mudado para praça Adolf Hitler. Os alemães estavam na Polônia, prontos para bater em retirada, quando o comandante de Plaszow foi preso: a SS descobriu que Amon Göth havia retirado de lá bens valiosos e abriu um processo contra o seu próprio oficial.

Göth foi acusado de corrupção e abuso de poder. Em Munique, deveria ser levado a um tribunal da SS, mas não houve tempo. No início, Göth ficou encarcerado na prisão de Munique-Stadelheim, mas logo foi liberado.

Após uma breve missão de fronteira, Göth foi levado a um hospital em Bad Tölz. Sua saúde estava abalada; sofria, entre outras coisas, de diabetes, e tinha problemas hepáticos e renais.

Em 30 de abril de 1945, o exército norte-americano invadiu Munique. Göth, que vestia apenas um uniforme da Wehrmacht e não foi reconhecido como oficial da SS, foi preso. Usou um nome falso e afirmou que era apenas um soldado que voltava da guerra. Enquanto isso, prosseguia em Viena o seu divórcio de Anna Göth, que soube da relação com Ruth Irene Kalder.

Ruth Irene Kalder, grávida, fugiu com a mãe, Agnes, no final da guerra, primeiro para Viena e, em seguida, para Bad Tölz. Em 7 de novembro de 1945, nasceu em Bad Tölz a filha de Amon e Irene, Monika.

Nesse meio-tempo, Amon Göth foi levado para um centro de detenção na região do antigo campo de concentração de Dachau, nos arredores de Munique. Em janeiro de 1946, ele escreveu de lá a última carta para Ruth Irene Kalder: “Querida Ruth, obrigado pela carta e pelo pacote. Pobrezinha, você teve de passar por tantas coisas... A comida aqui é ‘tanta’ que estou pesando quase setenta quilos, mas isso basta... Não se preocupe, tudo se normalizará em breve. Muitos beijos para você e para a Monika, e mande os meus cumprimentos afetuosos para a vovó. Seu Mony.”

Pouco depois, os investigadores americanos descobriram a identidade verdadeira de Göth. Quatro ex-prisioneiros de Plaszow identificaram-no como o antigo comandante do campo de concentração.

Quando viram Amon Göth novamente na presença de soldados americanos, uma das quatro testemunhas cumprimentou-o da seguinte forma: “Senhor comandante. Quatro porcos judeus a postos!”

Amon Göth foi enviado para a Polônia, juntamente com Rudolf Höss, o ex-comandante do campo de concentração de Auschwitz. Göth e Höss chegaram em 30 de julho de 1946 à estação central de Cracóvia. Uma multidão os aguardava. As pessoas não atacaram Rudolf Höss, o homem que enviou centenas de milhares de pessoas para as câmaras de gás; o homem que queriam linchar era Amon Göth, o “assassino de Plaszow”.

No fim de agosto de 1946, Amon Göth foi levado em poucos dias ao tribunal, em Cracóvia. Foi o primeiro grande processo desse tipo na Polônia. Os muitos espectadores não couberam na sala de audiência, por isso o processo foi transmitido ao ar livre por meio de alto-falantes. Centenas de ouvintes reuniram-se nos gramados diante do prédio do tribunal.

A acusação era de genocídio. Göth foi condenado, entre outras coisas, pela morte de aproximadamente oito mil pessoas no campo de concentração de Plaszow, bem como pelo assassinato de outras duas mil pessoas na evacuação do gueto de Cracóvia. Além disso, havia centenas de assassinatos cometidos durante a dissolução dos guetos em Tarnow e Szebnie, no outono de 1943. Ele foi responsabilizado também pela apropriação de objetos de valor de suas vítimas. Em face de tantas testemunhas de acusação, Amon Göth teria exclamado: “O quê? Tantos judeus? E sempre nos disseram que não sobraria uma única alma viva.”

Göth foi perguntado se admitia a sua culpa. Ele respondeu com um sonoro “não”. Diante do tribunal, ele negou os seus crimes, deu o nome de outros oficiais da SS e disse que eles eram os responsáveis pelos assassinatos. Segundo ele, obedecera apenas às ordens de seus superiores, tinha sido apenas um soldado, não tendo, ele mesmo, expedido qualquer ordem. Göth desviava o olhar, indiferente, quando as testemunhas narravam os assassinatos no campo de concentração, ou protestava, alegando que elas estavam prestando declarações incorretas. Ele apontou Oskar Schindler como testemunha de defesa, mas este não apareceu.

Por mais absurdo que pareça, Amon Göth também designou Mietek Pemper como testemunha de defesa; no entanto, seu ex-secretário, que assistira a muitos crimes de Göth, não testemunhou a favor, mas sim contra ele.

O promotor polonês exigiu a pena de morte e disse em sua declaração final: “Os senhores precisam julgar aqui um ser humano que se transformou numa lenda durante a vida [...] como a encarnação moderna do Satanás bíblico.”

Amon Göth foi condenado à morte. Redigiu um pedido de clemência, no qual pedia que sua pena de morte fosse transformada em pena de reclusão. Queria comprovar que podia ser um membro útil da sociedade. Contudo, o apelo foi negado.

Em 13 de setembro de 1946, Amon Göth foi levado ao cadafalso. Suas últimas palavras foram: “Heil, Hitler!”



Há muitas perguntas que eu gostaria de fazer à minha avó. Acredito que teria sido proveitoso discutir a fundo o assunto com ela, mas quase não tenho perguntas ao meu avô. Aquelas gravações de sua execução, de como ele estende a mão para o céu, desafiador, despedindo-se da vida com a saudação nazista — me espantam. Se ele tivesse, em algum momento, mostrado algum sinal de arrependimento, eu teria tido prazer em lhe fazer algumas perguntas. Mas agora penso que teria sido em vão. Ele nunca reconheceu a culpa; no processo, mentiu até o fim.

Sigo para a região do antigo campo de concentração de Plaszow.

Atualmente, a área elevada do campo de concentração está coberta de grama. Nada restou das cercas de arame farpado, das torres de vigilância, da pedreira nas quais os prisioneiros se fatigavam, dos barracões e das valas comuns. Agora é apenas uma campina verdejante entre um McDonald's e uma via expressa com trânsito intenso. Ao longe, estendem-se os prédios socialistas de concreto pré-fabricado na direção do céu.

Em uma colina, visível a distância, fica o memorial: pessoas superdimensionadas, curvadas, feitas de pedra clara. No lugar do coração das esculturas, abre-se um buraco.

Aquilo me surpreende. Tenho ainda as locações de *A lista de Schindler* diante dos olhos. Lá tudo parecia tão próximo, tão vivo. Agora não há filme, apenas pedras.

O campo de concentração não existe mais, e meu avô está morto há muito tempo.

Pego as flores e subo os degraus amplos até a plataforma do memorial. Lá de cima, é possível ter uma vista melhor da região. A área parece abandonada e descuidada. Sem as placas não seria possível imaginar os atos cruéis que se passaram ali tantos anos atrás.

Vejo pessoas correndo na garoa, passeando com cachorros. Passam todos os dias ali, alegram-se com a existência daquela área verde.

Estou sozinha diante do memorial. Nessa época do ano, poucas pessoas vão até ali.

Em reverência, toco a pedra fria com a mão, como fiz no Muro das Lamentações, em Jerusalém.

Durante os últimos meses, me perguntei com frequência quem sou eu. Sou Jennifer, ou sou apenas

Jennifer, a neta de Amon Göth? O que importa na minha vida?

Não posso simplesmente guardar a história do meu avô em uma gaveta, fechá-la e dizer: acabou, isto já não me diz respeito. Agir assim significaria trair as vítimas.

Estou ali como alguém que visita um túmulo. Um túmulo é um local do qual as pessoas cuidam e ao qual voltam para homenagear os mortos.

Quando alguém morre, não é obrigatório ir ao enterro. É possível despedir-se também no seu íntimo. Mas a ida até o túmulo é um sinal, um ritual importante que eu quero recuperar agora. Gostaria de mostrar meu respeito às vítimas, deixar claro que eu não as esquecerei.

Lentamente, pouse as flores aos pés do memorial. Em seguida, sento-me no gramado. Apenas então percebo que algumas pessoas se reuniram diante do lugar, crianças correm pela campina, um grupo de estudantes israelitas se aproxima. Presto atenção ao que dizem, pois algo me soa familiar.

Capítulo 3

A mulher do comandante: a avó, Ruth Irene Kalder

“Foi uma época bonita. Meu Göth era o rei, eu era a rainha. Quem não gostaria de viver assim?”

— Ruth Irene Göth, em 1975, sobre o período ao lado do comandante do campo de concentração
Amon Göth

O que a minha avó sabia?

Antes da visita ao casarão, eu me convencera de que ela não percebia muita coisa.

Antes de minha visita a Cracóvia, imaginava um terreno gigantesco, uma mansão; imaginava que a distância dos tiros no campo de concentração era grande demais, que os gritos das empregadas espancadas pelo meu avô eram abafados.

No entanto, não foi assim. A minha avó estava bem no meio de tudo. O casarão não era grande, e o campo de concentração não era distante.

Será que minha avó não estava apenas cega de amor, mas surda também?

Onde estava a sua paixão? Pessoas sofriam a poucas centenas metros de distância, e ela organizava banquetes com o meu avô.

Amon Göth está morto há muito tempo. Contudo, minha avó eu cheguei a conhecer. Ela foi a pessoa mais importante da minha infância, uma das poucas a quem pude me apegar. Ela gostava de mim, isso já era muito.

Para mim, ela emanava bondade, e quando penso nela sou tomada por uma sensação bonita, de afeto.

E então, o livro da minha mãe me revelou coisas sobre a minha avó que contradizem muito a imagem que tenho dela.

Se não fosse por ela, a pessoa de Amon Göth talvez não me incomodasse tanto. Eu poderia tê-lo visto muito mais como figura histórica e observá-lo com distanciamento. Sim, ele é o meu avô, mas nunca me balançou no carrinho de bebê e nunca pegou na minha mão. A minha avó fez tudo isso.

Ela é tão próxima de mim que não consigo simplesmente afastar a imagem monstruosa de Amon Göth para algum lugar remoto na história.

Na literatura sobre filhos e netos de nazistas, às vezes os autores fazem uma distinção entre aqueles descendentes que chegaram a conhecer os seus ascendentes nazistas e aqueles que não os conheceram. Alguns concluem que quem não conheceu um ascendente nazista pessoalmente não sofre tanto com as suas origens. Os autores esquecem que aqueles que nasceram depois muitas vezes conheceram pessoas que amavam os criminosos nazistas. Os vivos são o elo com os mortos.

A minha mãe era um bebê de dez meses quando Amon Göth foi enforcado. Ainda assim, o livro sobre ela fala de um grande sofrimento por causa desse pai. Ela tem a mesma ligação com ele que eu: Ruth Irene, a sua mãe, a minha avó. A mulher que teve a foto de Amon Göth pendurada sobre a cama até a morte. Ele foi o homem mais importante da vida dela, disse a minha avó mais tarde. Por que ela ficou com ele?

O grande ônibus de viagem no qual estou sentada está cheio de pessoas, mas elas quase não falam. Lá fora, vejo casas humildes às margens da estrada e, aqui e ali, vilarejos menores. O asfalto está molhado, voltou a chover. Eu queria que o céu finalmente se abrisse. O local para o qual estou indo já é sombrio o bastante.

É meu segundo e último dia na Polônia, e estou a caminho de Auschwitz. O antigo campo de concentração fica a pouco menos de uma hora de carro de Cracóvia. É diferente ler sobre o lugar e estar realmente lá. Amon Göth enviou para Auschwitz milhares de prisioneiros de Plaszow, para as câmaras de gás. Ele conversou com a minha avó sobre isso? Talvez não, mas mesmo assim é provável que ela tivesse conhecimento disso.

Quanto mais tento entendê-la, compreender quem ela era realmente, mais difícil se torna ser objetiva. Encontro-me emaranhada em contradições.



Ruth Irene Kalder, mais tarde Ruth Irene Göth, a avó de Jennifer Teege, tinha 25 anos quando conheceu Amon Göth. Ela vinha de Gleiwitz, na Alta Silésia. Seu pai era proprietário de uma autoescola e membro do NSDAP. Ruth Irene Kalder frequentou uma escola de teatro em Essen e depois obteve um diploma de esteticista. No período em que viveu em Essen, teve um curto

relacionamento com um homem mais velho, ficou grávida e fez um aborto.

Em Cracóvia, trabalhou como secretária da Wehrmacht. Segundo o biógrafo de Göth, Johannes Sachslehner, “a fama de que ela jamais negava pequenas aventuras a homens uniformizados” a precedia. Ela fez amizade com o empresário Oskar Schindler, e realizava tarefas secretárias para ele. Em uma noite, na primavera de 1943, ele a levou como sua acompanhante a um jantar na casa de Amon Göth.

Ruth Irene Kalder descreveu o encontro com o comandante do campo de concentração em entrevistas e à sua filha Monika como amor à primeira vista: Amon Göth era grande e forte, “um verdadeiro sonho para qualquer secretária”; ela “só tinha olhos para aquele homem”; ele também era bem-humorado, inteligente e lia bastante, um “homem dos sonhos, como Clark Gable no papel de Rhett Butler em E o vento levou”.

Ao historiador e jornalista israelense Tom Segev, Ruth Irene Kalder também confessou, em 1975, que teria flertado com Amon Göth para fortalecer o bom relacionamento com Oskar Schindler, que precisava dos trabalhadores do campo de concentração de Göth: “A minha tarefa como bela secretária era conquistar o coração dele, para que ele continuasse a colocar essa força de trabalho à nossa disposição, pois, como comandante do campo de concentração, os judeus estavam sob seu controle.”

A mulher delicada e de cabelos escuros deu-se bem com Amon Göth. Ruth Irene Kalder contou que eles rapidamente começaram a se tratar informalmente; na despedida, Göth disse para ela: “Eu ligo para você.” Como ele não deu sinal de vida depois de alguns dias, Ruth Irene Kalder discou o número dele: “Você disse que ia me ligar, estou esperando até hoje.” Göth ficou surpreso e desconfiado, pensou que ela estava mancomunada com Oskar Schindler e queria espioná-lo. Ruth Irene Kalder garantiu para Göth que era apenas amiga de Schindler, e combinou de se encontrar com ele em Plaszow.

Logo ela se tornou namorada fixa de Göth, e ele lhe deu o apelido carinhoso de “Majola”. O amor por Amon Göth levou-a para o território de um campo de concentração, para a casa do comandante. A antiga empregada judia de Göth, Helen Rosenzweig, descreve Ruth Irene Kalder como uma “jovem belíssima, com cabelos escuros e uma pele maravilhosamente branca. Ela devia ter amado muito Amon Göth, pois ela o fitava o tempo todo”.

Ela simplesmente excluía de sua consciência a parte menos louvável de seu Amon. Helen Rosenzweig diz que Ruth Irene Kalder não queria saber o que acontecia no campo de concentração: “A maior parte do tempo estava ocupada misturando gema de ovo com pepino e iogurte, e então ficava deitada sob a sua máscara de pepino. Ela sempre punha a música em volume máximo, assim não conseguia ouvir os tiros.”

O diretor Steven Spielberg mostra como Ruth Irene Kalder enterrava a cabeça no travesseiro enquanto Amon Göth ficava sentado na sacada, atirando.

A mãe, Agnes Kalder, visitou Ruth Irene uma vez em Plaszow. Agnes Kalder ficou apavorada com o ambiente no qual a filha vivia, e partiu mais cedo do que planejado.

Ruth Irene, ao contrário, aproveitava a vida luxuosa ao lado do comandante. Ela relatou à filha Monika, mais tarde, que o dia começava quase sempre com um passeio a cavalo com Amon Göth. Depois, ela se maquiava com esmero. Após o café da manhã, dava instruções às empregadas para o almoço: muita carne e álcool para Amon Göth, bolo e frutas de sobremesa. À tarde, Ruth Irene cavalgava novamente, ouvia discos ou jogava tênis com as outras companheiras dos oficiais da SS. À noite, aconteciam as festas. Amon Göth e a namorada gostavam de “contratar” os irmãos Rosner, músicos judeus do campo de concentração. Hermann e Poldek Rosner trocavam então as roupas de prisioneiros por ternos elegantes e eram obrigados a tocar violino e acordeão para Göth e os seus convidados. Em roupas finas das lojas de Cracóvia, Ruth Irene Kalder se apresentava como a senhora da casa.

Numa foto de Plaszow, ela posa em roupas de montaria elegantes diante dos tristes barracões e cercas de arame farpado, como se estivesse numa passarela de moda dos Champs-Élysées. Em outras fotos, toma sol no terraço do casarão em trajes de banho. Uma foto feita por Amon Göth a mostra num casaco chique e de chapéu, entre seu cachorrinho de colo e o cão preferido de Göth, seu dogue alemão malhado, Rolf.



Todos esses anos eu tive apenas uma foto da minha avó, na qual ela usa um vestido florido longo, os cabelos presos no alto e um bracelete dourado. Está em um gramado do Jardim Inglês, apareceu antes em Munique. Atrás dela, um cão da raça dachshund brinca, na grama há uma bola vermelha. Relaxada, ela ri para a câmera, e parece jovem e feliz. É uma foto natural e alegre, sempre gostei muito dela.

Então, encontrei fotos dela totalmente diferentes no livro sobre minha mãe e na internet. Ver aquelas fotos, com um dos cachorros treinados para atacar pessoas ao lado dela, é quase insuportável e perturbador demais. Suporto muita coisa, mas essas fotos eu não consigo e não quero ver. Como ela conseguia acariciar o cachorro, como ela conseguia tê-lo ao seu lado? Afinal, não era um cachorro de colo, mas um animal que atacava pessoas quando Amon Göth ordenava.

Não consigo conciliar essas fotos com a imagem que tenho dela.

Não me entristeço pelo meu avô, mas sim pela minha avó. Eu me entristeço pela pessoa que ela não foi.

Ela foi boa comigo, e por isso eu sempre pensei que também era uma boa pessoa. Para uma criança, é inimaginável que uma pessoa que ela ama tenha outro lado, um lado obscuro.

Queria muito que minhas lembranças dela não tivessem sido ofuscadas. Por que ela não podia simplesmente ser uma avó totalmente normal, uma senhora gentil que morreu em algum momento?

Até então, eu a considerava igual às minhas outras avós, as minhas “avós adotivas”, a quem eu chamava de vó de Bochum e vó de Viena.

A vó de Bochum era a mãe do meu pai adotivo. Era muito baixinha, tinha cachinhos grisalhos, ostentava um típico “corte de vó”, e um passo leve e enérgico. Gostava de vestir saias e por cima delas um avental, para não sujar a roupa. Quando saía, tirava do armário os sapatinhos ortopédicos com salto baixo, os sapatos “clac-clac”, como eu os chamava quando criança. Quando eu visitava Bochum com a minha família adotiva, nós a acompanhávamos à feira semanal ou ao açougueiro, ou a ajudávamos com os trabalhos de jardinagem. Eu ficava pouco entusiasmada quando tinha de plantar legumes ou colher frutinhas, mas amava o resultado: no porão dela enfileiravam-se nas prateleiras os potes de compota caseira. Ela usava um gongo para nos chamar à mesa.

Era muito disciplinada e um pouco rígida; não era uma avó carinhosa, mas tinha um grande coração. Embora a vó de Bochum tivesse dois filhos — o meu pai adotivo e uma filha — ela via como seu dever cristão aceitar outras crianças na família. Ajudar crianças órfãs ou abandonadas era uma tradição viva na família. Meu pai adotivo muito provavelmente cresceu com uma série de crianças acolhidas e por isso, mais tarde, para ele foi natural acolher outra criança — eu.

A vó de Bochum era membro ativa da Igreja evangélica e muito querida na comunidade. Regularmente visitava o túmulo do marido, que havia morrido muito cedo. Quase todos os domingos ela ia à igreja, e também morreu lá: durante um culto, seu coração simplesmente parou de bater.

A vó de Viena, a mãe da minha mãe adotiva, também era baixa, mas muito gordinha. Ela exalava algo maternal, tranquilizador. Estava sempre muito bem-arrumada e gostava de usar vestidos de seda e casacos com gola de pele. Quando criança eu a visitava sempre. Gostava mais de Viena do que de Bochum, pois achava a cidade mais animada. A minha avó vienense às vezes se comportava como uma criancinha: uma vez, pregamos uma peça no vô de Viena e fingimos que todos estávamos fugindo, nós, as crianças, e a vovó. O avô fingiu ter se assustado muito.

Apenas nas noites de Natal era difícil aguentar a minha vó de Viena. Na frente da árvore de Natal enfeitada, ela se negava a cantar, uma vez que não alcançava as notas. Com frequência, saíamos de férias com os avós vienenses — esquíávamos no inverno, fazíamos caminhadas nas montanhas austríacas ou acampávamos na Itália no verão. Às vezes, o meu vô de Viena contava suas histórias de guerra sobre o período com Rommel, na África. A vó de Viena nunca falava sobre a guerra. Ela fugira em 1945 da República Tcheca para Viena. Durante a fuga, sofreu muito, mas nunca quis falar sobre isso.

E há também a minha avó da Nigéria, a minha outra avó biológica. Não sei muita coisa sobre ela. Uma vez, aos 28 anos, encontrei-me com meu pai. Ele contou que, quando minha mãe quis me entregar ao orfanato, ele sugeriu que eu fosse criada no lar da minha avó, na Nigéria. Ele teria preferido essa solução ao orfanato. Minha mãe não gostou da ideia. Acredito que não queria desistir de mim para sempre. No orfanato, minha mãe podia me visitar, e, além disso, havia a opção de me levar para casa com ela algumas vezes.

Imagino a minha avó africana como uma mulher alta e orgulhosa, uma matriarca forte. Acho muito benevolente da parte dela que estivesse disposta a me aceitar. Sou muito grata a ela por isso e me pergunto às vezes: o que teria sido, se...?

Nunca comparei as minhas avós, nem na infância, tampouco mais tarde. Até porque eram diferentes demais. Eu tinha relacionamentos distintos com todas, e cada uma delas era importante à sua maneira.

Contudo, Irene assumiu um lugar especial. Ela foi uma das primeiras referências da minha vida.

Quando, aos sete anos, a minha adoção foi oficializada, meus pais adotivos cortaram o contato com a minha mãe; acreditavam que seria melhor para mim. Com isso, minha avó também desapareceu da minha vida. Ela deixou um vazio e me fez muita falta. A última vez que ouvi falar dela foi aos 13 anos, quando os meus pais adotivos me contaram que ela havia morrido. Tinham visto o obituário no jornal. Não constava lá que ela havia se suicidado.

Não perguntei mais nada. A minha família biológica era um assunto do qual minha família adotiva não falava. Era um silêncio profundo, obscuro — um acordo tácito que meus pais adotivos e eu tínhamos feito de não discutir nada relacionado à minha mãe e à minha avó. De qualquer forma, não poderiam ter dito nada sobre elas, pois não sabiam de nada.

Lembro que fiquei triste quando soube do falecimento de minha avó; eu sempre esperei revê-la em algum momento, e a morte tirou-a de mim de uma vez por todas.

Antes de encontrar o livro na biblioteca de Hamburgo, eu tinha apenas as minhas lembranças. A minha avó gostava de ficar comigo. Na casa da minha mãe, muitas vezes eu não me sentia bem-vinda. Ela puxava o meu braço quando ficava impaciente, já Irene nunca fazia isso. Eu me lembro apenas de uma situação com a minha avó que me irritou: eu estava triste por alguma coisa, mas ela

não entendia por quê, e me proibiu de chorar. Eu não compreendia o que ela tinha contra as lágrimas.

Ruth Irene não era uma avó no sentido clássico, e eu também não podia chamá-la de vovó, mas só pelo nome. Talvez ela não quisesse se sentir velha. Diziam que se preocupava muito com a beleza e com a aparência. Minha mãe também só a chamava pelo nome de batismo, assim diz o livro sobre ela.

Eu me lembro da casa da minha avó, na Schwindstrasse, em Schwabing. Na maior parte do tempo, ficávamos sentadas na cozinha. Lá, ouvíamos sempre a rádio norte-americana AFN. Até hoje gosto de ouvir rádio em língua inglesa; em Hamburgo, há muito tempo, ouvia uma rádio militar inglesa; em Israel, ouvia a rádio The Voice of Peace.

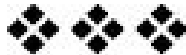
Não me lembro do quarto. Na casa da minha família adotiva, em Waldtrudering, ficávamos “de preguiça” no sofá, vestindo as confortáveis “roupas de ficar em casa”. Na casa de Irene, isso era impensável. Eu sempre me sentia bem lá, mas, como uma visitante, tudo era um pouco formal. Ela sempre estava elegante e bem-arrumada, e a cozinha estava sempre impecável; ali não se cozinhasse. Irene não me esperava com um bolo que tinha assado para mim.

Tenho apenas poucas lembranças concretas dela. Eu a associo a um sentimento infantil, de alguém que cuida, alguém que protege.

Quando minha mãe me buscava no orfanato ou, mais tarde, na família de acolhimento, e me levava para a casa da minha avó, significava que eu não podia ir para a casa da minha mãe.

A minha mãe não me ofereceu uma família íntegra: seu ex-marido, Hagen, que bebia e batia nela, era uma ameaça constante para mim. Eu nunca sabia se ele estaria lá ou não. Quando não estava, torcia para que ele não aparecesse. Ficava à espreita do barulho da chave dele na porta, dos seus passos no corredor.

Com a minha avó eu me sentia segura. Quando eu entrava na sua cozinha, tudo ficava bem.



Helen Rosenzweig comentou o seguinte sobre Ruth Irene Kalder: “Certa vez, ela desceu até a cozinha, onde estávamos. Estendeu a mão para nós e disse: ‘Se eu pudesse eu mandaria vocês para casa, mas não tenho poder para tanto.’”

No casarão de Amon Göth, as duas empregadas, Helen Hirsch e Helen Rosenzweig, eram expostas aos abusos contínuos dele: ele gritava com elas, chamava-as aos berros ou acionava uma campainha que era ouvida pela casa inteira. Não raro batia nelas quando não chegavam rápido o bastante. O tímpano esquerdo de Helen Hirsch estourou numa surra de Göth, e ela ficou surda desse ouvido. Helen Rosenzweig relatou: “Inúmeras vezes ele me jogou das escadas. Enquanto estava a mercê dele, perdi o medo da morte, pois tinha certeza de que ele me mataria de qualquer jeito. Era como viver as 24 horas do dia no cadafalso.”

Ruth Irene Kalder contou mais tarde à filha Monika que ela protegeu as suas empregadas quando Amon Göth quis bater em uma delas com um Ochsenziemer — um chicote feito de pênis de búfalo seco que era usado como instrumento de tortura no campo de concentração. Amon Göth, então, acertou Ruth Irene, o que lhe causou muito remorso. Ele quase chorou, pedia perdão a ela a todo momento e, por isso, nunca mais usou um Ochsenziemer dentro de casa. Ruth Irene também relatou à filha outro acontecimento grotesco: ela ameaçava “não mais dormir com Amon Göth se ele continuasse atirando em judeus”. Supostamente, a ameaça teria funcionado.

Helen Rosenzweig acreditava reconhecer em Ruth Irene Kalder “um mínimo de humanidade”; por exemplo, ela elogiava expressamente as empregadas na presença de Amon Göth e sempre as tratava com respeito.

Quando as irmãs de Helen Rosenzweig tiveram de ser levadas de Plaszow — certamente para Auschwitz —, Helen Hirsch correu até Ruth Irene e pediu para que impedisse a deportação. De pronto, Ruth Irene se negou: “Não me peça para que eu faça isso!” Mas no fim das contas ela cedeu e impediu, com uma ligação à polícia do campo de concentração, a deportação das irmãs Rosenzweig. Quando Ruth Irene Kalder confessou a Amon Göth a sua ação de salvamento não autorizada, segundo depoimento de Helen Hirsch, ele, enfurecido, avançou com uma arma em punho contra as empregadas, mas então voltou a se acalmar.

Helen Hirsch contou também que certa vez Göth a assediou sexualmente de forma violenta, quando estava totalmente bêbado. Ruth Irene ouviu os gritos de socorro e correu para acudir. Em seguida, Göth soltou a empregada.

Há uma série de testemunhas da época que se lembram das tentativas de Ruth Irene Kalder de influenciar Göth a agir de forma mais moderada. Ela intervinha em favor de detentos isolados e teria impedido as torturas e também o fuzilamento de alguns prisioneiros. Na sua presença, Göth se controlava mais e ficava, na maior parte das vezes, equilibrado. Por exemplo, segundo testemunhas da época, ela afastou Amon Göth do Appellplatz, a praça da contagem, quando ele havia acabado de ordenar o açoitamento de prisioneiros. Mas a própria Ruth Irene Kalder diria mais tarde que nunca entrou no campo de concentração.

Segundo Emilie Schindler, o marido Oskar Schindler comentara em meados de 1944 que Göth estava se cansando da namorada, porque a mulher era “pacífica demais” e tentava “continuamente

dissuadi-lo de seus excessos sádicos”.

O fato de Ruth Irene Kalder tentar, aqui e ali, de forma hesitante, ajudar as vítimas, mostra que ela sabia como Amon Göth tratava as pessoas e quais crimes aconteciam no campo de concentração.

O secretário de Göth, Mietek Pemper, relata em sua autobiografia que Ruth Irene Kalder às vezes datilografava documentos especialmente confidenciais para Göth. Pemper supõe que ela também exerceu a sua influência sobre uma lista com nomes de prisioneiros que deveriam ser executados.

Depois da guerra, Ruth Irene Kalder ressaltava duas coisas em especial: que Plaszow teria sido apenas um campo de trabalho, não um campo de extermínio, e que lá havia apenas adultos, nenhuma criança.

No entanto, ela contou à filha Monika que certa vez viu como retiraram as crianças do campo de concentração em caminhões. Monika Göth relatou que a mãe sempre pensava naquelas crianças e que também anotara as lembranças dessas cenas. Ruth Irene Kalder se referia aos caminhões que levaram crianças de Plaszow para Auschwitz em 1944. Göth queria abrir espaço em seu campo de concentração para os novos judeus húngaros que chegavam, por isso precisava, como escreveu para um superior da SS, “limpar” o campo de concentração de pessoas velhas, doentes e fracas, bem como de crianças, e “liquidar os elementos improdutivos”; ou seja, mandar os fracos e doentes de Plaszow para o “tratamento especial” nas câmaras de gás de Auschwitz, que ficava nas proximidades.

No Appelplatz foram pendurados cartazes de papel que diziam: “Para cada prisioneiro, um local de trabalho adequado.” Dos alto-falantes saíam canções alegres. Os prisioneiros precisavam se despir totalmente no Appelplatz e passar pelos médicos do campo de concentração. Segundo depoimento de testemunhas da época, Josef Mengele, o famoso médico de Auschwitz, viajou especialmente para lá e anotou o nome das crianças. Em 14 de maio de 1944, o resultado da “ação de saúde” foi divulgado. Aqueles que seriam levados para Auschwitz tinham que se reunir de um lado da praça: no total, cerca de 1.200 pessoas, entre elas cerca de 250 crianças.

A sobrevivente de Plaszow Stella Müller-Madej descreve a cena das crianças sendo empurradas até os caminhões: “A praça inteira se põe em movimento. Pais e mães soluçam. Da garganta das crianças, que até então estavam quietas como bonecas e apenas olhavam fixamente com pavor, saem gritos lamuriosos... Gritam pedindo ajuda... Uma criança bem pequena tenta escapar engatinhando. Uma supervisora a agarra pela mãozinha e joga o corpinho como um saco sobre a carroceria. É insuportável. O Appelplatz inteiro uiva, os chicotes estalam, os cães latem... Nesse momento, o alto-falante toca uma valsa, enquanto os caminhões partem para os portões do campo de concentração.”

As crianças foram assassinadas pouco depois de sua chegada a Auschwitz.



Assim como minha avó idealizou e justificou Amon Göth durante toda sua vida, eu também tive a tendência, desde o início das minhas pesquisas, a enxergá-la com o olhar mais brando. Disse para mim mesma que ela não havia feito nada de ruim a ninguém, não participara ativamente dos crimes dele.

Eu sabia tão pouco sobre a minha avó. Reencontrei a minha mãe rapidamente quando eu tinha vinte e poucos anos, mas a minha avó já estava morta havia bastante tempo. Eu a observei com bastante cuidado quando li o livro sobre minha mãe — primeiro nas fotos particulares da época do nazismo, depois também nas fotos históricas.

Em muitos momentos, eu me reconhecia nela.

Também gosto de ter uma vida boa. Dirijo um carro bom, prefiro morar em uma casa grande e dou valor ao conforto. Como minha avó, gosto de coisas bonitas. Não me importa se forem mais caras. Contudo, depende: qual é o preço a pagar para se ter tudo isso?

Depois da guerra, minha avó precisou se acostumar com uma vida muito mais humilde. Acredito que para ela não se tratava apenas de status e dinheiro. Sem dúvida alguma, ela aproveitou a riqueza que Amon Göth lhe oferecia, mas duvido que tenha permanecido em Plaszow apenas por conta do estilo de vida luxuoso.

Acredito que ela era loucamente apaixonada por Amon Göth. Talvez também tenha ficado fascinada com o poder que ele tinha. Mas devia haver mais alguma coisa, uma espécie de dependência que a cegava para todo o resto.

Minha avó nunca voltou a se casar ou a se relacionar com um homem com a mesma intensidade. Não importava quem viesse e partisse após a guerra, a foto de Amon sempre ficou pendurada no mesmo lugar. Isso me mostra que o relacionamento com Amon Göth era maior do que um simples cálculo de custo-benefício.

Isso revela um amor sem limites — conheço o sentimento, pois sou exatamente assim, e por isso também consigo entender a minha avó. Quando amo alguém, amo incondicionalmente; os homens que amo sempre terão um lugar no meu coração, independente do que fizerem. É claro que não digo isso a eles, e isso também não significa que eu sempre admita ou tolere seus comportamentos. Mas o amor permanece como sentimento fundamental.

Uma pergunta persiste: como eu teria me comportado no lugar da minha avó? Ponho-me no lugar dela e me pergunto se eu teria me apaixonado por esse sádico. Não posso dar uma resposta precisa, mas apenas a ideia de alguém batendo em seus empregados com um chicote de pênis de búfalo faz meu estômago revirar.

Para justificar a minha avó, minha mãe alegava que, do quarto do casarão de Göth, não era possível ver nada do campo de concentração. Também dizia que os prisioneiros deviam saber e comentar que ela se chamava Ruth, um nome judeu.

Devo acreditar nisso? Ou fico apenas tentada a ter uma desculpa? Fico presa em um conflito interno: por um lado, gostaria de manter a imagem bonita que tenho da minha avó, e por outro, quero saber a verdade. Durante a faculdade, aprendi a reunir fontes e as comparar. No final, não contavam as conjecturas, mas apenas os fatos comprováveis. Agora, reuni bastante material sobre a minha avó para poder construir uma imagem melhor.

Não sou juíza, e não cabe a mim julgá-la. Eu gostaria apenas de vê-la como realmente era.

No início, quando li sobre as situações em que ela tentou ajudar, fiquei aliviada e pensei que ela não era como o meu avô, que talvez estivesse do lado do bem. Hoje, me envergonho por ter pensado assim.

Volto a imaginar a cena com as empregadas: a minha avó, que está do lado de Helen na cozinha, diz a esta mulher, que a cada segundo temia por sua vida: “Eu a ajudaria se pudesse.” Há uma grande frieza nisso. Ela deu um pequeno passo na direção de Helen, mas no fim das contas a deixou na mão.

Ela via o sofrimento das empregadas, e sabia que se encontrava num conflito. Esse é um ponto crucial: ela podia decidir entre o certo e o errado, tinha uma escolha. Mas foi egoísta demais para permitir que esse conflito interno viesse à tona.

Ela sentiu compaixão por outras pessoas e também ajudou algumas. Mas isso não basta, de forma alguma. Na minha opinião, ela poderia ter feito centenas, milhares de vezes mais, mas, no fim das contas, nunca agiu corretamente, sempre se pôs em primeiro lugar.

Acredito que exista uma diferença entre mim e a minha avó, uma diferença muito importante. Eu nunca conseguiria viver com um assassino, não conseguiria suportar alguém ao meu lado que torturasse outros seres humanos.



Quando Jennifer Teege fala de sua avó, a sua voz se torna suave e os seu olhos começam a brilhar. Ela oscila entre rejeição e afeição, entre ataque e defesa. A avó é o seu grande dilema.

“Eu não sabia de nada.” Depois da guerra, Ruth Irene Kalder repetia essa frase com frequência. A mesma frase que acompanhou a juventude de muitos alemães. Os pais ou avós afirmavam que não tinham ideia do assassinato de inúmeras pessoas — e os filhos e netos não sabiam se podiam ou se deviam acreditar neles.

Mas eles tinham que saber, necessariamente?

É possível que nenhuma informação tenha chegado aos cidadãos comuns?

Em 2011, foi publicado o diário de Friedrich Kellner, até então inédito, que documenta os anos de 1939 a 1945. Naquela época, Friedrich Kellner era um simples oficial de justiça. Ele era de origem humilde, e até a morte, em 1970, viveu na província de Hesse. Não tinha acesso aos prontuários secretos, mas anotava o que ouvia por acaso, informações de conversas que presenciou e, principalmente, dos jornais acessíveis a qualquer pessoa. O seu diário mostra que também aqueles que “nada sabiam” tiveram acesso a informações sobre ditadura, guerra e Holocausto. Em 1941, por exemplo, Friedrich Kellner escreve: “As instituições médicas e de assistência social foram transformadas em centros de assassinato.” Ele observou que, de um modo surpreendente, muitas notícias sobre mortes em instituições médicas apareceram nos jornais. Além disso, soube do caso de um casal que retirou o seu filho com doenças mentais a tempo de uma dessas instituições. Ao mesmo tempo, em sequência ao ataque à União Soviética, chegaram a Friedrich Kellner notícias sobre assassinatos em massa de judeus: “Um soldado que estava de férias relatou como testemunha ocular as crueldades terríveis na região ocupada da Polônia. Ele viu como judeus e judias nus foram colocados diante de uma vala longa e profunda, como foram mortos pelos húngaros com tiros na nuca por ordem da SS e caíram na vala. Em seguida, a vala foi coberta enquanto ainda ouviam-se gritos!”

Em setembro de 1942, duas famílias judias de Laubach, a terra natal de Kellner, foram deportadas. Além disso, consta também no seu diário: “Nos últimos dias, os judeus de nosso município foram deportados. Daqui levaram as famílias Strauss e Heinemann. Soube por meio de uma fonte bem-informada que todos os judeus estavam sendo levados para a Polônia e lá seriam assassinados por tropas da SS.”

Em 1996, quando o artista Gunter Demnig começou a instalar em mais de oitocentas cidades e vilarejos alemães as suas “Stolpersteine” — pequenas placas memoriais de latão nas fachadas das casas das quais os nazistas levaram as pessoas — tudo ficou muito evidente. Em muitas ruas, uma em cada três casas recebeu uma placa com nomes individuais ou de famílias inteiras. Nessas ruas era impossível ignorar o sumiço dos vizinhos: a família judia, a menina com síndrome de Down, o

homossexual, o comunista.

Mas muitas famílias alemãs nunca questionaram os pais e avós de forma crítica. Os nazistas eram sempre os outros. Era inimaginável que um avô gentil tivesse cometido crimes na linha de frente e que uma dócil avó tivesse aclamado Hitler. Para Jennifer Teege era igualmente inimaginável que a avó tivesse se sentido tão bem às margens de um campo de concentração.

Poucas vezes a negação da própria história fica tão clara como no caso de Ruth Irene Kalder. Ela não era uma criminoso, mas era espectadora e usufruidora. Amon Göth fez sua carreira na SS, e ela o acompanhou. Ele permanece um estranho, fácil de olhar com distanciamento; mas todos nós, pelo menos em parte, podemos nos identificar com Ruth Irene Kalder, a oportunista.

Depois da guerra, Ruth Irene Kalder permaneceu fiel à sua versão da história.

Ela viu Amon Göth pela última vez durante uma visita à prisão, quando estava encarcerado em Munique-Stadelheim. É provável que a filha deles, Monika, tenha sido concebida nessa ocasião. Monika tinha dez meses quando Amon Göth foi enforcado.

Quando soube pelo cinejornal da execução de Amon Göth, Ruth Irene deve ter gritado e esperneado. Monika Göth conta que a avó, Agnes Kalder, afirmou mais tarde que os cabelos de Ruth Irene ficaram brancos de repente, e ela passou a tingi-los de preto.

Monika também afirma que a mãe sempre assistia ao filme norte-americano *Quero viver!*, com Susan Hayward no papel principal, um apelo engajado contra a pena de morte, que conta a história de uma mulher inocente, acusada de assassinato, executada nos Estados Unidos.

Outro filme preferido de Ruth Irene Kalder era *O terceiro homem*. Ela se reconhecia na bela atriz Alida Valli. Nesse famoso filme do pós-guerra, Alida Valli assume o papel da namorada do criminoso e assassino Harry Lime, representado por Orson Welles. Em seu amor incondicional, ela permanece fiel ao amado até a morte.

Segundo informações da filha Monika, Ruth Irene Kalder teve novos relacionamentos com homens, mas não amou nenhum como amara Amon Göth. Após a guerra, viveu pouco tempo com um oficial norte-americano. Ele pagou pelo curso de inglês dela. Mesmo após voltar para o Texas, para a mulher e o filho, ele mandava cartas de amor e cheques mensais para Ruth Irene Kalder, até o suicídio dela, em 1983.

Em 1948, dois anos após a execução de Amon Göth, Ruth Irene pediu às autoridades americanas para assumir oficialmente o sobrenome dele. Segundo ela, apenas o caos do fim da guerra teria impedido o seu casamento.

O pai de Göth, Amon Franz Göth, que permaneceu em contato com Ruth Irene por meio de cartas, apoiou o pedido dela e atestou que o filho a havia pedido em casamento antes do fim da guerra. Como o segundo casamento de Amon Göth já estava desfeito, Ruth Irene pôde trocar “Kalder”, seu nome de solteira, e passar a se chamar Ruth Irene Göth.

Amon Göth continuou a existir em suas histórias como um cavalheiro austríaco charmoso, bem-humorado, que infelizmente foi morto como herói de guerra. Ruth Irene Göth nunca falou sobre os crimes da guerra — nisso ela não se diferenciava da maioria de seus contemporâneos. Quando a jovem Monika não parou de fazer perguntas sobre aquela época, a mãe lhe deu uma surra.

Monika descreve a mãe como uma mulher fria e introspectiva, que se preocupava sobretudo com a beleza —, fez lifting e também uma cirurgia plástica no nariz, que ela considerava “demasiadamente judeu”. Uma mulher que guardava em si uma mágoa eterna porque o mundo a privara cedo demais do amor de sua vida.

Ruth Irene parece não ter ficado com nada das riquezas roubadas que Amon Göth acumulou em Plaszow e que foram confiscadas após o processo. Trabalhava como secretária, posava como modelo fotográfico e, à noite, trabalhava com frequência em um bar em Schwabing, no “Grüne Gans”. A mãe gostava de passear pelas ruas de Schwabing, em um vestido que sempre combinava com o batom, em companhia do poodle Monsieur, perfeitamente penteado, como conta Monika Göth.

Ela não se interessava pela filha e por seus problemas. “Ruth se importava muito pouco comigo”, conta Monika. “Tinha sentimentos apenas pelo morto, Amon.”



O livro sobre minha mãe é uma desmistificação dupla da minha avó. Ela é descrita nele duas vezes como desalmada e egoísta: na época do campo de concentração, ao lado do criminoso, e mais tarde como uma mãe terrível, que negligenciava e batia na filha. Minha mãe reclama bastante dela, e expõe minha avó por inteiro.

Não acho que isso seja justo com a minha avó, já que ela está morta e não pode mais se defender.

Ao mesmo tempo, percebe-se no livro como a relação entre as duas era intensa. Apesar de tudo, sempre estavam em contato. A minha mãe viveu um bom tempo na casa de Ruth Irene, quando estava grávida de mim.

A proximidade da relação entre a minha mãe e a sua avó, Agnes, a mãe de Irene, chama a atenção. Minha mãe passou toda a infância na casa de Schwabing com a mãe e a avó. Três mulheres, três gerações sob o mesmo teto. Os homens — meu bisavô e Amon Göth — estavam mortos.

Ruth Irene tinha ciúmes de Monika e de sua boa relação com Agnes, e se sentia uma intrusa no

meio da relação tão íntima das outras duas, conforme está descrito no livro sobre minha mãe. Agnes foi o porto seguro de Monika durante sua infância.

Às vezes, tenho a impressão de que as coisas se repetem; assim como minha mãe tinha um relacionamento próximo com a avó e uma relação difícil com a mãe, eu também me sentia protegida pela minha avó e desconfortável com a minha mãe. Evidentemente, o amor costuma pular uma geração na minha família.

A todo momento, minha mãe enfatizava como a aparência era importante para a minha avó, e dizia que ela era tão bonita que parecia a jovem Elizabeth Taylor. Enquanto Ruth Irene sempre se vestia com sofisticação, Monika era supostamente obrigada a andar em farrapos.

No livro, Ruth Irene é reduzida ao seu fracasso como mãe e à sua vaidade, como se ela tivesse passado metade de sua vida no banheiro, ocupando-se com a maquiagem.

Não acredito que ela tenha sido apenas vaidosa e egoísta. Era uma mulher atraente e incomum, que não procurou um provedor, como era normal na Alemanha do pós-guerra, mas se reergueu por esforço próprio. Ela trabalhou por muito tempo como secretária no instituto Goethe, algo que temos em comum; também trabalhei no instituto Goethe, em Israel, enquanto estudava.

Minha avó dominava muito bem o inglês, o que era incomum na época, e lia o *Times* britânico. Sua casa era cheia de livros: Tucholsky, Böll, Brecht. Ela se interessava por teatro e literatura, e supostamente votava no SPD, partido social-democrata alemão, e apoiava Willy Brandt.

Ela era tolerante; dividiu por um bom tempo sua casa com a travesti Lulu, e passeava com ela e seus amigos gays por Schwabing. Minha mãe conheceu o meu pai porque um conhecido dele, também africano, alugava um quarto na casa da minha avó. Nas décadas de 1960 e 1970, em Munique, não era nada comum deixar um negro morar na sua casa. Não acredito que Ruth Irene fosse racista.

Gostaria de conversar sobre a minha avó com os seus amigos, mas conheço apenas relatos de jornalistas sobre eles — e as avaliações da minha mãe. As duas fontes atestam quase sempre o pior. Normalmente, posso confiar nos meus instintos e tenho uma boa intuição no que diz respeito às pessoas. Será que realmente me enganei tanto em relação à minha avó?

Aos cerca de 17 anos, recebi dos meus pais adotivos um cartão-postal dela. Tinham guardado o postal, porque pensavam que eu ficaria dividida entre minha antiga família e a nova. Minha avó havia mandado o postal no meu aniversário de sete anos, junto com um livro infantil que ela escolhera para mim. Queria ter recebido esses presentes bem mais cedo. Teria sido útil e importante para mim, pois no fim das contas eram objetos palpáveis, lembranças da minha família biológica que desapareceu de repente da minha vida quando fui adotada.

O postal da minha avó é uma pintura de Paula Modersohn-Becker, “Camponesa de braços cruzados”. Uma menina séria e de olhar orgulhoso, com os braços cruzados sobre o peito. Tinha mais ou menos a minha idade na época em que minha avó escreveu o cartão-postal. A letra dela parecia desenhada; minha avó investia muito cuidado na escrita, e esse cuidado é típico da sua geração. Ela escreveu: “Querida Jennifer, desejo a você um maravilhoso aniversário e muitos dias lindos no seu novo ano! Gosta de ler? Espero que se divirta com o livro. Penso muito em você. Diga aos seus pais que mando os meus cumprimentos mais carinhosos! Sua Irene.” O cartão é bonito e carinhoso. O “Sua Irene” ainda me alegra.



A mãe adotiva de Jennifer Teege, Inge Sieber, lembra-se de que, quando criança, Jennifer acreditou por muito tempo que sua avó a levaria para casa.

Certa vez, ainda antes da adoção ser oficializada, Ruth Irene Göth visitou Jennifer em sua nova família. Ela ligou antes e perguntou se poderia passar na casa deles, e os pais adotivos convidaram-na para um café. A mãe adotiva de Jennifer achou Ruth Irene Göth simpática e atenciosa. Vestia uma saia longa de retalhos e não parecia uma típica avó: “Ela mantinha aquele ar de elegância casual, típico da cena de Schwabing. Visivelmente extravagante, mas nada forçado. Eu era 25 anos mais nova, mas ao lado dela parecia uma dona de casa antiquada.”

A avó de Jennifer ficou algumas horas sentada no sofá, mostrou grande interesse pela família nova de Jennifer e perguntou muitas coisas.

Mais ou menos na mesma época, em meados da década de 1970, o historiador israelense Tom Segev visitou Ruth Irene Göth em sua casa, em Schwabing.

Segev, naquela época, ainda não era um pesquisador e jornalista de fama internacional, mas um jovem doutorando da Universidade de Boston. A fim de completar sua tese de doutorado sobre os comandantes dos campos de concentração, viajou pela Alemanha e se encontrou com parentes e amigos próximos de muitos criminosos nazistas. Esperava obter deles respostas às perguntas sobre os motivos e as condições emocionais dos comandantes. Mais tarde, seu trabalho foi publicado pela editora Rowohlt sob o título Die Soldaten des Bösen. Zur Geschichte der KZ-Kommandanten [Os soldados do mal. Sobre a história dos comandantes dos campos de concentração].

O estudo não traz apenas informações sobre a psique dos comandantes, mas também sobre seus parentes mais próximos, na maioria dos casos viúvas. Segev escreve: “Elas concordaram em conversar comigo porque eram perseguidas por um passado do qual não podiam escapar. [...] Cada

uma dessas pessoas esperava poder purgar o passado, nem que fosse apenas um pouco.”

Todos os entrevistados minimizaram o período no campo de concentração. Fanny Fritzsich, por exemplo, viúva do vice-comandante de Auschwitz Karl Fritzsich, não tinha “dificuldade alguma de explicar os horrores dos quais acusavam seu marido: ela simplesmente afirmava que nunca aconteceram”, escreve Tom Segev. Segundo Fanny Fritzsich, ninguém fora assassinado em Auschwitz. Ela contou a Segev que Karl era o “melhor homem do mundo” e que educara os filhos aos moldes dele.

Ruth Irene Göth se destacou na série de entrevistados; ela também minimizou a importância dos atos de Amon Göth, mas ao mesmo tempo fez uma cena de viúva infame para Segev e quase se deleitou ao lembrar dos tempos no campo de concentração. Segev descreve a visita a Ruth Irene Göth da seguinte maneira:

“No final da década de 1970, Ruth Göth vivia [...] em uma casa que já não estava nos seus melhores dias. Ela me recebeu em um quimono chinês. Cortinas de seda verde-escuras cobertas de poeira e móveis pesados conferiam à residência uma atmosfera sombria. Sentou-se no sofá, cruzou as pernas e fumou, com uma piteira longa, um cigarro após o outro, o dedinho coquete esticado para cima. Era uma encenação cuidadosa; como ex-atriz, teve facilidade em ostentar um certo niilismo, que lembrava a época da República de Weimar. ‘Ah, sim, Plaszow’, disse ela com voz sussurrada, levemente gutural, ‘sim, sim, Plaszow’. Fez uma pausa e continuou: ‘Dirão ao senhor que eu tinha um cavalo e que era uma prostituta. De fato, eu dormi com um número considerável de oficiais. Mas somente até encontrar Göth. Ele me deu um cavalo de presente. Na época, eu gostava muito de cavalgar. Ah, sim, Göth — que sonho de homem!’ Eu não conseguia me livrar da impressão de que ela desfrutava cada momento de sua encenação. ‘Foi uma época bonita’, disse a viúva de Göth. ‘Gostávamos de estar juntos. Meu Göth era o rei, eu era a rainha. Quem não gostaria de viver assim?’ Ela disse que simplesmente sentia muito pelo fato de tudo ter acabado.”

Em relação às vítimas de Amon Göth, Ruth Irene Göth disse a Tom Segev: “Realmente não eram pessoas como nós. Eram muito imundos.”



Estou na torre de vigilância e vejo o amplo areal do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. “É do tamanho de uns cem campos de futebol, no mínimo”, avalia em alemão um excursionista ao meu lado.

Na torre, sopra um vento gélido. Penso em fechar o zíper da minha jaqueta. As pessoas devem ter passado um frio horrível aqui. Será que consigo imaginar melhor como se sentiam se deixar minha jaqueta aberta? Preciso deixá-la aberta? Preciso imaginar como se deitavam em seus beliches nos barracões frios, sem fornalha, sem aquecimento, sem poder ir ao banheiro à noite e, quando um deles sofria de diarreia, obrigados a presenciar como se aliviava?

Será que minha viagem a Auschwitz revelará alguma coisa que já não se encontre nos livros de história?

É a primeira vez que estou aqui, mas se eu precisasse desenhar um campo de concentração, retrataria os portões de Auschwitz-Birkenau, os trilhos que levavam até lá, o céu amplo sobre os barracões. Quando penso em “campo de concentração”, nessas três palavrinhas, vejo os trilhos de Birkenau diante de mim — e o rosto das pessoas macilentas após sua libertação, os seus olhos grandes e fundos, cavados nas órbitas. São imagens profundamente arraigadas não só na minha, mas na memória coletiva da maioria das pessoas.

Caminho pelos trilhos. Eles terminam de forma abrupta. As pessoas que aqui desciam dos vagões de gado, muitas vezes já semimortas, eram separadas na rampa entre aquelas que iam direto para as câmaras de gás, e aquelas que ainda podiam trabalhar. Com certeza, aqui também chegavam os trens de Plaszow.

No final da campina, antes das bétulas,² ficavam as câmaras de gás e os crematórios. Pouco antes de sua retirada, em janeiro de 1945, os nazistas desmontaram os prédios e explodiram o último crematório.

Mais de um milhão de pessoas morreram aqui. Os visitantes pisam no que agora são suas cinzas.

Alguns dos excursionistas fazem muitas perguntas, mas eu apenas ouço. Nos barracões das crianças, desenhos infantis decoram as paredes frias e nuas. São imagens de uma infância sadia: crianças com uma boneca, um tambor, um pequeno cavalo de madeira. Penso nos meus filhos. As crianças aqui estavam sozinhas, desprotegidas.

O guia turístico nos apressa, precisamos voltar para o ônibus, pois logo seguiremos para Auschwitz I, o campo principal menor. A viagem dura apenas poucos minutos. Passo pelo portão com a frase “Arbeit macht frei” [O trabalho liberta], e o reconhecimento de imediato. Já vi esse portão inúmeras vezes em fotos. É estranho passar por ele, ao vivo me parece irreal.

No dia anterior estive no memorial do campo de concentração de Plaszow não apenas como Jennifer Teege, mas também como neta de Amon Göth. Lá, o meu avô havia sido a figura central, e por isso o local me afetou diretamente. Um dia depois, em Auschwitz, sou uma visitante entre muitos.

A visita pelo campo cercado começa. O caminho leva a uma série de casas de tijolos vermelhos, e nelas se encontram as salas de exposição com vitrines, fotos e números. Tantos números. Números são impessoais, me confundem; eu me dou melhor com as letras.

Vou de casa em casa, de uma parte da exposição para a outra. Não estou preparada para a sala que me esperava na próxima casa: por trás de uma placa de vidro, empilham-se óculos. Ao lado, há uma sala com sapatos: botas de cano alto, sandálias, um sapato baixo vermelho de mulher.

E então, uma sala que exhibe uma montanha de cabelos humanos. Por mais absurdo que pareça, penso na minha última visita ao cabeleireiro. Quando saí do salão, deixei para trás apenas um punhado de pontas cortadas. Aqui há duas toneladas de cabelo. O Exército Vermelho encontrou, após a libertação, sete toneladas de cabelo; deles, duas toneladas são exibidas ali. Sete toneladas de cabelo humano, um número inimaginável! São cabelos de mulheres e meninas assassinadas. Os nazistas pretendiam usá-los para fazer feltro e pulôveres.

Na próxima sala, mais vitrines, com muletas, próteses, pernas de madeira, pernas de pau, escovas, pincéis de barbear. E chupetas, camisetas, dois tamanquinhos, sapatinhos miúdos de tricô.

Por trás do vidro de uma das vitrines estão malas com inscrições em giz de nomes e endereços. Neubauer Gertrude, órfã. Albert Berger, Berlim. Também um endereço de Hamburgo. Passo por corredores estreitos e vejo as fotos dos prisioneiros do campo de concentração, uma após a outra. Gosto de fotografar, de preferência pessoas, o mais próximo possível, para que nada escape da minha lente. Aqui, observo as fotos bem de perto. Muitos prisioneiros olham para a câmera orgulhosos, outros com medo, mas a maioria dos olhares é vazia. São retratos de mortos.

No início, quando os prisioneiros chegavam, eles eram fotografados. Mais tarde, a tatuagem com o número do prisioneiro substituiu esse registro fotográfico. A tinta com a qual o número era tatuado no braço era produzida pela empresa Pelikan; na escola, escrevíamos com caneta-tinteiro Pelikan, e não pensávamos nisso em momento algum.

Saio e me sento num banco para inspirar o ar fresco. Preciso de uma pausa e quero ficar sozinha.

Mais tarde, junto-me novamente ao meu grupo de excursão. Por trás dos altos muros se esconde o famoso “bloco da morte”. Os prisioneiros eram fuzilados no pátio e de fora não era possível ver nada; ouviam-se apenas gritos e tiros. Desço para o porão escuro. Nos muros há vãos apertados e estreitos, usados como câmaras de castigo, pequenas demais para se sentar. Para entrar nelas, era preciso se ajoelhar. Quatro homens podiam dividir uma única câmara de castigo após o trabalho diário, e ficar na escuridão a noite toda. Era um castigo para delitos cometidos no campo de concentração. Por exemplo, um prisioneiro era condenado a passar sete noites nas câmaras de castigo se fosse pego escondendo em seu saco de palha uma boina para se proteger do frio. As celas eram reabertas apenas na manhã seguinte. Às vezes, quando um dos homens morria, os outros eram obrigados a passar a noite encostados num cadáver. Ouço as explicações detalhadas do guia. Quem pôde imaginar tamanha crueldade? Pessoas como o meu avô. Plaszow também tinha câmaras de castigo como essas.

Os visitantes se espremem cada vez mais no porão estreito. Sou empurrada de todos os lados e saio dali estressada. Mas na verdade é muito gratificante ver quantas pessoas visitam Auschwitz e decidem não fugir da história.

Perto do gabinete de Rudolf Höss, ex-comandante do campo de concentração, passamos pelo cadafalso onde Höss foi enforcado após a guerra. O homem que organizou o genocídio em Auschwitz. Quando meu avô foi extraditado para a Polônia junto com ele, as pessoas avançaram furiosas contra Amon Göth para linchá-lo. Fiquei consternada. A cena deixa claro como era grande o ódio contra meu avô. Não foi apenas o filme de Spielberg que o transformou em personificação do mal, já naquela época ele era visto como um símbolo de criminoso sádico.

Um grupo de jovens está reunido ao redor do cadafalso de Höss. Fico um pouco afastada e os observo: o que estão sentindo naquele momento? Horror? Satisfação? Ou indiferença?

Uma câmara de gás foi preservada. Um crematório também continua de pé. A sala é sombria e o teto, muito baixo. Olho pelo orifício do forno de cremação, enquanto os turistas filmam com seus celulares o cenário do pesadelo.

Em algum momento, tudo fica pesado demais para mim. Quero ir embora de Auschwitz. Tenho a sensação de que alguém está apertando minha garganta. Aquele lugar é sombrio demais para mim, é como um fosso profundo, como um túmulo para o qual estou sendo arrastada. Não quero permitir que isso aconteça. Não ajudará a ninguém se eu me enxergar apenas como a neta do criminoso. Nem às vítimas, nem a mim. Foi bom ter estado ali, mas não quero voltar.

Alguém deveria ter mandado minha avó para lá. Ali ela não teria conseguido fechar os olhos por tanto tempo.



No início da década de 1980, Jon Blair, um cineasta londrino, estava produzindo um documentário sobre Oskar Schindler para que fosse lançado juntamente com o filme de Steven Spielberg. Blair realizou grande parte das pesquisas para A lista de Schindler. Ele conversou com a viúva de Schindler, Emilie, e com muitos sobreviventes. Ruth Irene Göth, na época com 65 anos, também lhe concedeu uma entrevista, embora estivesse bastante doente; ela sofria de enfisema pulmonar e

temporariamente precisava usar um concentrador de oxigênio.

Ruth Irene Göth achava que Blair perguntaria sobre Oskar Schindler e viria sozinho. Em vez disso, Blair se interessou por Amon Göth e chegou com uma equipe inteira de filmagem. Entrevistou a mulher doente por um longo tempo.

As filmagens mostram uma mulher cuidadosamente maquiada e penteada, com os cabelos tingidos de preto presos no alto da cabeça, marcada pela grave doença e sempre com dificuldade de respirar. Ela fala em inglês e escolhe as palavras com cuidado.

Continua defendendo Amon Göth: “Ele não foi um assassino brutal. Não mais que os outros. Era como todos na SS. Ele matou alguns judeus, claro, mas não muitos. Evidentemente, um campo de concentração não é um parque de diversões.”

Ela alega que Amon Göth nunca tivera contato com judeus antes, apenas naquele campo de concentração. Aparentemente, ela se “esqueceu” das dissoluções sangrentas dos guetos, que Göth liderou antes e durante seu período como comandante em Plaszow.

Após a guerra, Ruth Irene Göth teve ainda contatos esporádicos e amigáveis com Oskar Schindler. Na entrevista com Jon Blair, ela fala sobre Schindler, e diz que ele tratou bem os judeus, mas principalmente porque eram úteis para ele. Schindler, Göth, ela mesma — todos tinham sido “bons nazistas”, que “não podiam ser diferentes”. Não havia alternativa. Nenhum deles gostava de judeus pois tinham sido criados daquela forma.

Sobre si mesma, Ruth Irene Göth diz: “Sempre tive a sensação de que tudo era errado, mas não fui eu quem fez as regras daquela época. Quando tínhamos uma crise no relacionamento, eu lhe dizia que o deixaria, que não aguentava mais ver tudo aquilo. Então vinham as empregadas e diziam: ‘Por favor, fique conosco, você nos ajuda sempre, o que faremos sem você?’”

Ruth Irene Göth diz que foi o anjo protetor das empregadas: “Diziam isso no campo de concentração inteiro: ‘O Deus querido nos enviou um anjo.’ Era eu.”

Quando Blair a confronta, dizendo que ela precisava proteger as empregadas apenas porque viviam sob o teto de Amon Göth, que batia nelas e as ameaçava, Ruth Irene se esquivava: “Naquela época, a maioria não tratava muito bem os seus serviçais.”

Por fim, quando insinuado por Blair que não fora o pedido das empregadas que teria feito com que ela ficasse, mas sim o amor a Amon Göth, Ruth Irene Göth responde: “Ele era um homem muito bonito, todos gostavam dele, era prestativo com os seus amigos e charmoso — mas não com os prisioneiros, realmente não.” Göth tinha um contato mais intensivo com alguns prisioneiros, e por isso veio a gostar de alguns. Mas eram muitos judeus no campo de concentração, não era possível conhecer todos.

A pedido de Jon Blair, Ruth Irene Göth confessa também que havia idosos e crianças no campo de concentração, no entanto alega “nunca ter visto” as crianças. Em seguida, fala sobre o transporte de crianças de Plaszow para Auschwitz, sobre o qual ela já havia falado com a filha Monika: “Vi apenas uma vez, quando as crianças foram levadas para um caminhão, e fiquei arrasada. De alguma forma aquilo me afetou muito. Mas uma amiga disse: ‘São apenas judeus.’”

Blair pergunta se ela se arrependia daquela época, e ela responde: “Sim, sim, claro. Eu não prejudiquei ninguém. Ninguém pode me acusar de qualquer ato vil.”

Ela mesma nunca estivera no campo de concentração e nunca fora a um barracão. Ficava no casarão, dentro das “minhas quatro paredinhas”. Do casarão, ela conseguia ver os prisioneiros na pedreira, que pareciam ser trabalhadores totalmente normais. Não, ela não sabia que as pessoas morriam na pedreira. Não, ela também nunca viu as execuções que aconteciam na colina, apenas a poucas centenas de metros de sua casa.

São justificativas vazias.

Ruth Irene Göth demonstrou os primeiros sinais de arrependimento quando falou com a filha antes de sua morte: “Eu deveria ter ajudado mais. Talvez a minha doença seja o castigo de Deus por eu não ter me empenhado tanto.”

No dia seguinte à entrevista com Jon Blair, em 29 de janeiro de 1983, Ruth Irene Göth tomou os comprimidos para dormir.

É possível que Ruth Irene tivesse medo do que poderia vir a acontecer com ela após a exibição do documentário de Blair. Contudo, esse não foi o motivo principal do seu suicídio; meses antes daquelas filmagens, ela já havia falado sobre tirar a própria vida.

Em sua carta de despedida, ela escreveu para a filha: “Querida Monika... Perdoe-me por tudo que fiz de errado. Eu me vou. Sou um fracasso. Sou um peso para mim e para todos. É tão difícil ficar presa, sozinha com essa doença. Gostaria de dormir e nunca mais acordar. O medo me espreita por toda parte. Acredite em mim, não é fácil ir embora, mas essa vida, presa ao sofá, é terrível... Fique bem. Não seja sempre tão rígida. Estou tão desesperada. A minha vida se tornou uma eterna doença... Tenha boas lembranças de mim... Você também não facilitou as coisas para mim. Mas eu amo você da mesma forma, como você ama a sua filha. Sua mãe.”

Nenhuma palavra sobre os anos com Amon Göth.



Mal posso esperar para ver a minha avó no documentário sobre Oskar Schindler. Há muito tempo que não a vejo, agora eu poderei observá-la na tela da televisão. Peguei o filme emprestado na biblioteca da cidade, a mesma em que encontrei o livro sobre a minha mãe.

O filme consiste em muitas entrevistas que o diretor Jon Blair conduziu com testemunhas da época. Eu me pergunto quando finalmente a minha avó aparecerá. Avancei e volto rápido demais e não consigo encontrar a cena. Então, por fim, aos 17 minutos, minha avó surge na tela.

Ela está sentada numa cadeira com a postura muito reta, e olha diretamente para a câmera. Tem um rosto bonito, com traços finos. Ainda preserva algo de menina. Sua aparência é a mesma que guardei na minha lembrança, como se o tempo tivesse parado.

O que ela diz não é importante. Eu não a ouço, apenas a vejo.

Senti falta dela.

Ela sente muita falta de ar. Quase não consigo suportar assistir à sua luta para respirar. Está à beira da morte. Sinto muito por ela.

Rebobino a fita várias vezes, assisto às cenas uma segunda, terceira, quarta vez. Apenas depois disso presto atenção no que ela diz. Ela sempre se defende. Teve tempo para refletir, mas é teimosa e não mudou em nada.

Fico triste e furiosa. Furiosa com ela, mas também com a equipe de filmagem ao redor. Eles apontam a câmera direto para a minha avó doente, e não a deixam em paz. Ruth Irene responde de forma evasiva. Seu inglês é excelente, sua voz soa confiável e confortável, como no passado. Se ao menos parasse de dizer aquelas coisas horríveis.

Ouço a raiva reprimida dela e como se sente acuada.

No dia seguinte, ela morre. Será que durante a entrevista já pensa nos comprimidos que tomará em breve? Quando começou a juntá-los? Já havia buscado a máquina de escrever na qual datilografaria a carta de despedida? Ou apenas durante a entrevista fica claro para ela que já bastava, que não podia mais fugir da doença, tampouco do passado?

Cada vez mais o entrevistador a pressiona com suas perguntas. Reconheço no olhar que deseja ser deixada em paz, que não quer responder a mais perguntas. Mas a câmera permanece apontada para o seu rosto exausto. Observo seus olhos, são o que mais gosto nela. Dizem que quando alguém mente, os olhos se esquivam e piscam, se desviam para cima. Mas ela não os mexe. Permanecem voltados para a câmera. Eu não a flagro mentindo, o que torna tudo especialmente dolorido: ela acredita realmente no que diz.

Na carta de despedida, ela não menciona as vítimas. Tudo gira em torno dela e de sua doença. Menciona apenas a outra neta, segunda filha da minha mãe, minha meia-irmã mais nova. Eu havia sido adotada e, com isso, deixara de existir.

Sem dúvida eu gostaria de ter outro avô, se pudesse. Mas não trocaria a minha avó.

Talvez fosse diferente se eu ainda a tivesse encontrado mais uma vez, já adulta. Se eu tivesse discutido com ela, e ela tivesse continuado a contar as mesmas mentiras que tornaram a vida da minha mãe tão difícil, meu conflito interno certamente seria maior. Mas nunca discuti com ela. Eu era uma criança.

Isso não significa que sou leal à minha avó ou que a defenda. Eu me distancio do que ela fez e, infelizmente, também daquilo que ela não fez no campo de concentração. Eu me distancio de suas declarações posteriores.

No entanto, faço uma distinção entre Ruth Irene Göth, a pessoa pública, e Ruth Irene, a minha avó.

Muitos filhos e netos dos nacional-socialistas se sentem obrigados a pedir perdão por seus parentes. Os netos não o fazem mais de forma tão direta quanto a “geração de penitentes” dos filhos dos nazistas. No início, também percebi esse reflexo em mim. O medo de como as pessoas ao meu redor reagiriam quando eu dissesse que amo minha avó.

O livro sobre a minha mãe é intitulado *Sou obrigada a amar o meu pai, ou não?*. Isso implica que ela não pôde realmente amar o pai. O autor, Matthias Kessler, confronta minha mãe o tempo todo com os crimes de Amon Göth. Durante a leitura, imagino seu dedo indicador erguido, e percebo o tom intolerante da narrativa: você não pode amar esse pai, esse monstro! Mas a psicologia do ser humano funciona de forma diferente. Se meus filhos fizessem algo terrível, eu condenaria seus atos com toda firmeza, mas não deixaria de amá-los.

Com frequência, supõe-se que os descendentes dos criminosos criam para si um aparato psicológico que, de alguma forma, lhes permite lidar com os atos horrendos e preservar um resquício do pai bom, da avó boa; eles se convencem de que o criminoso era apenas um subordinado recebendo ordens e de que os outros cometeram crimes ainda piores. Alguns descendentes se agarram à fantasia de que o criminoso teria se arrependido de tudo no último minuto.

Acredito que eu não faça tudo isso. Cheguei a pensar se, no fim, Amon Göth se arrependera dos seus atos, mas não para minimizá-lo e absolvê-lo — e, com isso, me absolver também. Fazia isso muito mais porque os contextos psicológicos me interessavam, e eu, apesar de tudo, vejo Amon Göth como uma pessoa — e é inerente à natureza das pessoas sentir compaixão.

No final, o meu avô não se arrependeu, caso contrário não teria erguido a mão no gesto de saudação nazista do alto do cadafalso. Minha avó também nunca se arrependeu de verdade, nunca viu as vítimas como o que realmente eram. Passou pela vida de olhos fechados.

Nem por isso vou me justificar pelo fato de ainda considerar minha avó próxima a mim, tampouco explicarei por quê. É como me sinto, apenas.

Quando eu era criança, ela me dava a sensação de não estar sozinha. Disso eu nunca me esquecerei.

Capítulo 4

Uma vida com os mortos: a mãe, Monika Göth

“Esse Amon dominou a nossa vida inteira. Embora já estivesse morto, ele ainda estava lá.”

— Monika Göth, 2002

Gostaria de rever minha mãe. Não para acertar as contas, mas para fazer-lhe muitas perguntas.

Quase vinte anos se passaram desde o nosso último encontro. Ela se surpreenderá se eu ligar agora? Ficará surpresa, curiosa ou feliz?

Irá gostar de mim ou me rejeitar?

Continuo sendo a menina do orfanato, nunca boa o bastante?

Defini um prazo para mim mesma: quero entrar em contato com a minha mãe antes do fim do ano. Estive em Cracóvia em outubro. Passa novembro, passa dezembro, as semanas passam uma após a outra.

No meio de dezembro, não posso mais fugir. Uma semana antes do Natal escrevo uma carta para a minha mãe. Encontrei seu endereço na lista telefônica.

Começar a carta já é difícil: como devo chamá-la? Mãe? Monika? Querida Monika? Quando criança, eu a chamava de “mamãe”, mas isso já ficou para trás há muito tempo.

Começo a carta com “Querida Monika” e desejo a ela um feliz Natal. Escrevo que ficaria muito feliz se pudesse encontrá-la no Ano-Novo. Anoto o meu endereço e anexo uma pequena foto do meu marido e dos meus dois filhos. Deixo-a entrar um pouco na minha vida e saber algumas coisas sobre mim; que vivo em Hamburgo, sou casada e tenho dois filhos.

Sei apenas um pouco sobre ela e, ao mesmo tempo, muitas coisas que descobri por meio do livro, do documentário e na internet. Essa é uma das razões pelas quais fui para Cracóvia, para me aproximar mais da minha mãe. Ela também esteve lá, em busca de rastros dos seus pais. Encontrou Helen Rosenzweig, a antiga empregada de Amon Göth. No filme sobre esse encontro ela parece solitária e perdida.

Para mim, a viagem para a Polônia foi um passo importante, e depois dela melhorei. Após ter depositado as flores no memorial do campo de concentração de Plaszow, um grande peso parece ter sido tirado de mim. Não ocupo mais todo o meu tempo com fatos históricos. Quando fecho os olhos, não vejo mais meu avô assassino diante de mim, nem minha avó doente, lutando para respirar. Consegui voltar a me dedicar à minha vida e aos meus filhos.

Consegui me distanciar. Talvez isso seja o que minha mãe nunca conseguiu.

Olho novamente as fotos dela. Algumas imagens me dão medo, as que ela está com olhos muito tristes. Um olhar velado que ameaça me puxar de volta ao abismo.

Mas sem a ajuda da minha mãe eu nunca vou conhecer a verdade sobre minha família e meu passado. Apenas ela poderá me explicar muitas coisas.

No início eu não sabia se realmente queria encontrá-la. Após a descoberta do livro, quis gritar com ela, jogar na cara dela o quanto eu estava decepcionada. Como ela pôde primeiro me abandonar e depois esconder esse passado de mim? Por que ela achou desnecessário contar para mim a monstruosidade da nossa história familiar?

No entanto, eu sabia que teria sido ridículo entrar em contato com ela dessa forma. Eu teria feito o papel de criancinha magoada nesse encontro e não teria sido capaz de ter uma conversa séria.

Precisei de tempo para entendê-la melhor.

Assim, me comportei com tranquilidade. Dei vazão à minha raiva apenas na terapia. Meu marido sugeriu que a hora de confrontar minha mãe havia chegado. Percebi que ele também estava furioso com ela, talvez ainda mais furioso do que eu.

Mas achei melhor esperar. Refleti muito sobre minha mãe. Que tipo de pessoa era? Difícil e misteriosa. Mergulhei nas fotos que possuía dela e assisti ao documentário sobre ela e Helen Rosenzweig com atenção. Seu caminhar é estranho e seus ombros são curvados, como se carregasse um fardo pesado. Sinto-me mal por ela. Minha raiva não é mais tão grande.

Agora, quando contemplo a sua história, entendo melhor por que ela não se via em condições de me criar. Também consigo compreender por que ela se calou por tanto tempo sobre o passado.

Gostaria de ouvir dela o motivo por que me abandonou, e também como foram todos esses anos para ela.

Não a vejo mais apenas como a mãe que abandonou a filha, mas como a filha de Amon Göth. Esse pai está no centro da sua vida, é algo que formou sua identidade e a ocupou de tal forma que talvez não houvesse espaço para outras pessoas, para o papel de mãe, para mim.



Monika Göth nasceu em Bad Tölz, na Baviera. Amon Göth veio para cá no caos dos últimos dias de guerra e, em maio de 1945, foi preso pelos norte-americanos que ocuparam a Alemanha. Ruth Irene Kalder o seguiu para a Baviera e, em novembro de 1945, deu à luz Monika, a filha deles.

Da prisão, Amon Göth escreveu uma carta para Ruth Irene: “Querida Ruth, finalmente posso escrever. Especialmente no início de novembro, pensei muito em você e em como as coisas têm sido difíceis, pobrezinha... Como está tudo agora? É um menininho ou uma menininha? Espero que estejam com saúde.”

Após o nascimento, Ruth Irene teve escarlatina. A avó, Agnes Kalder, mãe de Ruth Irene, cuidou da recém-nascida. Por conta do risco de infecção, durante as primeiras semanas Ruth Irene pôde ver a filha apenas através de um vidro. A distância entre mãe e filha continuou também mais tarde: a avó foi a referência mais importante de Monika. Para a menina, Agnes era a sua “vovó”, e a sua mãe era apenas “Ruth” ou “Irene”.

Monika Göth descreveu com detalhes sua infância e sua juventude ao escritor e documentarista Matthias Kessler.

Quando tinha seis meses, a mãe foi passear com ela em Bad Tölz. De repente, um homem atacou o carrinho e esfaqueou o bebê. Monika precisou ser operada e ficou com uma cicatriz no pescoço. Ruth Irene acredita que um ex-prisioneiro de Plaszow tentou assassinar a filha de Amon Göth.

Quando Monika tinha dez meses, o pai foi enforcado em Cracóvia.

Ruth Irene Kalder, que mudou o sobrenome para Göth em 1948, continuava a idealizar o seu Amon, que ela chamava de “Mony”. Monika, apelidada de “Moni”, esteve presente quando a mãe reencontrou um velho amigo na região da estação central em Frankfurt, Oskar Schindler. Ele viu a menininha e concluiu: “É Mony sem tirar nem pôr!” No início, Monika se alegrou com aquilo. Ficou desconfiada pela primeira vez quando a mãe gritou para ela numa briga feroz: “Você é como o seu pai e terminará exatamente como ele!” A partir daí, Monika, na época com 11 anos, começou a se perguntar se haveria algo de errado com a história do pai, supostamente morto na guerra.

A mãe se calou. Em algum momento, Monika pressionou a avó, Agnes Kalder, para que esta lhe contasse a verdade: “Está bem, ele foi enforcado. Mataram judeus na Polônia e seu pai fez parte disso tudo.”

Monika não conhecia nenhum judeu. Naquela época, a família havia se mudado para Munique-Schwabing, mas nem na cidade grande a menina ouvira muita coisa sobre o Holocausto. Ela descreveu a atmosfera das décadas de 1950 e 1960 da seguinte forma: “Após a guerra, ninguém falava sobre judeus, eles eram considerados extintos como os dinossauros.”

Monika continuou a questionar a avó: “E onde Ruth Irene estava?” Agnes Kalder respondeu: “Ela também estava na Polônia.”

No dia seguinte, Monika foi até sua professora e perguntou o que realmente tinha acontecido com os judeus. A professora respondeu apenas que ela deveria prestar atenção nas aulas de matemática e não em coisas que não lhe diziam respeito. Monika foi até a mãe e insistiu: “Quantos judeus o meu pai matou, e por quê? Ele matou crianças também?”

Como Monika continuou a perguntar, a mãe lhe deu uma surra.

A avó e a mãe relativizavam os crimes de Amon Göth, e lhe diziam sempre que “Mony” apenas dirigia um campo de trabalho, não um campo de extermínio. Outro comandante, Rudolf Höss, era comandante de um campo de concentração muito maior e pior em Auschwitz. Ruth Irene Göth insistia que não havia nenhuma criança em Plaszow.

Segundo Monika Göth, Ruth Irene alegava que Amon Göth tinha fuzilado apenas alguns judeus, por “motivos de higiene”: “Minha mãe dizia que os judeus nunca usavam o banheiro, por isso espalhavam epidemias. E quando Amon viu alguns homens fazerem suas necessidades longe do banheiro, resolveu atirar neles.”

Monika Göth cresceu em meio a um emaranhado de mentiras. Era uma criança, e acreditou na mãe. Coisas ditas a uma criança repetidamente ficam gravadas na mente, e mais tarde reaparecem, queiramos ou não.

Monika Göth precisou de quase metade de sua vida para descobrir a verdade sobre seu pai e sua família. Ela leu e pesquisou para derrubar as mentiras e as meias verdades em sua cabeça e esteve a ponto de enlouquecer.

Desmascarar as mentiras da mãe exigiu um esforço imenso. Teria sido mais cômodo não fazê-lo, pois as histórias que a mãe lhe contava eram bonitas: sobre um pai que era charmoso, adorável e bem-humorado — e que, no fim das contas, não fizera nada de errado. Em retrospecto, Monika Göth diz: “Eu sempre via o meu pai como vítima — uma vítima do nacional-socialismo, de Hitler, de Himmler.”

Peter Bründl, psicólogo de Munique, diz que toda criança, a fim de ter um crescimento saudável, precisa acreditar que seus pais são bons. “É terrível ter assassinos como pais: ‘eu, filho de assassinos?’ Por isso muitos aceitam o silêncio dos pais, e os próprios filhos também se calam e não perguntam o que realmente aconteceu durante a guerra.”

A geração que nasceu nos últimos anos do Terceiro Reich descobriu que os pais se recusavam a

conversar sobre o nazismo, fossem oficiais da SS ou simples soldados — a maioria dos pais, mães e viúvas falavam pouco ou simplesmente nada sobre o período anterior a 1945. Cabia aos filhos ou, mais tarde, aos netos a descoberta das histórias de família. Sob o manto do silêncio, as lendas e os preconceitos continuavam a brotar.

A avó pediu que Monika não comentasse sobre aquelas coisas, mas a juventude sempre rompe com o silêncio. Monika provocava a mãe. Quando Ruth Irene Göth mandava a filha limpar o banheiro, Monika gritava: “Não sou sua empregada de Plaszow!” Quando a mãe batia nela, Monika respondia: “Bate mais. Você só me bate porque é como o velho. Eu não sou como ele, você é.”

Mais tarde, Monika Göth fez amizade com o dono do bar Bungalow, em Schwabing. Quando o dono arregaçou as mangas para lavar copos, ela viu um número tatuado no braço dele. Chocada, Monika perguntou: “Manfred, me diz uma coisa: você é judeu? Esteve no campo de concentração?” “Sim”, respondeu ele. Monika quis saber em qual campo de concentração ele estivera. Aquele interrogatório era desconfortável para ele, mas no fim ele comentou que passara a maior parte do tempo em Plaszow. Aliviada, Monika respondeu: “Manfred, fico tão feliz que você não foi para um campo de concentração, mas para um campo de trabalho. Então você conheceu o meu pai. Era o Göth.”

O dono do bar ficou pálido. Mais tarde, Monika Göth diria que o grito dele não se calava na mente dela: “Aquele assassino! Aquele porco!” Monika tomou um susto e repetiu: “Mas Manfred, você não foi para um campo de concentração. Esteve num campo de trabalho.” O dono do bar não respondeu, ficou apenas parado e trêmulo. Depois disso, ficou dias sem falar com ela.

Monika Göth organizou um encontro entre o dono do bar e a mãe, obrigando Ruth Irene Göth a encontrar o homem traumatizado. A mãe concordou com o encontro, mas depois não lhe contou quase nada sobre o que conversaram — apenas que o dono do bar lhe perguntara repetidamente: “Por que vocês fizeram aquilo?”

Com quase 24 anos, Monika Göth se apaixonou pelo amigo de um sublocatário de sua mãe, um universitário negro da Nigéria. Monika o descreve como um homem bonito, do tipo Harry Belafonte. Ela se mudou para o quarto dele por um tempo, mas o relacionamento não durou. Em 29 de junho de 1970, Monika Göth deu à luz, na Clínica de Mulheres da Maistrasse, em Munique, a filha desse curto relacionamento, e batizou-a com o nome Jennifer. Jennifer recebeu o sobrenome da mãe: Göth. Na época, Monika Göth trabalhava seis dias por semana como secretária e sempre estava emocionalmente abalada.

Quando a filha tinha quatro semanas de vida, Monika a levou para o “Salberghaus”, um orfanato para recém-nascidos dirigido por freiras que ficava perto de Munique.



Três semanas se passaram desde que escrevi a carta para a minha mãe, e ainda não recebi resposta. Temo que ela não responda. Talvez ela não queira ter contato comigo.

Esse foi outro motivo pelo qual esperei tanto tempo até escrever para ela; queria me sentir forte o suficiente para suportar, inclusive, o seu silêncio.

O silêncio parece familiar. Quando fui adotada, ela foi embora de repente, e eu não soube mais nada a seu respeito, não pude mais lhe fazer perguntas.

Tento ficar calma. Precisei de muito tempo para escrever a minha carta, talvez ela também precise de tempo para responder.

Então, numa quinta-feira, recebo uma ligação no escritório. Eu não estou lá, mas me passam o recado de que um senhor pediu que eu retornasse a ligação. É Dieter, o segundo marido da minha mãe. Ele tem mais ou menos a idade dela. Da última vez que encontrei minha mãe, com vinte e poucos anos, ela o trouxe consigo, sem me consultar. Naquela época, eu queria ficar a sós com ela.

Agora, é Dieter quem entra em contato comigo, não ela. Pergunto-me por que ela não telefonou pessoalmente. Será que ela o mandaria antes?

No dia seguinte, ligo para Dieter. Ele diz que tentou falar comigo em casa, mas eu não estava lá. Conversamos um pouco, e então ele diz de forma bem direta com o seu sotaque de Munique: “Por que você simplesmente não liga para a sua mãe?”

Simplesmente? Para mim nada é simples quando se trata da minha mãe.

Na verdade, eu havia decidido ligar para ela fazia bastante tempo. Preciso de esclarecimentos e não quero mais esperar. No sábado, meu marido e as crianças não estão em casa, então fico mais tranquila. Disco o código de área, depois o número. São poucos dígitos, ela mora num vilarejo. Fico agitada. Deixo tocar uma, duas, três vezes, então ela atende. Ela me cumprimenta e diz que ficou muito feliz com a minha carta. Parece que ela estava esperando a minha ligação. Sua voz me é familiar, e automaticamente penso nos dias da minha infância, nos fins de semana que passei com ela quando me visitava.

Gosto de ouvi-la e gosto do seu jeito de falar. Sua pronúncia é precisa, e ela faz pausas longas. Às vezes, sua voz assume um tom teatral.

Hoje consigo reconhecer a felicidade em sua voz. Mas ela também parece agitada. Eu me pergunto onde ela está. Sei que vive em uma casa agora, o filme sobre o seu encontro com Helen

Rosenzweig tinha algumas cenas gravadas lá.

Ela está no quarto ou no corredor? Está caminhando com o telefone pela casa ou já andou para fora, para o jardim? Não consigo imaginá-la sentada em uma cadeira. Ela é impulsiva, certamente perambula pela casa. Sempre foi uma pessoa inquieta.

Quando eu era criança, ela me deixava nervosa. Sua presença sempre provocava uma tensão no ar. Nunca sabia o que esperar dela no minuto seguinte, e isso me dava medo. Ela não falava muito, ao contrário: quando queria me castigar, se calava.

Agora, ao telefone, ela fala sem parar. Minha mãe não se surpreende nem um pouco com o fato de eu, agora, estar a par de toda a história da família. Ela simplesmente parte do princípio de que sei de muita coisa e conta, muito naturalmente, um detalhe de sua vida após o outro. No fim, lhe pergunto, com cuidado: “Quero encontrar com você, tudo bem?” Sem hesitar, ela diz: “Mas é claro que sim.” Pergunto quando seria melhor para ela, e ela responde: “Quando você quiser.”

Quando desligo o telefone, sinto um grande alívio. Considerando que me preparei durante tanto tempo para o primeiro contato com a minha mãe, a conversa correu bem. Ela parecia feliz e nada hostil, e isso é bem mais do que esperava.

Combinamos um encontro em fevereiro, quando irei visitá-la em sua cidadezinha, na Baviera. Antes, vou para Munique, pois meus pais adotivos se ofereceram para levar meus filhos por três dias para esquiar nas montanhas. Enquanto isso, fico na casa deles, em Waldtrudering, preparando-me tranquilamente para o encontro com a minha mãe.

A distância entre Waldtrudering e Putzbrunn, município nas proximidades de Munique, é de poucos quilômetros. Lá fica o Salberghaus — o orfanato no qual passei meus primeiros três anos de vida. Já passei por ali algumas vezes. Paro, abaixo o vidro do carro e observo o prédio quadrado e vermelho de três andares. Atrás dele há um bosque. Na frente da fachada vermelha há um grande jardim com brinquedos: um barco de madeira com rodinhas, uma ponte de brinquedo, uma fonte. Crianças pequenas dançam e cantam. Havia brinquedos no jardim na minha época? Certamente não, tudo parece tão novo. Até então, eu tinha visto o prédio apenas por fora, agora vou entrar.



O Salberghaus, orfanato para bebês próximo a Munique, foi construído na década de 1960. Irmãs franciscanas, que viviam no prédio em frente, o administraram nos primeiros anos. Em comparação com outros orfanatos, o Salberghaus tinha uma boa reputação. Numa visita surpresa do governo da Alta Baviera, a Irmã Superiora recebeu a confirmação de que o orfanato era “bem-administrado”. No relatório do governo consta ainda: “[...] os bebês encontram-se em boas condições de higiene e alimentação; têm o rosto bem corado [...]. Toda a atmosfera feliz garante o desenvolvimento saudável das crianças.”

Atualmente, vivem no Salberghaus principalmente crianças que precisam com urgência de um abrigo. Seus pais não dão conta de criá-las, muitos têm problemas emocionais, são dependentes de drogas ou álcool ou se tornaram criminosos. Algumas crianças foram espancadas ou abusadas sexualmente em suas famílias. A polícia ou o serviço de proteção ao menor as traz para o orfanato.

Na década de 1970, geralmente eram os próprios pais que levavam as crianças para lá. Com frequência eram mães solteiras ou operárias que pediam ajuda ao Salberghaus. Na época, ainda não havia licença-maternidade, e a mãe precisava voltar ao trabalho poucas semanas após o nascimento da criança, senão o seu emprego era ocupado por outra pessoa. Muitas mulheres trabalhavam seis dias na semana em período integral. Quase não havia empregos de meio período, e era pequena a oferta de cuidados infantis e de ajuda para as mães. As crianças eram entregues para adoção com muito mais frequência do que hoje em dia.

No prontuário de Jennifer Göth no Salberghaus consta o motivo para o seu ingresso, no verão de 1970: “mãe trabalhando”.

No início da década de 1970, o orfanato em Putzbrunn abrigava até duzentos bebês e crianças pequenas. Eram divididas em grupos de dez a doze crianças. Cada grupo era conduzido por uma ou duas freiras. As crianças menores viviam no chamado “berçário de bebês de colo”; as outras no “quarto das crianças”.

Atualmente, os grupos de crianças têm nomes como “ursos”, “gafanhotos” ou “sete anões”; na década de 1970 eram simples números. Hoje em dia, as crianças são levadas para passear na área externa em carrinhos de bebê; no passado, os berços gradeados eram simplesmente arrastados para a varanda para que as crianças pudessem ficar ao ar livre. Wolfgang Pretzer, o atual diretor do orfanato, diz: “Mesmo que o orfanato fosse muito bom para os padrões da época, do ponto de vista de hoje tratava-se mais de um abrigo, não de um orfanato que oferece cuidados e educação. Na época, o tempo disponível para se dedicar a uma única criança era menor. Os grupos eram maiores e havia menos cuidadores do que hoje.”



Minha lembrança mais antiga: estou deitada no chão e grito; ao meu redor, tudo está escuro.

Devo ter caído do berço. Uma cuidadora da noite vem até mim e me deita novamente nos lençóis. Aninhada no cobertor, adormeço novamente.

Na época, dormíamos em berços com grades brancas que abriam e fechavam nas laterais, deslizando para cima e para baixo. Uma freira havia se esquecido de fechar as grades do meu berço.

Quando fiquei grávida e tive filhos, sempre pensava no orfanato. Meus filhos ficaram nove meses na minha barriga, quentes e protegidos. Quando bebês, eu os carreguei bastante, cantava para eles e embalava o seu sono. Sempre estavam grudados em mim, no ventre e também depois.

No meu caso, depois do nascimento, a mãe simplesmente foi embora.

As fotos que tenho do tempo de orfanato não contam nada disso: em todas estou olhando feliz para a câmera.

A área de entrada parece tranquila, vejo desenhos coloridos das crianças por toda parte. Antes de vir, liguei para o orfanato e contei que fui uma das órfãs do Salberghaus e que gostaria de visitá-los. O diretor e uma assistente social mais velha, que já trabalhava ali na década de 1970, me acompanham.

Apesar das muitas crianças, o lugar é silencioso. Percorremos longos corredores, e algumas crianças pequenas passam por nós em carrinhos de mão e triciclos.

Meu grupo era conduzido pela irmã Magdalena. A minha mãe adotiva me contou que ela era muito carinhosa e dedicada. A assistente social mais velha ainda se lembra: “O grupo da irmã Magdalena ficava no quarto ao lado da escada, à esquerda. Onde agora fica o grupo dos ‘ursos’.”

Eles me levam até os quartos de um grupo de crianças. Primeiro precisamos tocar uma campainha, como numa casa de verdade. Uma cuidadora abre a porta. Há uma sala de jantar com cozinha e uma sala de estar clara e bem-equipada. Bem ao fundo ficam os três quartos, e em cada um dormem de duas a três crianças — no meu tempo, dormíamos todas juntas, numa única sala.

Uma menininha com cabelos escuros e olhos fundos em um rosto pálido vem até mim e me observa por um instante. Ela não disse uma palavra desde que chegou aqui, a cuidadora me conta mais tarde. Também há duas meninas de pele escura no grupo, e seus cabelos crespos são iguais aos meus em fotos antigas. Elas riem.

O que essas crianças escondem por trás de seus rostos? Sentem falta dos pais? Querem voltar para as suas famílias?

Na minha época de orfanato, havia horários de visita fixos no fim de semana. Todo domingo, quando outras mães e pais entravam, eu olhava ansiosa para a porta, me perguntando se a minha mãe apareceria.



Normalmente, ela não aparecia.

Monika Göth visitava Jennifer apenas às vezes, e com frequência lhe faltava tempo para a pequena. Nesse meio-tempo ela havia se casado com um homem que a violentava sempre, e uma vez a espancou na frente do orfanato, mandando-a para o hospital. Jennifer conheceu o marido da mãe durante as visitas, e ela temia o homem que até hoje chama apenas de “Hagen”. Monika Göth falou sobre ele: “Meu primeiro marido era como Amon. Eu o escolhi para me punir.”

Às vezes, Monika Göth levava Jennifer para Ruth Irene Göth, na antiga casa em Schwabing.

Em 21 de março de 1971, Jennifer foi batizada na capela na ala lateral do Salberghaus. A mãe havia consentido, mas não compareceu. A irmã Magdalena foi a madrinha de Jennifer.



Entro na capela modesta na qual fui batizada. Pergunto aos meus acompanhantes se posso ficar sozinha um pouco e me sento em um dos bancos.

No quarto dos meus pais adotivos há uma mesa lisa, cujo tampo pode ser levantado. Quando criança, mantínhamos nossos álbuns de fotografia ali dentro, e tenho fotos do meu batizado em um deles. Minha mãe adotiva as separou cuidadosamente. Uma freira jovem e loira me segura sobre a pia batismal. É a irmã Magdalena, a responsável pelo meu grupo e minha madrinha. Ela veste o hábito branco das freiras ativas a serviço do orfanato. Do seu lado, o padre, que derrama água sobre os meus cachos. Em outra foto, que deve ter sido tirada imediatamente após o batizado, a irmã Magdalena me segura nos braços. Visto uma longa roupa branca de batizado e seguro a mão dela com a minha mãozinha escura. No seu hábito branco, que se estende até o chão, e de véu branco, a irmã Magdalena se assemelha a uma Madona.

Penso que ela e suas ajudantes faziam o possível para que nós, as crianças, também experimentássemos o amor e a devoção. Ela tentou ser uma espécie de mãe substituta para onze crianças. À noite, rezava conosco no dormitório.

Eu gostaria de encontrá-la, mas ela não vive mais no mosteiro. Chegou a escrever uma carta para a minha família adotiva, explicando que havia deixado a ordem. Escreveu também que uma vez, por acaso, me viu com a minha nova família no centro de Munique. Na época, não quis incomodar, mas esperava que eu estivesse bem.

Por meio da Ordem das Franciscanas, consegui o e-mail da ex-irmã Magdalena. Eu lhe escrevo e recebo uma resposta imediata, que começa com as palavras: “Prezada senhora Teege — ou querida Jenny?”

A irmã Magdalena se lembra muito bem de mim. Escreve que ainda tem muitas fotos minhas. Diz que, se eu quiser, posso visitá-la; ela mora com o marido não muito longe de Munique.

Logo encontro a casa em um bairro de classe média. Os cabelos da irmã Magdalena agora estão brancos, e ela os usa em cachinhos curtos. Ela me cumprimenta com um abraço.

Percebo de imediato que há uma cruz simples pendurada sobre a porta de sua cozinha. Ela me explica que Deus ainda ocupa um papel importante em sua vida; a Igreja, porém, quase nenhum. Após seu período na ordem, ela se casou, teve filhos e nesse meio-tempo, muitos netos. Seu marido também está sentado à mesa de jantar. É um ex-padre, fala várias línguas e vem das proximidades de Cracóvia. Conhece Plaszow e também o nome de Amon Göth. Conto sobre minha história familiar recém-descoberta, e os dois ouvem com atenção. Magdalena não consegue se lembrar da minha mãe, tampouco da minha avó. Mas sabe que eu ficava triste quando ninguém me buscava nos fins de semana. Alguns pais vinham com mais frequência. Eu tinha uma amiguinha no grupo cujos pais a visitavam todo domingo, e eu percebia isso nitidamente. No início, minha mãe vinha com regularidade, depois apenas esporadicamente.

Fico surpresa como a minha ex-cuidadora ainda consegue se lembrar de mim. Na época, ela tinha quase trinta anos, e hoje tem quase setenta, mas ainda se recorda de muitos detalhes. Ela diz que eu era uma criança feliz, acessível, descomplicada e muito querida no grupo. Ela mantinha uma relação pessoal com cada um dos seus protegidos, e com alguns tem contato até hoje. Ela me conta que quase nenhum dos órfãos daquela época teve uma vida fácil; muitos enfrentaram sérios problemas.

Ela me mostra os álbuns de fotografia: irmã Magdalena conosco no zoológico de Hellabrunn, nós no orfanato, com o Papai Noel. Em meu grupo havia outra criança negra, além de crianças com deficiências físicas. Uma delas era cega de um olho, à outra faltava uma perna.

Minha ex-cuidadora diz que era responsável pela “porção extra de amor”. Para ela foi extremamente difícil deixar as crianças para trás quando precisou sair do orfanato.

O reencontro com Magdalena é muito agradável e afetoso. Conversamos muito, e eu quase não queria ir embora.

No caminho de volta para Waldtrudering, tentei me lembrar de como foi me separar de repente da irmã Magdalena. No orfanato, ela era a minha referência mais importante. De um dia para o outro, passei a viver com a minha família acolhedora, a minha futura família adotiva. Nunca voltei a ver a irmã Magdalena depois disso. Meus pais adotivos dizem que, no início, eu sempre falava dela.



Com três, no máximo quatro anos, as crianças deixavam o Salberghaus. Até então, deveriam voltar para as suas famílias biológicas ou ter encontrado uma família acolhedora, caso contrário eram transferidas para outro orfanato.

Nos fins de semana, sempre vinham casais ao Salberghaus à procura de crianças. Bebês pequenos e bonitinhos encontravam famílias com mais facilidade. Jennifer tinha mais de três anos, e sua pele era negra. “Na época, crianças negras tinham mais dificuldade; não as mandávamos para o interior, pois isso não lhes ajudaria em nada”, lembra-se uma ex-funcionária do orfanato.

Jennifer foi apresentada primeiro a uma família que já tinha uma filha pequena e estava pensando em acolher uma criança da mesma idade, mas quando viram a altura de Jennifer, uma cabeça mais alta do que as crianças da mesma idade, decidiram não acolhê-la: ela era grande demais.

Na mesma época, um casal de acadêmicos de Munique-Waldtrudering, Inge e Gerhard Sieber, entrou em contato com o serviço de proteção ao menor. Ela, vienense e doutora em pedagogia; ele, um cientista econômico de Bochum. Tiveram dois filhos, um após o outro, que na época tinham três e quatro anos. Foram partos difíceis e os dois nasceram prematuros.

No entanto, como o casal sempre quis ter três filhos, Gerhard Sieber sugeriu à mulher que acolhessem uma criança. Para ele, não era nada de extraordinário já que sua mãe, que mais tarde se tornaria a “vó de Bochum” de Jennifer, e também suas irmãs sempre ofereceram um lar a outras crianças. Gerhard Sieber considerava uma bela tradição familiar ajudar uma criança com necessidades durante um tempo.

Inge Sieber conta, com o seu sotaque suave e ainda levemente perceptível de Viena: “Eu era mais insegura que o meu marido. Tinha medo de acolher uma criança com distúrbios emocionais graves e de não estar preparada para aquilo.”

Apesar de suas preocupações, Inge Sieber procurou o serviço de proteção ao menor em 1973, com os seus dois filhos, e solicitou o acolhimento de uma criança. Naquele momento, os Sieber não pensavam em adoção, queriam ficar com a criança apenas o máximo que pudessem: “Aos nossos olhos, a adoção era apenas para pessoas que não podiam ter filhos. Já tínhamos dois filhos e não queríamos tirar uma criança de pessoas que não tinham filhos e desejavam adotar”, disse Inge Sieber.

Ela conta ainda o seguinte: “Meus dois filhos pequenos fizeram uma bagunça tão grande no

serviço de proteção que tive certeza de que não me dariam criança alguma para acolher, e de que pensariam: ‘Essa mãe não consegue controlar nem mesmo os seus filhos biológicos’”.

No entanto, o serviço de proteção ao menor considerou os Sieber qualificados. Uma assistente social visitou a família em casa, e, além disso, Inge Sieber precisou fornecer um atestado de saúde. Na época, a futura mãe da criança a ser acolhida era a principal examinada, pois se partia do princípio de que apenas a mulher cuidaria da criança. De fato, esse era o caso da família Sieber: Inge Sieber era a dona de casa, cuidava das crianças e, além disso, ajudava na vizinhança, cuidava de pessoas idosas e dava aulas de reforço de latim para estudantes.

Depois de três meses, o serviço de proteção ao menor ligou para a família Sieber: “Há uma menina mestiça em um orfanato de Putzbrunn que precisa urgentemente de uma família de acolhimento.”

Hoje isso seria impensável, mas na época os Sieber foram transferidos sem qualquer aconselhamento ou acompanhamento pedagógico para o Salberghaus. As adoções e os acolhimentos eram realizados num processo quase instintivo. A crônica do Salberghaus registra a praxe no início da década de 1970: “Sempre chegavam pais para adoção e acolhimento à nossa porta sem aviso, com uma carta do serviço de proteção ao menor na qual se dizia que estariam autorizados a conhecer uma determinada criança e levá-la imediatamente. Um período de introdução e familiarização mútuas, que seria importante para todos, pôde ser aplicado apenas com muito esforço.”

Os Sieber discutiram o acolhimento de outra criança com os filhos pequenos. Matthias, o mais velho, lembra: “Eles diziam para nós: é uma menina, vamos lá conhecê-la.”

Quando a família Sieber visitou Jennifer pela primeira vez no orfanato, os dois meninos levaram um livro ilustrado para ela, Willi Waschbär tut das auch [Willi Waschbär também faz isso], além de um ursinho de pelúcia azul. Inge Sieber diz: “Vimos uma menina feliz com os cabelos espetados — cachinhos naturais saindo da cabeça. A mãe havia mandado alisar as pontas dos cabelos, e eles pareciam espetos saindo da cabeça. Jenny foi praticamente apresentada como uma mercadoria.”

Outra menina do orfanato sentou-se imediatamente no colo de Inge, olhou para ela e disse: “Mamãe, você é linda.” Inge ainda lembra como ela achou deprimente o fato de que, para aquela menina, todas as visitantes eram sua mãe.

A família Sieber saiu para passear com Jennifer. Depois disso, visitaram a menina várias vezes no orfanato. Por fim, Jennifer foi com a família para Waldtrudering, para um “dia de teste”. Inge serviu frango no almoço. Ela conta: “Jenny era acostumada com a comida macia das crianças e surpreendeu-se com os ossos, remexeu a comida e mastigou muitas vezes. Eu perguntei: ‘Não gosta?’ E então, Jenny disse: ‘Não! Eu não como gato!’” Jennifer cochilou na cama de Matthias, que se mudara para a cama de hóspedes. A menina era gentil e afável, e parecia se sentir bem com os Sieber. No fim do dia, antes de levarem Jennifer de volta para o orfanato, perguntaram para a menina de três anos: “Gostaria de se mudar para a nossa casa?” Jennifer respondeu que sim.

Inge saiu com os filhos, comprou uma nova mamadeira e perguntou aos meninos: “Para quem é esta?” “Para a menininha que vai ser a nossa nova irmãzinha”, responderam Matthias e Manuel.

Em 22 de outubro de 1973, Inge Sieber finalmente tirou Jennifer do orfanato. Ela recebeu a carteira de vacinação da filha adotiva e uma lista com suas doenças de infância; a Irmã Magdalena lhe entregou muitas fotos.

Jennifer não tinha um bicho de pelúcia quando deixou o orfanato, após mais de três anos. Inge Sieber diz: “A primeira coisa que fiz com Jennifer foi um passeio rápido, e fomos ao açougueiro. Ele lhe deu uma salsicha, e ela agradeceu com um sorriso.”

Inge ficou surpresa por Jennifer ser tão “alegre e desinibida”. Ela havia se preparado para uma criança intimidada e traumatizada. “Mas Jenny era mais confiante e independente do que os meus próprios filhos. Sabia como agir no dia a dia. As cuidadoras no orfanato a haviam preparado bem. Por exemplo, saíam com as crianças para fazer compras nas proximidades.” Contudo, o que chamou a sua atenção foi que, no início, Jennifer não saía do lado de Inge; ela seguia a mãe acolhedora a cada passo, até mesmo ao banheiro.

Jennifer era sedenta por conhecimento e curiosa, segundo Inge. Quando viu os brinquedos de Matthias e Manuel, perguntou: “De quem são?” Inge respondeu: “De vocês três.”

Matthias diz que o irmão e ele ficaram felizes com uma nova amiga para brincar e imediatamente se deram bem com ela. Não tiveram, em momento algum, ciúmes da nova irmã.

Gerhard Sieber construiu um treliche para as crianças. Jennifer dormia embaixo; Manuel, quase da mesma idade, no meio; Matthias, um ano mais velho, em cima. Em uma foto desses primeiros tempos juntos, todos os três estão sentados no treliche, rindo; os dois meninos loirinhos da família Sieber em pijamas com listras vermelhas e azuis, e a alta e esguia Jennifer em uma camisola do mesmo tecido.

A cada 22 de outubro, no aniversário da mudança de Jennifer para Waldtrudering, a família lhe dava um pequeno presente. “O dia 22 de outubro era para nós algo como o Dia da Jenny”, diz Inge Sieber.



Gosto muito da foto de nós três no treliche, de pijamas e camisola com estampa idêntica.

Depois que Inge e Gerhard nos levavam para a cama, fazíamos nossos bichinhos e bonecas conversarem entre si: Manuel rosnava como o ursinho “Grauli”, Matthias interrompia com seu ursinho “Frechi” e o meu boneco negro “Jimmy” também tinha sua vez de falar. Quando estávamos cansados, gritávamos: “Bo-a noite! Para to-dos!” Nos alternávamos com as sílabas. Depois disso, nenhum de nós podia mais falar.

Em outra foto, os três vestem calças de couro e botas para montanhismo em frente a uma cruz, no cume de uma montanha nos Alpes austríacos.

Meus irmãos e eu logo nos tornamos uma equipe. Os dois logo ficaram muito próximos de mim e são assim até hoje.

Depois de ter passado as primeiras semanas após a mudança com Inge em casa, logo quis ir para o jardim da infância com meus irmãos. Entrei no mesmo grupo de Manuel. Saíamos pela manhã juntos e encontrávamos nossos amigos pelo caminho. Embora fôssemos muito pequenos, de vez em quando fazíamos o trajeto sozinhos. Na volta, sempre tínhamos que cumprir uma pequena prova de coragem: quem de nós conseguia passar bem perto da cerca atrás da qual um grande cachorro, que chamávamos apenas de “Colega”, ficava latindo? Com frequência, meus irmãos me mandavam fazê-lo; eu era a mais corajosa dos três.

Waldtrudering é um distrito tranquilo nas proximidades de Munique, um bairro de classe média alta. Sendo uma área totalmente residencial, quase todas as casas são cercadas por grandes jardins. As ruas têm nomes de colônias alemãs ou pássaros: “Togostrasse” [rua Togo], “Kamerunerstrasse” [rua Camarões], “Birkhahnweg” [alameda Galo-lira], “Am Vogelsang” [travessa Canto do pássaro]. Quase não havia lojas ou comércio. Quando um McDonald’s foi inaugurado na estrada principal, que ligava Waldtrudering a Munique, virou uma grande atração.

Nos primeiros anos vivíamos em um apartamento térreo com jardim, depois nos mudamos para uma casa. Os quartos eram pequenos e em forma de “L”. A escadaria não tinha aquecimento. Quando se abria uma porta, o vento frio entrava pelo corredor.

Na casa nova, meus irmãos e eu tínhamos um quarto de brinquedos próprio, no qual podíamos brincar com argila. No entanto, passávamos a maior parte do tempo lá fora, brincando ao ar livre. No verão, o jardim ficava cheio de flores, e pendurávamos uma rede entre duas árvores. Perto dali havia um campo de futebol e uma colina. No inverno, encontrávamo-nos com as crianças vizinhas e descíamos a colina com nosso trenó, rolávamos pela neve aos berros e à noite caíamos na cama, roucos e exaustos.

No final da rua começavam os campos e campinas, atrás deles havia um bosque. Lá, brincávamos de pique-esconde, andávamos de bicicleta, fundamos um bando e construímos um acampamento na floresta.

Meus pais adotivos organizavam “cursos de coleta de cogumelos” conosco, e assim aprendíamos a identificar os cogumelos no bosque. Nas férias, íamos escalar montanhas na Áustria ou acampar na Itália, quase sempre com a mãe de Inge, minha vó de Viena, e o seu marido.

Eu via a minha mãe biológica apenas raramente. No início, ela ainda me buscava às vezes ou me levava para a casa da minha avó Ruth Irene. Lembro-me apenas de fragmentos dos nossos encontros, mas uma das vezes em que minha mãe me buscou na casa dos meus pais adotivos, em Waldtrudering, ficou gravada na minha memória. Estávamos sentadas no carro e seguíamos na direção de Hasenberg, o bairro ao norte de Munique onde minha mãe morava. Não conversamos muito; na maior parte do tempo fiquei olhando pela janela. Em algum momento, surgiram os primeiros quarteirões residenciais, fileiras de prédios de concreto com o mesmo formato, e entre eles pequenas áreas verdes.

Minha mãe parou o carro ao lado do condomínio. Descemos e fomos até o bloco dela. Ela foi na frente, às pressas, e eu a segui com a bolsa onde carregava minhas coisas para o fim de semana. Minha mãe destrancou a porta do apartamento, e o seu cachorro veio ao nosso encontro, latindo. Certa vez, durante um passeio, fui atropelada e jogada no chão por um cachorro, e desde então fiquei com medo deles.

Antes que eu pudesse entrar, minha mãe me jogou a guia e gritou: “Vai passear com o cachorro lá fora!” Com medo, saí às pressas com o vira-lata. Lá embaixo, me escondi das crianças que brincavam entre os varais. Eu mal as conhecia, mas já tinham me chamado de “negrinha” algumas vezes.

Quando voltei com o cachorro, minha mãe se jogou no sofá e acendeu um cigarro. Novamente ela se irritou comigo, porque havia saído com o cachorro a contragosto. Sentei-me ao lado dela e perguntei: “Mamãe, o que foi?” “Nada”, respondeu ela.



Antes de os Sieber buscarem Jennifer, nunca tinham falado com Monika Göth; conheciam seu nome apenas do formulário do serviço de proteção ao menor.

Depois disso, Monika Göth telefonava em intervalos irregulares para a família de acolhimento e combinava encontros para buscar a filha ou levá-la até a avó, Ruth Irene Göth. Os pais adotivos, por

sua vez, informavam Monika quando algo importante acontecia, como quando as amígdalas de Jennifer foram retiradas. Também a avisavam quando a família pretendia viajar por um período mais longo.

Jennifer tinha duas “mamães”: sua mãe acolhedora, Inge Sieber, e sua mãe biológica, Monika Göth.

Inge e Gerhard Sieber discutiram entre si a respeito do modo como a filha acolhida devia chamá-los. Os filhos diziam “mamãe” e “papai”, e rapidamente Jennifer também adotou essas palavras. Inge Sieber falava de Monika Göth sempre como “a outra mamãe”: “A outra mamãe precisa trabalhar, por isso você está conosco”, dizia ela a Jennifer.

A avó de Jennifer, Ruth Irene Göth, visitou os Sieber uma vez. Os pais adotivos se deram bem com ela nesse encontro — ao contrário de Monika Göth, que os Sieber encontravam apenas na porta de casa quando ela vinha buscar Jennifer. Inge não perguntava se ela queria entrar; diz que Monika Göth lhe passava uma impressão de frieza e não sabia como abordá-la.

Hoje, Inge ainda não consegue entender por que nunca falou com Monika Göth sobre Jennifer; após os fins de semana com a mãe, Jennifer sempre ficava muito agitada e desequilibrada, e não contava quase nada, apenas fazia menção à avó e ao cachorro da mãe.

Inge conta que, certa vez, Monika Göth não levou Jennifer, que na época tinha quatro anos, de volta para Waldtrudering. A garota veio sozinha dentro de um táxi.

Quando Jennifer tinha seis anos, Monika estava esperando uma filha do seu ex-marido, Hagen, mostrando-se disposta a entregar Jennifer para adoção, mas não para qualquer família. Apenas para os Sieber.

Como Inge Sieber não possuía cidadania alemã, por ser austríaca, o processo de adoção se arrastou por quase um ano. Inge Sieber precisou apresentar várias cartas de recomendação de amigos e conhecidos, confirmando que ela era uma pessoa confiável.

Para Jennifer e as outras crianças de sua idade, uma adoção era algo complicado e abstrato. Um menino da mesma idade disse para Jennifer: “Agora você já é aportada, não, perdão, você é abonada.” E certa vez, quando Inge explicou para Jennifer que ela não poderia ser sua filha biológica porque o seu irmão adotivo Manuel era apenas seis meses mais velho do que ela, Jennifer reagiu com a lógica das crianças: “Então tudo bem que fui adotada, senão eu nem teria nascido.”

Durante quase três anos, Monika Göth enviou cartas e presentes para a filha, que os pais adotivos repassaram a Jennifer apenas em parte. Quando Monika não recebeu respostas de Jennifer, ela escreveu para a família adotiva, perguntando se os pais permitiam que ela mandasse notícias vez ou outra. Ela poderia continuar mandando cartas e presentes para a filha?

Inge e Gerhard Sieber responderam que não queriam que ela mandasse notícias, pois Jennifer estava ficando confusa demais com a família biológica e a nova família, e seria melhor esperar até que ela crescesse mais.

Depois disso, Monika Göth não escreveu mais.

Inge diz que ela e o marido não tinham pensado em momento algum em manter contato com a mãe biológica de Jennifer: “Pensamos que uma separação clara seria o melhor para Jenny. Para nós tinha ficado óbvio no dia da adoção que agora ela era nossa filha.”



Naquele momento, no papel, eu me tornei uma Sieber. No meu caderno de escola do segundo ano, escrevi outro sobrenome, diferente daquele do primeiro ano. Mas minha mãe continuava sendo minha mãe. Meus pais adotivos pensaram que seria melhor se fingissem que eu era sua filha biológica, como se eu sempre tivesse vivido ali.

Mas nossa história começou apenas quando eu tinha três anos. Quando os conheci, eu era uma Göth e eles se chamavam Sieber.

Após a adoção, era como se minha mãe nunca tivesse existido.

O contato com ela foi interrompido bruscamente. Ela não ligava e não me buscava mais. O que havia acontecido com ela? Será que ela tinha me esquecido?

Meus pais adotivos não diziam nenhuma palavra, nem me incentivavam a perguntar. Ao contrário, Inge e Gerhard pareciam felizes com o meu silêncio.

Eles queriam tanto ser uma família normal.

Eu não ousava perguntar. Não sabia se podia fazer perguntas. Se as fizesse, estaria questionando os meus novos pais? Queria fazer parte dos Sieber. Disse sim quando, aos seis anos, eles me perguntaram se queria que eles me adotassem.

Eu queria tanto ter uma família normal.

Nas fotos da minha infância, quase sempre estou sorrindo: em uma praia da Itália, enterrada na areia; esquiando com os irmãos; tomando sorvete; na *Oktoberfest*.

Apesar disso, as belas fotos da minha infância não retratam toda a verdade.

Desde o início, ficou claro para mim que eu era diferente. Diferente de Inge e Gerhard, diferente dos meus irmãos e do restante das crianças. Uma olhada rápida no espelho bastava para confirmar isso.

Inge e Gerhard referiam-se a mim como “a nossa filha”. Embora o fizessem com boa intenção, aquilo era demais para mim. Todos que ouviam isso ficavam de boca aberta e me encaravam, e eu percebia que as pessoas se perguntavam: “Como isso é possível?” Eu fingia não perceber os olhares surpresos.

As fotos da minha infância, de que tanto gosto, mostram sempre duas crianças brancas e outra negra.

Na rua, às vezes, as crianças gritavam para mim palavras como “negrinho”. Por causa do meu tamanho e dos meus cabelos curtos e cacheados, achavam que eu era um menino. Então, eu me defendia rapidamente: “Sou menina e mestiça.” Nos aniversários de criança, temia que as pessoas olhassem para mim quando viam o bolo do tipo “nega maluca”.

No jardim de infância, eu era a única criança de pele escura. No ensino fundamental, encontrei meninas que tinham a mesma aparência que eu: duas irmãs, o pai negro, a mãe branca. Exatamente como eu. Ninguém conseguia fazer com que eu me relacionasse com elas. No pátio do recreio, eu brincava longe dessas meninas. Mais para o fim do ensino fundamental, havia outras duas crianças adotadas com pele escura. Com elas, talvez eu pudesse trocar algumas ideias. Mas conversávamos apenas sobre nosso dia a dia. Eu havia interiorizado o silêncio.

Meu marido me perguntou certa vez se não podíamos adotar uma criança. Se eu o fizesse, escolheria certamente uma criança de pele escura — ela seria muito parecida com os meus dois filhos de sangue. É provável que se sentisse mais integrada.

Meus pais adotivos eram idealistas. Não se importavam com a aparência, queriam simplesmente dar uma chance a uma criança. A primeira família que o serviço de proteção ao menor enviou ao orfanato me recusou por causa do meu tamanho. Para Inge e Gerhard, isso era impensável.

Eu chamava Inge e Gerhard de “mamãe” e “papai”, como meus irmãos faziam. No início, as palavras saíam da minha boca naturalmente. Mas quando me tornei mãe, passei a chamar meus pais adotivos de “vó Inge” e “vô Gerhard”. Eu achava mais adequado. Eles adoravam ser avós, e mergulharam de cabeça nesse novo papel.

Desde que encontrei o livro sobre a minha mãe, parei totalmente de chamá-los de “mãe” e “pai”. Sentia que era importante diferenciá-los dos meus pais biológicos.

Quando criança, nunca consegui dizer “pais adotivos” com facilidade, e também nunca me chamei de “filha adotiva”. “Adotivo” soa como uma mácula. Como eles nunca falavam disso, não ficava claro o que significava, mas de qualquer forma era algo desagradável. Eu tinha acesso livre à certidão de adoção. Ficava entre os documentos importantes na escrivaninha, mas não se falava nisso.

A adoção transformou-se num tabu.

Não conversei com meus irmãos sobre minha mãe biológica, embora eu tivesse uma relação muito próxima com Matthias e Manuel; eram simplesmente meus irmãos. Com eles eu podia ser eu mesma.

Eles encaravam tudo de forma mais tranquila do que meus pais adotivos; não precisavam substituir meus pais biológicos nem nunca concorreriam com a minha mãe Monika.

Espera-se muito de pais acolhedores ou adotivos. Eles devem fazer o mesmo que os pais biológicos, ser imediatamente pai e mãe para uma criança. Mas é preciso tempo para encarnar o papel. No início, talvez, prevaleça a compaixão; as pessoas têm compaixão por seres que precisam de proteção e que de repente passam a viver em sua casa. Mas apenas aos poucos se conhece a personalidade da criança e se consolida uma família.

A dedicação dos meus pais adotivos não era natural, e eu tinha medo de perdê-los.

Inge e Gerhard sempre enfatizaram que amavam seus três filhos da mesma forma.

Mas eu não acredito que seja assim. É possível amar todos os filhos, mas de maneiras diferentes.



O irmão adotivo mais novo de Jennifer Teege, Manuel, disse que nunca vira Jennifer como “irmã adotiva”: “Ela é minha irmã. Jenny sempre esteve lá, desde que eu me entendo por gente.”

O irmão mais velho, Matthias, lembra que às vezes a família falava sobre a adoção: “Mas apenas como algo passado; era assim naquela época, no orfanato, e depois ela veio para a nossa família. Nunca discutimos como Jenny se sentiu depois e como a mãe dela se sentia.”

Em geral, evitava-se falar da adoção, porque isso colocaria em xeque a igualdade entre os irmãos, como explica Matthias Sieber: “Era um tabu: todos somos tratados igualmente. Percebi apenas mais tarde que não era bem assim.” Na realidade, os pais tiveram mais problemas com Jennifer: “Sempre havia brigas. Por um lado, também porque Jennifer era menina. Nossa mãe aplicava duas medidas, era menos tolerante com Jenny. Por outro lado, Jenny às vezes se comportava mal, provocava os nossos pais ou ficava escandalizada com o comportamento deles.”

Inge Sieber lembra que sua mãe, a “vó de Viena”, aceitava Jennifer totalmente, mas era mais reservada com ela do que com seus netos biológicos, Matthias e Manuel.

A própria Inge teve dificuldades com Jennifer, porque a nova filha tinha uma personalidade totalmente diferente: “Sou muito mais tímida, Jenny é temperamental e autoconfiante. Queria que ela voltasse pontualmente para casa, ela insistia em exercer a sua liberdade. Brigávamos muito.”



Com nove ou dez anos, roubei dois porquinhos de marzipã numa confeitaria. Uma vendedora viu e me acusou na frente de todos os clientes. Tive que devolver os doces, e os meus pais adotivos não souberam de nada.

Alguns meses depois, em um supermercado, enfiei um pacote de biscoitos de chocolate na bolsa. Eu já havia passado no caixa, corri para a saída — e caí nos braços de um homem grande. Era o segurança do supermercado. Ele me conduziu para uma sala lateral, tive de esvaziar minha bolsa, e os biscoitos apareceram. O segurança ligou primeiro para os meus pais adotivos e, em seguida, informou a polícia. Eu já me via algemada e presa numa cela. Depois de um tempo, Inge chegou. Com expressão consternada, ela falou com os policiais e pediu desculpas ao segurança do supermercado. Em silêncio, Inge me levou para casa. Quando Gerhard chegou do escritório, os dois me chamaram no quarto e me passaram um sermão. Tive que jurar de pés juntos que nunca mais roubaria qualquer coisa.

Quando fui para a cama, fiquei muito preocupada se Inge e Gerhard me mandariam de volta para o orfanato. Como todas as crianças que foram abandonadas, carrego um trauma: a sensação de insignificância. Meus próprios pais não gostavam de mim o suficiente para ficar comigo. Meus pais adotivos se esforçavam muito e queriam ser os pais perfeitos, mas não conseguiam tirar de mim o medo de ser abandonada novamente. Eu achava que precisava merecer o amor dos meus novos pais a todo momento. Faltava-me algo como uma confiança fundamental.

Certa vez, sonhei que os meus irmãos e eu estávamos dividindo cerejas; meus irmãos ficavam cada um com uma metade da fruta e eu ficava com o caroço.

Esse era o meu sentimento básico, de que eu jamais teria o que meus irmãos tinham.

Meus pais adotivos nos julgavam com base no nosso desempenho. Bem cedo, nos ensinaram que estudo e boas notas eram importantes. No quarto ano, Matthias fez um teste de inteligência. O resultado dele foi excelente, e Inge e Gerhard ficaram orgulhosos.

Manuel era da minha turma, ele também estava entre os melhores alunos e só tirava nota máxima. Minhas notas eram apenas medianas, e duvidei da minha inteligência durante muitos anos.

Eu devia ter dez, onze anos quando fui fuçar no armário do quarto dos meus pais adotivos. Eles não estavam em casa e eu acreditava que tinham guardado os presentes de Natal naquele armário.

Encontrei um cartão e uma correntinha de ouro. O cartão estava assinado com “Um abraço da Monika e da pequena Charlotte”. A pequena Charlotte devia ser a minha meia-irmã mais nova, que minha mãe tivera depois de me entregar para adoção.

Não pedi explicações para os meus pais adotivos, e me envergonhei muito por ter mexido no armário deles.

Mas naquele momento eu soube ao menos que a minha mãe ainda pensava em mim.

Com 12 ou 13 anos, durante uma briga com os meus pais adotivos, exigi que me permitissem entrar em contato com a minha mãe; furiosa, disse que queria revê-la. Os meus pais adotivos me explicaram que eu deveria esperar até completar 16 anos, e então por lei eu teria o direito de saber o endereço da minha mãe e entrar em contato com ela.



Na década de 1970, era normal que os pais adotivos cortassem qualquer vínculo com os pais biológicos.

Apenas aos poucos compreendeu-se que é melhor para o desenvolvimento das crianças lidar com a história delas de forma bastante aberta. Toda criança tem o direito de conhecer sua origem, segundo consta também na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças.

Hoje em dia, recomenda-se que se explique às crianças desde cedo as circunstâncias de sua adoção e que, por exemplo, se mantenha um álbum de fotos dos pais biológicos. Os pais adotivos devem tentar saber o máximo possível sobre a história da criança. Eles mesmos precisam ser ativos nesse sentido, pois muitas crianças não arriscam perguntar.

Hoje em dia, os órgãos de aconselhamento costumam também apresentar de forma mais clara as possíveis consequências problemáticas de uma adoção para a criança. Estudos mostraram que, não raro, filhos adotivos não se sentem amados, têm forte insegurança, distúrbios de aprendizagem e concentração, apresentam uma grande necessidade de reconhecimento, medo de se relacionar e de serem abandonadas e até mesmo depressões graves. Muitas vezes precisam de tratamento psiquiátrico.

As crianças podem também submeter os pais adotivos a provas extremas: vocês me amam também quando eu me comporto muito mal? Sobretudo, a puberdade se transforma num teste de resistência para a relação entre o filho adotivo e os seus novos pais.



Nunca disse a Gerhard e Inge uma frase que é bastante típica de filhos adotivos: “Vocês não são os meus pais de verdade, não podem mandar em mim!” Nunca chegaria a esse ponto, pois eu realmente sentia uma profunda gratidão pelo que fizeram por mim. Eles me aceitaram, me presentearam com uma vida nova e um futuro.

Entretanto, no fim da puberdade, ser apenas grata não me bastava mais.

Por trás da minha revolta contra Inge e Gerhard, sempre havia a pergunta sobre a minha mãe. A pergunta sobre quem eu realmente era.

Na mesa de jantar da minha família adotiva, cada um tinha o seu lugar. Eu me sentava à esquerda, na frente do peitoril da janela com vasos de flores. Os papéis também eram rigidamente distribuídos: Manuel, loiro e magro, era sempre o melhor em tudo e o mais inteligente, além de amável e descomplicado. Em seu encalço, vinha Matthias, também muito bom na escola, calmo e esperto, porém mais imprevisível do que o sempre diplomático Manuel.

O meu papel era o da ovelha negra. Na mesa de jantar, quando discutíamos política e cultura, eu me recusava ostensivamente a conversar ou bocejava abertamente.

Chernobyl e Guerra Fria: esses eram os temas da década de 1980. Inge e Gerhard se interessavam muito por política. Inge era membro do grupo “Mulheres pela paz”, e a família inteira ia a manifestações contra o rearmamento. Gerhard, ex-partidário do SPD — o Partido Social-democrata Alemão — votou pela primeira vez no Partido Verde. Todos economizavam energia elétrica com ardor e separavam cuidadosamente o lixo. Somente eu me negava a lavar o meu potinho de iogurte.

No ensino médio, meu irmão Matthias foi escolhido como porta-voz dos alunos. Ele era muito mais engajado do que eu, distribuía panfletos feitos por ele mesmo, e pintava cartazes com um míssil Pershing riscado ao meio.

Manuel também se interessava muito pelo meio ambiente, e mais tarde estudou geociência na faculdade. Na porta do nosso quarto ele colou um adesivo que dizia: “Energia Atômica? Não, obrigado.”

Com o passar dos anos, cada um de nós ganhou o seu próprio quarto. O meu tinha um teto inclinado com uma janela voltada para o céu. Posicionei o meu colchão diretamente embaixo da janela para poder observar as nuvens. Eu lia muito, passava horas com os livros e refugiava-me no meu mundo.

Meu quarto também servia como “sala de chá”. Lá eu me encontrava com os meus irmãos. Nesses momentos, pendurávamos uma placa na porta com as letras “CRP” — abreviação de “Conversas para Resolução de Problemas”. Conversávamos sobre aquelas coisas que não conseguíamos discutir com Inge e Gerhard: paixões, amizades, sonhos e medos.

Nessa época, quando pensava na minha mãe, lembrava-me apenas do seu lado bom e reprimia as coisas desagradáveis. À noite, deitada na cama, tentava me lembrar de sua aparência, e pensava em seus cabelos longos e escuros. Imaginava que um dia ela bateria à nossa porta, me pegaria nos braços e me faria cafuné. Ela me levaria consigo, compraria coisas caras e me deixaria fazer coisas que meus pais adotivos não me permitiam: usar maquiagem, por exemplo, brincar com bonecas Barbie ou vestir meias de seda.

Queria me afastar logo da minha família e da Alemanha. Não éramos uma família normal, mas eu acreditava que lá fora ninguém iria perceber. Aos 16 anos, passei as minhas primeiras férias sem a família, em uma viagem com uma amiga. Viajamos de trem e barco por metade da Europa: Paris, Roma, Formentera.

Minha juventude foi menos complicada do que minha infância. Eu pensava menos na minha mãe, e não especulava tanto. Matthias e eu tínhamos o mesmo lema: *Carpe diem*, aproveite o dia. Eu tinha muitos amigos e saía quase todas as noites, gostava de ir a festas. Nos fins de semana, eu trabalhava em uma discoteca, a *Wolkenkratzer*. Quem quisesse entrar passava pela revista do leão de chácara, e em seguida pegava-se um elevador até o último andar. De lá, era possível ver a Leopoldstrasse, em Schwabing. No centro da discoteca havia um teto retrátil, e no verão os clientes dançavam ao ar livre. Eu tinha 18 anos, trabalhava como garçoneiro no balcão e achava que eu e todos ao meu redor éramos muito descolados. Eu não podia beber durante o expediente, mas fumar, sim. Eu fumava como uma chaminé.

Depois, quando completei vinte anos e concluí o *Abitur*, os exames no final do ensino médio, uma menina chamada Charlotte ligou. Matthias foi quem atendeu. Ele me passou o recado: “Uma tal de Charlotte queria falar com você.” Eu me lembrei imediatamente do cartão no armário dos meus pais adotivos com a assinatura da minha mãe: “Um abraço da Monika e da pequena Charlotte.” A minha meia-irmã. A menina que de alguma forma me “substituiu”; quando minha mãe engravidou dela, me entregou para a adoção. Ela veio, eu fui. Fiz as contas, e naquele momento ela devia ter uns 14 anos.

Retornei a ligação. Com uma voz jovem e gentil, Charlotte disse que em breve visitaria o pai em Munique. Hagen — o homem que batia na minha mãe. Ele me persegue nos meus sonhos até hoje. Charlotte disse que minha mãe havia se separado dele. Ela e eu combinamos de tomar um café na noite seguinte. Seus cabelos eram de comprimento médio, de cor castanho-claro, e ela vestia calça e camiseta. Conversamos muito. Ela contou como foi criada e me perguntou: “A sua família nova é legal?”

Ela me contou também como me encontrou: por acaso, achou o registro de nascimento da minha

mãe. Lá, na coluna “filhos”, encontrou o meu nome acima do dela. Charlotte correu com o registro para a nossa mãe e perguntou: “Quem é Jennifer?”, e minha mãe disse que eu havia morrido. Charlotte não acreditou nela e insistiu nas perguntas. Por fim, ela confessou que eu não estava morta, apenas tinha sido adotada. Ela deu a Charlotte o meu novo nome, e assim ela conseguiu me encontrar na lista telefônica. Eu e meus irmãos tínhamos os nossos próprios números, porque falávamos muito ao telefone.

Esponaneamente, Charlotte e eu decidimos nos ver novamente no dia seguinte. Fomos até Starnberg e caminhamos bastante às margens do lago. O sol apareceu, e passamos o dia inteiro juntas. Era estranho de repente ter uma irmã, mas de alguma forma era bonito também. Ao mesmo tempo, percebi que algo não estava bem com ela.

Alguns dias depois do meu encontro com Charlotte, minha mãe entrou em contato com os meus pais adotivos. Ela também queria me rever e pediu um encontro com a minha família adotiva em Waldtrudering. Para mim, isso era demais. Após todos aqueles anos eu queria ver a minha mãe sozinha. Então propus que ela encontrasse primeiro apenas Inge e Gerhard, e eu a esperaria depois em um café.



Quando Monika Göth reencontrou a filha Jennifer, em 1991, ela já havia se separado de Hagen havia muito tempo. O último ato dele foi ameaçá-la com uma pistola, e foi então que ela chamou a polícia. No seu emprego de secretária em uma das universidades de Munique, Monika Göth conheceu seu segundo marido, Dieter. Ele era bem diferente do primeiro, calmo, dócil e amável. “Ganhei na loteria”, disse Monika Göth sobre ele. Após o casamento, Monika adotou o sobrenome de Dieter e passou a usá-lo também em público. Dieter conseguiu um trabalho no interior e se mudou com Monika e sua filha Charlotte para um vilarejo bávaro. Charlotte tornou-se dependente de heroína desde muito cedo e lutava havia anos contra o vício.

Monika Göth levou o segundo marido, Dieter, ao encontro com a família Sieber. Inge e Gerhard Sieber arrumaram uma mesa no jardim, embaixo da macieira, e receberam os dois juntamente com o irmão mais velho de Jennifer, Matthias.

Naquele encontro, Inge achou a mãe de Jennifer acessível: “Ela foi muito gentil e comentou comigo que eu também deveria tê-la adotado, pois teria sido melhor para ela. Seu elogio me deixou feliz e comovida.”

Matthias se lembra de uma conversa tensa e distante. Segundo ele, a mãe de Jennifer estava muito nervosa.

Depois de um tempo, Inge disse para Monika: “Vocês precisam ir, a nossa filha os espera.”



Eu já estava havia bastante tempo no café na Praça de Viena, em Munique, e esperava. Uma mulher entrou no recinto acompanhada por um homem. Quase não a reconheci: havia cortado os cabelos, e seus cachos estavam tingidos de loiro escuro. Na última vez que eu a vira, 15 anos antes, seus cabelos estavam longos e escuros, do jeito que eu gostava mais.

Ela veio diretamente até mim, e eu me levantei. Hesitantes, estendemos as mãos uma para a outra. Fiquei decepcionada porque ela havia trazido o segundo marido. Por que não viera sozinha? Eu queria conversar a sós com ela.

Apesar disso, fiquei feliz em revê-la após tanto tempo. Falei bastante, e tentei passar uma boa impressão a eles. Conte sobre meu *Abitur*, sobre minha viagem recente para a França e que, talvez, logo visitaria uma amiga em Israel. Ela não comentou nada sobre isso. Manteve-se na defensiva e mal falou de si. Não ousei fazer as perguntas que eram realmente importantes para mim: por que você me abandonou? Por que eu não a vi mais, nem minha avó? Ruth Irene morreu de quê?

Havíamos perdido tanto tempo. Ficamos sentadas uma de frente para outra, e a distância entre nós parecia gigantesca.

Na despedida, estendemos as mãos novamente, de um jeito bem formal.

Eu esperava que fôssemos nos ver novamente, mas minha mãe nunca mais ligou. Não na semana seguinte, nem no mês seguinte, tampouco depois de um ano.

Eu também não liguei. Não foi uma decisão consciente — apenas parti do princípio de que ela me ligaria. Afinal, ela era a mãe. Também não liguei para Charlotte, pois ela ainda vivia com a minha mãe.

Anos após o encontro no café, deitada no divã da minha primeira terapeuta, que tratou do meu caso de depressão, ela me perguntou sobre a minha mãe. De repente, minha cabeça começou a girar. Como em um filme, nosso encontro passou novamente diante dos meus olhos. Então, finalmente, entendi que ela não queria mais ter contato comigo e que nunca mais me ligaria.

A despedida no café não havia sido um final aberto. Ela não se esquecera de ligar, apenas não quis ligar. Por quê? Eu significava tão pouco para ela? Durante muitos meses, oscilei entre raiva e tristeza, e nos piores momentos sentia-me completamente impotente.

Quando a depressão veio, eu passava dias sentada com o álbum de fotos da minha primeira infância no colo, tentando me lembrar de tudo. Fui até Inge e Gerhard e fiz perguntas — perguntas que eu deveria ter feito muito antes. Como era quando eu encontrava a minha mãe? Como eu a cumprimentava? Eu a abraçava quando nos despedíamos, havia algum tipo de carinho entre nós? Vocês conheceram o marido violento dela? Inge e Gerhard ficaram surpresos com o fato de eu os abordar com o assunto naquela época, depois de tantos anos. Disseram que não conseguiam se lembrar de carinhos ou abraços entre mim e minha mãe. Também não haviam conhecido o ex-marido, Hagen.

Durante muitos anos, fiquei sozinha com minhas perguntas. Nesse meio-tempo, sempre pensei em contatar minha mãe, mas nos documentos da adoção havia apenas seu endereço antigo e seu antigo sobrenome.

Depois que descobri o livro foi fácil encontrá-la. Ao mesmo tempo, achei muito difícil entrar em contato com ela, depois de tudo o que eu tinha descoberto sobre ela e a história da nossa família.

Quando finalmente escrevo e, em seguida, nos falamos pela primeira vez ao telefone, também pergunto pelo número de telefone da minha meia-irmã, Charlotte, em Munique. Ligo para ela e combinamos de nos encontrar. Primeiro reencontro Charlotte, antes de me encontrar com a minha mãe.

Fico surpresa em ver como Charlotte está bonita. Está com os cabelos longos e soltos, e tem uma linda boca arqueada. Por fora, quase não se percebem os anos difíceis pelos quais passou. Dessa vez falo com Charlotte também sobre as nossas infâncias tão distintas, e sobre nossa mãe. Tenho a impressão de que nossa conversa desperta em Charlotte lembranças que ela preferiria reprimir. Na minha visita a Hasenberg, eu havia percebido o casamento disfuncional da minha mãe com Hagen. Charlotte passara a infância inteira naquele lar, e vivenciara todas as brigas.

Percebo que nossa conversa a deprime, e sinto muito por ela. Eu acho ótimo revê-la, mas não sei como ela se sente em relação ao nosso reencontro. Será que eu pergunto demais ou falo demais sobre a minha vida, a faculdade no exterior, as viagens — todas as chances que ela nunca teve? Não quero causar sofrimento à minha irmã.

Fico novamente enfurecida com a minha mãe: por que ela não protegeu Charlotte? Mas decidi não me aborrecer. Quero encontrar minha mãe de uma maneira aberta, sem ressalvas.

Gostaria de ter um relacionamento com ela. A minha vida ficou dividida com a sua partida, mas no fim das contas permanecemos ligadas. Também carreguei o fardo desse segredo familiar.



Para Jennifer Teege, logo ficou claro que seu avô era um criminoso. A mãe, porém, precisou de muitos anos para admitir isso.

O suicídio de Ruth Irene, em 1983, mudou sua visão sobre Amon Göth. Segundo Monika: “Até então, eu sempre estava contra o meu pai. Depois da morte de Ruth Irene, tive a impressão repentina de que eu precisava protegê-lo — já não havia mais quem o fizesse. Quis finalmente aceitar Amon para que Ruth Irene encontrasse a paz.”

Em 1994, o filme A lista de Schindler estreou nos cinemas alemães. Monika não conseguiu assistir até o fim. Sempre que o ator Ralph Fiennes, que representava Amon Göth, puxava a pistola, Monika pensava: “Pare com isso, pare com isso de uma vez por todas!”

Após ir ao cinema, Monika ficou três dias de cama. O médico, chamado pelo marido, diagnosticou um colapso nervoso.

Monika passou a querer saber mais: pesquisou em arquivos, e sempre que podia ia a Cracóvia e Auschwitz.

Ela comentou sobre os crimes do pai: “Eu acredito em tudo, mas não consigo viver com isso.” Certa vez, em uma entrevista, ela disse: “Meu pai foi enforcado três vezes, minha mãe tirou a própria vida — acho que no meu caso também haverá um ponto final.”

Monika Göth se encontrou também com sobreviventes de Plaszow. Ela se arrastava até esses encontros, cheia de culpa, vergonha e insegurança. Alguns sobreviventes disseram para ela que sofriam ataques de ansiedade quando ela se aproximava e não conseguiam suportar sua presença, pois se parecia demais com o pai.

Monika Göth fez uma espécie de terapia pública — contudo, não sob a orientação de um psicólogo. O documentarista Matthias Kessler a confrontou em uma entrevista longa e torturante sobre os crimes do pai dela e escreveu um livro sobre isso: Sou obrigada a amar meu pai, ou não? É o livro que Jennifer Teege descobriu em meados de 2008, em uma biblioteca de Hamburgo.

Em 2006, o cineasta James Moll documentou o encontro de Monika Göth com Helen Rosenzweig, sobrevivente de Plaszow. As duas mulheres choraram quando se viram. O encontro entre elas foi marcado por desentendimentos. Monika ainda repetia as frases com as quais ela havia sido criada: disse a Helen Rosenzweig que Amon tinha matado judeus a tiros porque eles tinham doenças contagiosas. Helen ficou estupefata, interrompeu Monika e gritou: “Monika, pare com isso, por favor, pare com isso imediatamente!” Em 2008, um dia depois de Jennifer Teege encontrar o livro sobre a mãe, o filme Inheritance [Herança] foi exibido pela primeira vez na televisão alemã com o título Mördervater [Pai assassino].

Mais tarde, Monika se arrependeu por sua participação no filme de James Moll: “Eu não tentaria mais defender Amon. Simplesmente teria ficado calada e ouviria Helen.”

Monika Göth fez os exames finais do ensino médio, o Abitur, apenas aos 45 anos; aos cinquenta, o Latinum, os exames de qualificação em latim, e aprendeu hebraico antigo. Ela gosta de ouvir música judaica e leu quase todas as obras básicas de referência sobre o Holocausto. Hoje, tem quase setenta anos, mas continua lutando contra as sombras do passado, dia após dia.



Em algumas horas, encontrarei minha mãe.

Durante a viagem, fico muito tensa. Desejo muito que a maldição que existe nessa família acabe e que a paz finalmente se instale.

Meu marido me acompanha, mas ele não estará presente quando eu reencontrar minha mãe, me aguardará no quarto do hotel. Minha mãe também virá sem o marido. Desta vez, quero estar sozinha com ela, apenas mãe e filha.

Após passar por um rebanho de ovelhas em campinas verdejantes, chego ao pequeno vilarejo na Baviera.

Marcamos nosso encontro no restaurante do hotel no qual meu marido e eu nos hospedamos. Chego, sento-me e aguardo. Ela não chega no horário combinado, mas não me preocupo e uso o tempo para me recompor. Porém, um pouco mais tarde, fico inquieta e vou até lá fora procurá-la. Ela chega logo depois, ficou presa no trânsito. Fico feliz por ela ter vindo.

Dessa vez, ela não me é tão estranha quanto no nosso último encontro no café, em Munique, quando eu tinha vinte anos. Agora, já a vi no filme.

Falamos sobre a cidadezinha onde ela mora, um tema leve e inocente. Então ela me olha e diz que lembro minha avó, Ruth Irene; o jeito de me vestir, a bolsa que combina com os sapatos. Soa como uma acusação.

Ela fala sobre a minha avó e também sobre Amon Göth — como se não tivesse passado tanto tempo assim desde o seu tempo como comandante em Plaszow, como se minha avó tivesse se suicidado ontem. Minha mãe diz que convive com os mortos.

Em uma entrevista ela disse que tinha a sensação de estar traindo a mãe quando pensava mal de Amon Göth, pois ele havia sido o grande amor da vida dela.

Ela achava que precisava ser leal à mãe — e isso implicava também ser leal a Amon Göth. Tal situação causava um conflito terrível nela.

Talvez seja a diferença entre a segunda e a terceira geração, entre a minha mãe e eu: estou muito mais tranquila com minha consciência. Posso pensar na minha avó de forma carinhosa e, mesmo assim, condenar Amon Göth e a vida dela com ele.

Quero sacudir a minha mãe e gritar com ela: “Você vive no presente! Fale comigo! Não fale o tempo todo sobre seus pais. Pense em você e em mim! Olhe para frente, não para trás!”

Li muitos livros de descendentes de nazistas, e percebi que minha mãe não é a única com esse destino; é uma típica representante dos filhos dos nazistas, da segunda geração. Muitos filhos de criminosos sofrem a vida toda com a história de sua família, e muitos têm famílias disfuncionais.

Encarar isso dessa forma me dá um grande alívio. Minha mãe não me abandonou porque havia algo de errado comigo, mas porque não conseguia lidar consigo mesma.



A prestação de contas do período do nazismo sempre foi um drama familiar.

Muitos dos filhos de nazistas proeminentes se dividem entre os que glorificam os pais e os que nutrem um ódio ilimitado por seus progenitores, que não raro se transforma em autorrejeição. Uma coisa é igual para todos: o passado não os deixa em paz.

Gudrun Burwitz, filha de Heinrich Himmler, era ativa na cena neonazista e reuniu doações para os ex-criminosos nazistas. Wolf-Rüdiger Hess, filho do vice de Hitler, Rudolf Hess, tentou durante a vida toda reabilitar o pai. Orgulhoso, também informou ao pai, que estava na cadeia, que o seu segundo neto nascera no “dia do aniversário do Führer”.

Bettina Göring, por sua vez, sobrinha-neta do comandante da Luftwaffe Hermann Göring, se submeteu a uma esterilização “para não gerar um monstro como aquele, para não produzir outros Göring”. A historiadora Tanja Hetzer diz que, em suas pesquisas sobre descendentes de nazistas, conheceu outros homens e mulheres que se esterilizaram ou permaneceram sem filhos. Hetzer conclui: “Dessa forma, a ideologia nazista continua atuando sobre a vida na segunda e terceira gerações, e se volta de uma maneira auto-agressiva contra a própria prole. Eles não se sentem dignos de perpetuar a vida.”

Niklas Frank, filho de Hans Frank, o governador de Hitler na Polônia ocupada, anda até hoje com a foto de um cadáver na carteira: o pai com o pescoço quebrado após ter sido enforcado por seus crimes. Niklas Frank diz que em seus pensamentos ele executa os pais todas as noites, pois eles teriam merecido. Em seu livro Der Vater [O pai], ele escreve: “Eu ainda me sinto uma marionete do

meu pai, ele ainda controla os fios da minha vida.” Sobre a irmã, Brigitte, Niklas Frank diz: “Ela morreu por causa do meu pai.” A irmã de Niklas cometeu suicídio aos 46 anos — com a mesma idade em que pai foi executado.

Muitos descendentes de nazistas não conseguem se livrar da imagem dos pais durante toda a vida.

Há muitas maneiras de se distanciar desses pais. Karl-Otto Saur, filho homônimo do confidente de Albert Speer no Ministério do Reich para Armamentos e Produção de Guerra, usa o cabelo sempre na altura dos ombros — o contrário da nuca perfeitamente raspada do pai. Monika Göth estudou hebraico antigo.



Bettina Göring passou a viver no Novo México, fala apenas inglês e assumiu o sobrenome do marido. Entendo que ela não queria mais se chamar “Göring”, mas com a decisão de se esterilizar ela deu um exemplo errado. Não existe um DNA nazista.

Não consegui ler até o fim os livros de Niklas Frank sobre os pais — *Der Vater* e *Meine Deutsche Mutter* [O pai e Minha mãe alemã]. São documentos importantes, mas mesmo assim não gostei deles. De fato, não são livros sobre seus pais, e sim sobre o sofrimento dele com o pai e com a mãe. Cada linha é um grito raivoso, cheio de ódio e autorrejeição. Mas esse ódio não leva a nada.

Ater-se ao passado não ajuda as vítimas, e também não ajuda na análise e na prestação de contas do nazismo.

Por fim, alguns filhos de criminosos se escondem atrás da figura paterna devastadora. Eles se definem através do passado. Mas quem serão eles se não saírem das sombras de seus pais e mães? O que resta, o que defenderão?

Malgorzata, a intérprete que me acompanhou em Cracóvia no casarão do meu avô, também foi guia de Niklas Frank e da minha mãe.

Os pais de Niklas Frank também foram o tema da sua vida, e nisso ele se parece com a minha mãe. Ela é menos agressiva do que ele, mas sinto que ela também acredita não ter direito a uma vida própria, tampouco à felicidade.

Minha mãe também pensava que precisava se penitenciar pelos atos do meu avô e pela vista grossa que minha avó fazia.

Violentar-nos o tempo todo e amaldiçoar-nos nos faz adoecer. Esse sofrimento por si mesmo e pela história familiar é repassado para os filhos.

Convivi com vítimas do Holocausto em Israel, e muitas se enterraram na dor e repassaram seus medos também para as próximas gerações. O trauma que o filho de uma vítima do Holocausto vivencia é muito diferente daquele do filho de um criminoso, mas a transmissão funciona de forma semelhante.

Sei que não quero viver como a minha mãe, presa ao passado e sempre à sombra de Amon Göth.

Acho bom e correto que pessoas como Niklas Frank ou minha mãe vão às escolas e falem sobre seus pais, mas não é o meu caminho. Em algum momento eu gostaria de contar aos meus amigos israelenses e aos seus filhos a história da minha família. Espero que eu consiga logo me abrir e compartilhar meu destino com eles. Gostaria de andar de cabeça erguida e levar uma vida normal. Não existe culpa herdada. Cada um tem direito a uma biografia própria.



Em sua maioria, a terceira geração de descendentes de criminosos nazistas olha para a própria família com mais clareza e sem falsas justificativas.

Os filhos já processaram os crimes dos próprios pais — os netos reprocessam as tramas de suas famílias. Analisam as lendas familiares contadas à exaustão, e pesquisam o que é verdade e o que foi deturpado ou omitido.

Pois os crimes — e, principalmente, a omissão destes — dos avós continuam a influenciar as famílias até hoje. Persiste uma “história da mentalidade do nacional-socialismo e as suas consequências duradouras”, escreve o historiador Wolfgang Benz.

Historiadores falam sobre um “cartel de omissão familiar”. Katrin Himmler, sobrinha-neta do comandante da SS Heinrich Himmler, descreveu as tradicionais meias-verdades de sua família como “cárceres de pensamento”. Ela pôde provar com suas pesquisas que a família de Heinrich Himmler enriqueceu com seu cargo e apoiou, em parte ativamente, sua política de extermínio — inclusive seu próprio avô, o irmão de Heinrich Himmler.

Outros netos defendem que o passado seja visto como algo irremediável. Em seu artigo para a revista Spiegel sobre a história do avô, o líder da Juventude do Reich Baldur von Schirach, o escritor Ferdinand von Schirach conclui o seguinte: “A culpa do meu avô é a culpa dele. O Superior Tribunal de Justiça alemão diz que culpa é aquilo de que uma pessoa pode ser acusada pessoalmente. [...] Nosso mundo de hoje me interessa muito mais. Escrevo sobre a justiça do pós-guerra, sobre os tribunais na República Federal Alemã que julgavam de forma cruel, sobre os juízes que, para cada assassinato praticado por um criminoso do nazismo, impunham apenas cinco minutos de prisão [...]

Acreditamos que estamos seguros, mas é o contrário: podemos perder novamente nossa liberdade. E, com isso, perderemos tudo. É a nossa vida agora, e essa é a nossa responsabilidade [...] Você é quem você é. Essa é a minha única resposta às perguntas sobre meu avô. Precisei de muito tempo para conquistá-las."



Não acredito que seja possível ficar totalmente livre do passado; ele continua agindo em nós, os descendentes, queiramos ou não.

Estudei as biografias de muitos descendentes de nazistas. Os netos não negam mais os acontecimentos do Terceiro Reich, e falam claramente sobre o que aconteceu. Apesar disso, falta algo em algumas dessas histórias; as pessoas desaparecem por trás dos fatos e continuam estranhas para mim. As contendas de netos com a história de sua família com frequência são muito teóricas, e é difícil eu me identificar com elas.

Em minha opinião, lidar com os crimes dos avós não consiste apenas numa contestação acadêmica. É algo que destrói famílias.

O passado também continuará a influenciar os meus filhos. Acredito que a melhor forma de lidar com ele e de, em algum momento, deixá-lo para trás é tratar dele de forma aberta, pois quem tem a sensação de que precisa esconder a sua identidade inevitavelmente adoece.

Por isso fiquei tão magoada quando soube o que minha mãe escondera de mim o segredo familiar que lançara uma sombra sobre sua infância, juventude e sua vida inteira — ela também permitiu que eu fosse afetada. E eu descobri isso tarde demais.

Quero que ela reconheça minha aflição interna, possa entender a tristeza que me acompanhou durante todos esses anos e como o conhecimento da história da minha família biológica acalmaria as coisas.

Minha mãe e eu já conversamos mais de duas horas e ainda não surgiu nada sobre a nossa história. Cuidadosamente, tento desviar a conversa da temática do Holocausto e pergunto sobre a minha infância.

Ela conta que, quando estava grávida de mim, voltou a viver com a minha avó. As duas mulheres refletiram muito sobre se eu poderia crescer com elas na mesma casa. Originalmente, o orfanato havia sido considerado apenas como uma solução temporária, segundo ela.

Quando vim ao mundo, minha mãe teve dificuldade para construir uma relação comigo. Minha avó, por sua vez, logo ficou entusiasmada, e sempre enfatizava a neta corajosa e fácil de lidar que eu era; nunca gritei ou choraminguei. Minha avó adorava sair comigo para passear ou fazer compras, conta a minha mãe. Ruth Irene foi sem dúvida uma figura notável, ainda mais com uma criança negra pela mão; ela me exibia como uma bonequinha, o exótico lhe agradava. Lulu, a travesti a quem minha avó sublocava um quarto, também passeava comigo em um carrinho de bebê, cheia de orgulho, pelo Jardim Inglês de Munique.

Monika acaba me contando algo sobre o significado do meu nome, Jennifer Annette Susanne. "Jennifer" veio do pós-guerra, um nome inspirado pelos ocupantes norte-americanos. Ela quis um nome que soasse estrangeiro. "Annette" foi sugestão da minha avó, que achava um nome muito bonito. "Susanne" foi uma homenagem à Susanna, de Plaszow; como as duas empregadas de Amon Göth tinham o mesmo nome, Helen Hirsch e Helen Rosenzweig, ele chamava a primeira de "Lena" e a segunda de "Susanna".

Depois da guerra, minha avó sempre falava sobre as suas empregadas de Plaszow. Quando criança, minha mãe acreditava que "Lena" e "Susanna" eram parentes, e soube apenas muito mais tarde que, para elas, os anos que passaram no casarão do meu avô foram o período mais terrível de suas vidas.

Assim, recebi o meu terceiro nome de uma sobrevivente judia do campo de concentração — da mulher cujo encontro com a minha mãe em Cracóvia acompanhei com atenção no documentário e cujo destino me emocionou muito.

Pergunto a Monika também sobre a adoção. Ela conta que, em algum momento, eu disse que queria me chamar como os meus irmãos (talvez tenha sido a primeira vez que a possibilidade de uma adoção pela família Sieber teria passado por sua cabeça). Ela discutiu o assunto a fundo com a minha avó, e ela lhe disse: "Sim, por que não, eu já estive com a família e tive uma ótima impressão dela."

Para a minha mãe, a adoção era algo puramente formal. Ela pensou que economizaria burocracia e deixaria tudo mais fácil para mim e para os meus pais adotivos. Apenas mais tarde ficou claro para ela que com isso não tinha mais direito a visitas, e por isso teria ficado com raiva e decepcionada.

Como não podia mais me ver, ela às vezes passava na frente da casa em Waldtrudering, e minha avó a acompanhava de vez em quando.

Ela passava por ali, observava a casa grande e bonita na qual eu morava e dizia para si mesma: "Está tudo bem assim. Você não pode querer mais do que isso."

Ela se conformou com a adoção.

Minha mãe via apenas as aparências: a casa, o jardim, as insígnias da classe média burguesa. Ela

não via o meu coração dilacerado.

E ela ainda não consegue reconhecer isso. Não pergunta como foi a minha vida com a minha família adotiva, se sentia falta de algo, se sentia falta dela.

Para ela, parece estar claro que a adoção foi a melhor coisa para mim, e que eu tive uma infância de conto de fadas.

Ela acredita que perder o nome “Göth” foi bom para mim, pois assim não tive que carregar o peso da história da família. Ela ainda não entende que minha ignorância foi um fardo ainda maior.

Conversamos durante quase quatro horas. Ela havia começado a estudar hebraico antigo, mas não quer saber como foi a minha estada em Israel.

Tento me colocar no lugar dela e ser o mais cuidadosa e compreensiva possível, não perguntar ou exigir demais. Eu me torno a mãe, ela se torna a filha: sinto-me obrigada a protegê-la e ajudá-la.

Monika convida o meu marido e a mim para jantar. Sua casa fica em um povoado perto de uma floresta. O jardim é muito bem-cuidado, e é evidente que ela gosta de trabalhar nele.

Quando meu marido e eu chegamos, Monika e Dieter ainda estão preparando o jantar. Bebemos uma taça de vinho juntos, na cozinha, uma taça de vinho. Em seguida, sentamo-nos à mesa de jantar e conversamos. É a primeira vez que meu marido vê a minha mãe. Ele também percebe que ela fala principalmente sobre os seus pais.

Ela conta que certa vez perguntou a Ruth Irene: “Por que Oskar Schindler não pode ser meu pai, por que precisa ser o Amon?” E Ruth Irene respondeu: “Se o seu pai fosse Oskar, e não Amon, você não existiria.” De novo, a minha mãe me compara a minha avó, mas dessa vez parece mais simpática. Olhamos juntas fotos da minha avó e, espontaneamente, ela diz: “Escolha uma.” Escolho uma foto em que ela está de perfil. É como me lembro dela: elegante e mesmo assim natural, com um lenço cobrindo os ombros.

Minha mãe me dá a foto, e então me entrega uma caixa pequena de charutos. Nela está o bracelete de ouro preferido da minha avó. Ela diz: “Eu lhe dou de presente.” Adoro o presente, mas ainda assim fico com ele nas mãos, hesitante. Não quero nada do campo de concentração, nada roubado, nenhum ouro dos dentes das vítimas. Quando ouço que o bracelete era da minha bisavó, fico mais tranquila e me sinto grata por esse gesto.

Acabo aceitando que minha mãe fale quase o tempo todo sobre o passado. Creio que esse encontro seja apenas o começo.

Quando nos cumprimentamos, mais cedo, nos demos as mãos. Agora, quando nos despedimos, nos abraçamos por um instante.

Agora eu tenho uma mãe.



Jennifer Teege sorri quando fala, pouco depois, sobre o encontro com sua mãe. Traz no braço o bracelete de ouro de sua avó.

O irmão mais velho, Matthias, diz: “Depois do encontro com a mãe, a família biológica de Jennifer começou a ocupar o primeiro lugar. Ela questionava seu tempo com a família adotiva.”

Inge Sieber descreve esse período como “a segunda redenção de Jennifer depois da puberdade”. “Após o encontro com a mãe, ela nos viu inicialmente de forma muito crítica. Isso foi difícil para o meu marido e para mim.” Para Inge Sieber já foi bem difícil quando Jennifer, após a descoberta do livro, passou a chamá-la apenas pelo nome, em vez de usar “mamãe”. “Isso me deixou arrasada.” Apenas de vez em quando Jennifer se confunde e volta a chamá-la de “mamãe”.

Antes do segundo encontro, dessa vez com a sua mãe e a irmã Charlotte, Jennifer Teege se hospeda novamente na casa dos pais adotivos, em Waldtrudering.

O pai adotivo, Gerhard, passeia com os filhos de Jennifer pelo jardim; para cada um, plantou uma “árvore da vida”, um ginkgo para Claudius e uma macieira para Linus. Agora, ele leva os netos para as suas arvorezinhas recém-plantadas. “Vovô, logo vamos encontrar a mamãe da mamãe”, diz o filho mais novo de Jennifer, Linus.

Quando Jennifer, o marido e os filhos partem, os pais adotivos acenam para eles.



Estou feliz com o próximo encontro com a minha mãe, desta vez com Charlotte, meu marido e nossos filhos. Um encontro familiar na Sexta-Feira Santa.

Minha família; soa autêntico quando uso essa expressão.

Desejo mais leveza em nosso relacionamento. Espero que possamos chegar ao ponto de encerrar a questão do nosso passado e dos meus avós, e simplesmente começar algo realmente nosso.

Certa vez, disse a Charlotte, com um leve franzir de testa: “Talvez um dia possamos sentar juntas embaixo da mesma árvore de Natal.” Não acho que isso vá acontecer, pois sempre terei a minha família adotiva. Mas seria lindo se minha mãe e Charlotte pudessem se tornar parte da minha vida.

Minha mãe tem agora uma grande chance; depois de todos esses anos, pode recuperar uma filha.

Foi interessante falar com ela a sós. Fiquei sabendo de muitas coisas sobre ela e sobre a minha

avó, e agora posso completar as pecinhas do quebra-cabeça que faltavam na minha biografia.

O livro já havia me fornecido muitos detalhes sobre ela, mas agora havia mais uma protagonista na sua história: eu. Fiquei muito magoada quando descobri que o livro não me mencionava. Mas ela diz que o fez para me proteger — e possibilitar para mim uma vida nova. Ela não é do tipo de pessoa que se questiona, e, além disso, vive muito em seu próprio mundo. Muitas vezes parece grosseira e diz coisas que soam ríspidas e inflexíveis, mas acho que por trás disso se esconde uma mulher amorosa e que precisa ser amada.

Vejo o caminho que ela tomou; sempre esteve psicologicamente abalada, deixou para trás um primeiro casamento terrível e agora leva uma vida quase normal. Acredito que ela se fecha para muitas coisas com a intenção de se proteger.

Meu marido estaciona em frente ao restaurante combinado e descemos do carro. Charlotte se aproxima e parece exausta. Vê o bracelete de ouro no meu braço e eu conto para ela que a nossa mãe me deu de presente, era de Ruth Irene. Charlotte olha para o bracelete e não diz nada. Minha mãe e Dieter chegam também, todos comemos juntos e em seguida vamos passear no Jardim Inglês. Alugamos um barco a remo no lago Kleinhesseloher, depois vamos para o parquinho com as crianças, que estão felizes.

Por fora parece ser um encontro normal, mas eu sinto uma distância entre nós. Queria algo mais pessoal e mais carinhoso. Não esperava conhecer uma mulher mais velha, mas sim a minha mãe. Após o primeiro reencontro, pensei que as coisas engrenariam, mas agora estou sendo mais realista, pois sinto que, ao contrário de mim, minha mãe não sente falta de um relacionamento mais íntimo. Isso é algo do caráter dela, o seu lado materno não é tão acentuado assim.

Tenho quarenta anos agora, e ela tem 67. Estou velha demais, e ela não pode mais me dar mamadeira ou me ajudar a dar os primeiros passos. É impossível recuperar os anos perdidos.

Vejo minha mãe de novo quatro dias depois do nosso encontro na Sexta-Feira Santa. Marcamos o encontro no túmulo da minha avó.

Eu havia pedido que ela me mostrasse o túmulo de Ruth Irene. Era uma necessidade minha visitá-lo com ela. Combinamos de nos encontrar no Viktualienmarkt, o mercado antigo no centro de Munique. Compro flores e, em seguida, rumamos para o cemitério Nordfriedhof. Minha mãe visita o túmulo regularmente. Parece que agora ela fez as pazes com sua mãe.

Passamos pelo portão. O cemitério é muito grande, em todos os lugares há árvores altas, e caminhos estreitos levam aos túmulos. Ruth Irene foi enterrada ao lado de sua mãe, Agnes Kalder. É um túmulo bonito e bem simples. Juntas, Monika e eu plantamos violetas. Essa visita é muito importante para mim. Diante do túmulo da minha avó, peço a minha mãe: “Se não quiser mais ter contato comigo, eu respeitarei sua decisão. Mas, por favor, se despeça, não desapareça como fez na minha infância.”

Falamos pelo telefone mais algumas vezes. Depois, não ouvi mais falar dela. A correspondência que mando para ela sempre volta com o carimbo “Recebimento recusado”. Quando ligo para ela, ninguém atende. Deixo tocar uma eternidade, em vão.



“Shalom” é o que está escrito na placa na fachada da casa de Monika Göth, “paz”, mas ali a paz não predomina.

Meses após sua visita ao cemitério Nordfriedhof com Jennifer, Monika está sentada sob a cobertura de vinhas selvagens em sua varanda. Seu segundo marido assou um bolo e fez um café. É um dia quente de fim de verão, e as moscas reaparecem. Monika Göth fala e fala, e aqui e ali dá um tapa e mata uma mosca. Em oscilações acentuadas ela conta sua história, que gira em torno de um único tema: seus pais, “Amon e Ruth”. Às vezes está calma e sorri, mas logo volta a sibilar e xingar novamente, irritando-se com sua família bizarra.

Monika diz que sempre tentou proteger a filha Jennifer, mantê-la longe de toda essa “porcaria dos Göth”.

Para ela, Jennifer é, acima de tudo, filha de seus pais adotivos. Jennifer tem uma mãe fantástica, o que de repente ela quer com a mãe biológica?

Ela acredita que os pais são aqueles que criam um filho. Não entende o que aquela filha distante quer dela. Por que insiste em afirmar que uma verdade terrível é melhor do que sua omissão, e que uma família destruída é melhor do que não ter raiz alguma?

Monika diz que no início ficou muito feliz com a ligação de Jennifer, mas a sua filha tem um ritmo diferente do dela. Com frequência sentia-se oprimida pela ansiedade de Jennifer em remendar as coisas e reunir a família, como se a filha tivesse escrito um roteiro que rapidamente pula para as cenas de reconciliação. Contudo, depois de tantos anos, a relação precisa crescer lentamente. Para Monika, no fim das contas, é tarde demais até para isso.

Jennifer Teege voltará a ver a mãe apenas nas telas; Monika dá novas entrevistas, um documentarista israelense a convence a falar sobre seu papel como filha de Amon Göth. Aqui e ali, Monika faz essas aparições, mesmo que o verdadeiro desejo dela seja ficar em paz, como diz.

No momento, ela cuida de seu neto, o filho de sua filha Charlotte, que é criado por ela. Monika falou sobre ele: “É a minha vida. Faço por ele o que gostaria de ter feito pelo meu pai quando ele era

um menininho.”

Charlotte escolheu um nome judeu para o filho e o combinou com o nome do avô: “Amon”, este foi o segundo nome que a meia-irmã de Jennifer Teege deu ao filho.



Sempre tive a sensação de ser parte de um móbile: todos estão ligados a todos por meio de muitos fios invisíveis. Se um se move, os outros balançam com ele. Estou pendurada bem lá embaixo, e lá em cima movem-se as figuras principais.

A figura central é Amon Göth. Dele vem a maldição. Embora esteja morto há muito tempo, permanece lá no alto, acima de todos, puxando os fios nos bastidores. Através da adoção, fugi do sistema e vivi anos tranquilos. Ainda assim, sou e permaneço parte do todo. Uma figura importante à parte.

Queria desembaraçar o móbile e desfazer antigos nós, para que novos acontecimentos terríveis não abalem a família para sempre.

Talvez eu esteja exigindo demais de mim.

A fotografia da minha avó fica em um porta-retratos prateado em uma prateleira na nossa casa, junto com fotos dos meus filhos e amigos.

Às vezes visito o túmulo dela. Acendo uma vela e ponho flores novas nos vasos. Não quero mudar muita coisa ali, pois não sei o que a minha mãe diria. Ela cuida há anos do túmulo.

Da última vez, o mato havia crescido na lápide, mas não ousei arrancá-lo.

Capítulo 5

Netos das vítimas: os amigos em Israel

“De onde você é, da família Obama?”
— Um vendedor de temperos em 2011, na cidade
antiga de Jerusalém, ao falar com Jennifer Teege

Estou de volta a Israel, finalmente.

Tel Aviv cresceu. As rodovias parecem ter sido duplicadas, e novos prédios se erguem em direção ao céu. No centro da cidade ainda há muito lixo jogado nas ruas, e as fachadas são sujas e afetadas pela poluição e pelo ar marinho; ao lado delas, os prédios recém-reformados se destacam ainda mais.

Na pequena e calma *Rehov Engel*, a rua dos Anjos, entre palmeiras e arbustos floridos, fica a casa onde ocupei o quarto de uma república, quando tinha vinte e poucos anos. Foi ali que, muitos anos atrás, assisti *A lista de Schindler* na televisão.

O sol, o ar salgado, o ressoar gutural do hebraico: tudo me é familiar. Mas não sou mais a mesma.

Quando cheguei ali, há mais de vinte anos, para visitar minha amiga Noa, eu era jovem, curiosa e tranqüila. Volto como neta de Amon Göth.

Noa foi o motivo pelo qual vim a Israel pela primeira vez.

Ela era também o motivo pelo qual eu, após descobrir a história da minha família há quase três anos, não ousei mais voltar ali.

Eu a conheci em Paris. Em 1990, eu havia feito o *Abitur* e me mudei por um ano para a capital francesa. Cuidava dos filhos de uma família parisiense e frequentava cursos na Universidade de Sorbonne. Além disso, preparava uma carta de apresentação para uma escola de artes; após minha estada em Paris, queria estudar design gráfico ou design de comunicação.

Em um curso de desenho com modelo vivo, conheci Noa. Nós duas tentávamos desenhar corretamente as proporções dos modelos, e após a aula ficávamos no corredor conversando por bastante tempo.

De imediato gostei da perspicácia e do humor dela. Tinha longos cachos loiros e olhos verdes-claros, e falava abertamente sobre si e seus sentimentos. Ela me disse que havia dias que eram diferentes dos outros, que chamava de “dias de câmera”. Eu conhecia bem esses dias; passeava pela cidade como um observador silencioso, e o mundo alternava entre *closes* e *long shots*. Noa criou um nome para essa sensação tão difícil de se descrever.

Eu gostava de sua linguagem certa e de sua visão peculiar do mundo.

Noa, como eu, tinha vinte e poucos anos e acompanhava o pai em Paris, um artista que conseguira uma bolsa lá. Ele sempre vestia preto no inverno, e no verão andava apenas de branco.

A mãe de Noa era advogada e sempre tinha negócios a tratar na Alemanha, inclusive em Munique. Quando adolescente, Noa a acompanhara algumas vezes para lá. Ela tentava lembrar das poucas palavras alemãs que ouvira naquela época: *Bitte. Danke. Guten Tag*. [Por favor. Obrigada. Bom dia, boa tarde.]

Num guardanapo, ela anotou para mim o alfabeto hebraico, e fiquei surpresa ao descobrir que escreviam as palavras da direita para a esquerda. Noa contava histórias sobre Israel, sobre como era um país totalmente normal.

Depois de um ano, deixei Paris. Não fui aceita em nenhuma das diversas universidades às quais me candidatava para o curso de design. Decidi visitar Noa em Tel Aviv. “Quando você vem para Israel?”, ela me perguntou em Paris, quando nos despedimos.

O voo de Munique a Tel Aviv durou quatro horas. Noa me esperava em sua casa. Abriu a porta, toda feliz, e me mostrou rapidamente o seu quarto, onde eu também dormiria. A colega de república, Anat, estava sentada na sacada. Ela era um pouco mais velha que Noa e tinha cabelos ruivos. “Anat, esta é a Jenny”, Noa me apresentou. Anat e eu estendemos a mão uma para a outra. Logo, Noa me apressou para sairmos: queria festejar nosso reencontro em um lugar especial.

Noa chamou um táxi e seguimos pela avenida da praia para o sul de Tel Aviv, até, finalmente, após meia hora, pararmos em uma pista de cascalho. Desci e olhei ao redor; estávamos no alto de um penhasco íngreme e lá embaixo estava o mar. À nossa frente, um bar a céu aberto e lotado.

O bar se chamava “*Türkis*”. Na grama havia cadeiras dobráveis e balanços de varanda. As pessoas não pareciam de chegar, e achei as mulheres muito bonitas, quase todas com cabelos longos e escuros.

Em retrospecto, é difícil dizer o que eu esperava. Mas certamente não aguardava pessoas descoladas, sentadas entre palmeiras e guarda-sóis coloridos em balanços de varanda, olhando para

o mar e ouvindo música *lounge*.

Pelo que aprendera em minhas aulas de história e vira nas reportagens sobre Israel, esperava encontrar um país em estado de exceção permanente. Pensava no Holocausto e na intifada. Imaginei um povo traumatizado em um país onde uma bomba podia explodir em cada esquina.

Encontrei uma cidade construída sobre a areia, com conjuntos residenciais claros em estilo Bauhaus sobre estacas, permitindo assim que o ar marinho soprasse pelas ruas.

Esperei o peso e encontrei a leveza.

Naquela tarde em Israel soube imediatamente que queria ficar ali, naquele país. Sentei-me com Noa na grama morna e assistimos ao sol se pôr lentamente.



“Colina da primavera”: essa é a tradução do nome Tel Aviv. Em 1909, os imigrantes judeus deram esse nome ao pequeno assentamento nas dunas do mar Mediterrâneo.

Após a tomada de poder dos nazistas, em 1933, muitos judeus europeus buscaram refúgio na Palestina. Queriam um país para si, porque em outros países as pessoas estavam querendo assassiná-los.

Uma parte fugiu da Alemanha e das regiões ocupadas pelas tropas alemãs a tempo.

Outros não escaparam aos nazistas. Após o fim da guerra, saíram dos campos de concentração, como Plaszow, e vieram para a Palestina, com corpos e almas mutilados.

No memorial do Holocausto Yad Vashem, em Jerusalém, os visitantes podem ver as testemunhas dos crimes nacional-socialistas nas salas de exibição mantidas na penumbra. Ali também encontram uma foto do comandante do campo de concentração, Amon Göth, que cavalga em seu cavalo mesclado com uniforme da SS. Encontram fotos de outros comandantes e campos de concentração e tentam compreender a magnitude do extermínio. Saindo do memorial, o visitante sobe uma colina que leva a Israel banhada pelo sol. A mensagem de Yad Vashem é que o Holocausto e Israel relacionam-se como a escuridão e a claridade. O novo país retorna para a luz.

Em 14 de maio de 1948, o líder sionista David Ben-Gurion proclamou, em Tel Aviv, o Estado judeu de Israel.

Com a fundação de Israel, o sonho dos sionistas de um Estado judeu próprio tornou-se realidade. Contudo, o mito sionista que proclamava “um país sem povo para um povo sem país” não correspondia à realidade; o país santo dos judeus era povoado pelos árabes palestinos.

Dois povos vinculavam sua identidade nacional à mesma terra.

O que para os israelenses foi a fundação do seu Estado, era para os palestinos a “nakba”, a catástrofe.

Já na noite do dia 14 de maio de 1948, as tropas de cinco Estados árabes — Egito, Iraque, Transjordânia, Líbano e Síria — invadiram Israel com o objetivo claro de destruir o novo Estado. Os israelenses venceram essa primeira guerra árabe-israelense e aumentaram seu território consideravelmente; tomaram mais terras do que havia sido alocado a eles no plano de partilha das Nações Unidas. Cerca de setecentos mil palestinos fugiram ou foram expulsos, e muitos vilarejos palestinos foram destruídos.

Seguiram-se outros conflitos militares com os vizinhos árabes.

A história do Estado de Israel e a história dos palestinos formam uma sequência de guerras e conflitos, de violência e contra-ataques, e não pode ser explicada objetivamente, tampouco em poucas linhas.

Por isso, o conflito também parece sem solução, porque nele se concentram muitos conflitos. Não é uma questão apenas de terra. O historiador israelense Tom Segev escreve: “Não são apenas interesses políticos, estratégicos e econômicos que fomentam a disputa, mas também medo e ciúme, fé e preconceito, mitos e ilusões.”

Há o fanatismo religioso, abastecido pelos fundamentalistas islâmicos e pelos judeus ultraortodoxos, que marca qualquer discussão entre as nações envolvidas. Israel, o pequeno país no mar Mediterrâneo, atualmente com oito milhões de habitantes, não fica em paz; lá fora, o Estado judeu luta contra os vizinhos árabes; lá dentro, consigo mesmo. Não existe paz entre israelenses e palestinos, mas também não há paz entre os israelenses ortodoxos e os seculares.

Os judeus ortodoxos devotos e os habitantes modernos liberais do país se encontram numa briga encarniçada pela prerrogativa de interpretação em muitas questões políticas: qual o papel que a religião deve desempenhar no Estado? Como se deve lidar com os palestinos? Os colonos ultraortodoxos devem se retirar dos territórios ocupados, ou devem continuar a viver e construir suas casas, protegidos por jovens franco-atiradores israelenses?

Quando Jennifer Teege chegou a Tel Aviv, no final de 1991, a cidade já era considerada o refúgio da Israel moderna e democrática.

Ali vive desde sempre a cena criativa do país; artistas e escritores moram em Tel Aviv; gravadoras, agências de publicidade e empresas de informática têm sua sede ali; esquerdistas, liberais, gays e lésbicas amam o clima não ortodoxo da cidade.

Nos anos após a fundação do Estado tantos judeus foram para Tel Aviv que a maioria das casas foi erguida a toque de caixa. Nos anos anteriores, jovens arquitetos europeus haviam construído ali

cerca de quatrocentos edifícios em estilo Bauhaus, a “cidade branca”.

Atualmente, Tel Aviv abriga cerca de quatrocentas mil pessoas vindas de mais de cem nações.

Tel Aviv é a cidade dos recomeços, uma cidade sem lembranças. Um mundo alternativo à capital Jerusalém, onde cada pedra conta uma história e onde o fanatismo religioso floresce.

Tel Aviv não é bonita nem bucólica como Jerusalém, mas é jovem e moderna, barulhenta e agitada, cosmopolita e tolerante. No verão, a poluição e o fedor de lixo pairam no ar, e gatos famintos buscam comida na praia.

*Os israelenses dizem que a palavra mais importante na cidade é *lisromm* — relaxar, ser flexível. Em Jerusalém, as pessoas rezam; em Haifa, elas trabalham— e em Tel Aviv, elas vivem.*

Principalmente na década de 1990, a cidade cultivou sua imagem de planeta-festa, tranquilo e animado. “The Bubble”, a bolha, assim era chamada devido ao cotidiano despreocupado nos bairros em voga de Tel Aviv.

No final de 1987, teve início a primeira intifada, o levante palestino contra os ocupantes israelenses. No mesmo ano os palestinos fundaram em Gaza a organização islâmica radical Hamas. Atentados a bomba já abalavam o país com frequência.

Ainda no início de 1991, o Iraque, sob o comando de Saddam Hussein durante a segunda Guerra do Golfo, lançou vários mísseis contra Tel Aviv e Haifa, embora Israel não estivesse oficialmente participando dessa guerra. A amiga de Jennifer Teege, Noa, relembra: “Durante o bombardeio pelo Iraque, vivíamos com medo constante da morte. As sirenes de alarme sempre soavam e nos avisavam dos ataques. Por mais de dois meses, cobri hermeticamente as janelas do meu quarto com plástico-filme. Estocava máscaras de gás e água mineral para várias semanas.” Quando Jennifer Teege chegou a Tel Aviv, os ataques iraquianos já tinham ficado para trás havia quase um ano.

Noa comenta: “Deixamos o pior para trás e por isso aproveitamos ainda mais a vida. Era um tempo tranquilo, o período mais feliz do qual consigo me lembrar.” Nas festas em Tel Aviv, o sofrimento e o perigo pareciam estar muito distantes.



No dia seguinte, acordei bem cedo. Até então, tinha visto Tel Aviv apenas de táxi, e queria conhecer a cidade a pé. Sentei-me em um café e pedi um suco de laranja fresco e um bagel, porque considerava aquilo um café da manhã israelense típico. Em seguida, fui até a avenida beira-mar que ficava próxima, conhecida também como Tayelet. Ali enfileiravam-se os grandes hotéis. Noa, que não pôde me acompanhar porque precisava assistir a uma aula, me deu um conselho: “Veja a cidade de cima!”

Esgueirei-me para dentro de um hotel quatro estrelas na avenida beira-mar e peguei o elevador até o terraço. A visão era espetacular: o horizonte de Tel Aviv se estendia diante de mim, e eu conseguia enxergar até as regiões vizinhas. Do outro lado, via a areia e o mar.

Fui até a água. Pessoas com cabelos molhados vinham na minha direção, e quem fazia *cooper* passava ao meu lado. Os bares da praia tocavam os sucessos da música israelense, crianças faziam castelos de areia e surfistas remavam na água. Tirei meus sapatos e me deixei cair na areia quente.

Mais tarde, me misturei à multidão do mercado Karmel, onde vendedores anunciavam seus produtos aos berros: frutas e legumes, roupas de baixo, relógios Rolex falsificados. Bem do outro lado fica a “*Shenkin*”, segundo Noa a rua mais conhecida do Oriente Médio: cafés e butiques, lojas de discos e de marcas famosas. Voltando para a casa de Noa, passei pelo bulevar Rotschild, uma alameda suntuosa, onde pessoas de todas as idades se encontram, jogam bocha e falam sobre política.

Querida conhecer cada esquina, o país inteiro e a sua gente. Desejava conhecer especialmente a cidade de Jerusalém, a Cúpula dourada da Rocha, a cúpula prateada da mesquita de Al-Aqsa. Até então, conhecia a cidade apenas dos livros e das histórias. Naquele momento, eu a via pela primeira vez com os meus olhos. Na rodoviária de Tel Aviv, entrei num *sherut*, um táxi coletivo.

Pelo vidro imundo consegui reconhecer a paisagem de forma apenas desfocada: colinas nuas, entre elas vilarejos, muitos soldados e bloqueios militares. Apenas setenta quilômetros ao sul de Tel Aviv fica a Faixa de Gaza, e cinquenta quilômetros a oeste, a Cisjordânia. Foi quando percebi como Israel era pequena — muito menor do que eu esperava.

Depois de uma hora de viagem, cheguei a Jerusalém.

Eram apenas poucos metros até o Portal de Damasco, na parte norte das muralhas da cidade. Parei diante do arco imenso do portal. Entre as ameias da muralha patrulhavam soldados armados com as suas metralhadoras, capacetes e coletes à prova de balas. Quando os soldados perceberam meu olhar curioso, fitaram-me também. Desviei rapidamente o olhar e entrei pelo portal, para a parte árabe da cidade antiga, com vielas apertadas, prédios estreitos de vários andares e galerias cobertas. O ar cheirava a chá e especiarias. Os vendedores me abordavam e queriam me atrair para suas lojas. Crianças com uniforme escolar azul gritavam e brincavam entre as fileiras de casas. Os comerciantes transportavam comidas frescas em carrinhos de mão pelas ruas estreitas e íngremes e precisavam frear a todo momento.

Não encontrei judeus ortodoxos na parte árabe da cidade antiga. Ali, os muçulmanos ficavam

geralmente entre si. Muito diferente da situação mais a oeste, perto do Muro das Lamentações, onde judeus devotos apressados vinham na minha direção. Vestiam calças pretas e casacos longos, e por baixo deles esvoaçavam as faixas de oração.

Quando visitei o Muro das Lamentações, fiquei surpresa com as pessoas andando de costas. Mais tarde, soube que elas não querem dar as costas ao santuário, e por isso se viram apenas após alguns metros.

Homens e mulheres rezam separados no Muro das Lamentações. Os homens se envolvem em xales listrados de preto e branco, e rezam enquanto balançam o corpo para frente e para trás. Ao lado deles, em uma parte menor do muro, ficam as mulheres. Seus lábios se movem numa prece muda.

Juntei-me às mulheres e toquei as pedras calcárias lisas e gastas. Enfiar orações e bilhetes nas fissuras entre os blocos do Muro das Lamentações é uma tradição judaica. Escrevi um bilhete com um desejo e coloquei entre todos os outros num vão do Muro. Em seguida, me afastei, de frente para o Muro. No meu bilhete escrevi que queria um namorado.



Jerusalém, a cidade santa. Santa para três religiões mundiais e, por isso, disputada como nenhuma outra.

Ali existem, lado a lado, num espaço exíguo, santuários do islamismo, do cristianismo e do judaísmo: a mesquita de Al-Aqsa e a Cúpula da Rocha no Monte do Templo são, depois de Meca e Medina, os monumentos mais importantes para os muçulmanos; na Basílica do Santo Sepulcro, onde, segundo a tradição, Jesus foi crucificado e enterrado, os cristãos fazem suas peregrinações; o Muro das Lamentações, o muro ocidental do último templo judaico, é o santuário mais importante dos judeus.

A quem pertence Jerusalém? Essa pergunta está no âmago da controvérsia desde o início do conflito no Oriente Médio. A situação jurídica de Jerusalém não é clara. De fato, a cidade está dividida em um lado oriental predominantemente árabe e um lado ocidental judeu. Está dividida também entre ortodoxos e não religiosos. Quase a metade de todos os israelenses ultraortodoxos vive em Jerusalém. O bairro deles, Mea Shearim, lembra uma shtetl, uma cidadezinha do século XIX. Os habitantes falam iídiche entre si, um dialeto originário do alemão medieval, que pode ser confundido com o alemão em certa medida.

Os ultraortodoxos defendem uma separação rígida dos sexos em público. De acordo com suas regras, as mulheres se sentam na parte do fundo do ônibus. Muitos dos ortodoxos rejeitam o Estado de Israel ocidental, e se negam a pagar impostos; muitos estudam a Torá e não trabalham. Cerca de 60% das famílias ultraortodoxas em Israel vivem na pobreza.

Os casais ortodoxos têm, em sua maioria, muitos filhos. Os israelenses ocidentais veem com preocupação o fato de que, em muitas salas de aula em Jerusalém, os jovens ortodoxos representam a maioria. A influência dos judeus devotos cresce continuamente também na política israelense.



Mea Shearim significa “cidade dos cem portais”. Conversei sobre o bairro religioso com Noa e Anat, e elas disseram que os israelenses ocidentais evitavam essa região. Eu queria ver como as pessoas viviam lá. Passei por casas em ruínas e pátios intrincados. Nas sacadas, roupas lavadas balançavam ao vento.

A cidade antiga de Jerusalém tinha algo de museu, uma atmosfera de tempos passados, mas ao mesmo tempo era colorida e viva. Mea Shearim, ao contrário, me pareceu obscura e ameaçadora. As casas eram construídas uma colada na outra. Vi muitas crianças, mas elas não gritavam; andavam pelas ruas com rosto pálido e olhar sério.

Os homens cobriam as cabeças com chapéus ou gorros de pele, e deles pendiam os cachos das costeletas.

As saias das mulheres vão até o tornozelo, e seus pés calçam sandálias e meias escuras. Primeiro me surpreendi que quase todas usavam os cabelos curtos, estilo *pageboy*, com as pontas viradas para dentro. Então lembrei que Noa havia me contado que as mulheres ortodoxas, via de regra, casavam-se muito cedo, cortavam os cabelos bem curtos e, a partir de então, usavam peruca em público.

A cada dois cruzamentos em Mea Shearim havia uma placa de alerta, que avisava os turistas, em vários idiomas, que só podiam andar pelo bairro com braços e pernas cobertos. Noa e Anat contaram que no sabá, o dia santo dos judeus, no qual os devotos descansam, os moradores de Mea Shearim jogam pedras em estranhos que se aproximam do bairro em carros.

Em Mea Shearim as pessoas vivem sem rádio, televisão ou internet. As fachadas das casas estreitas de vários andares possuem murais. Neles, os moradores anunciavam as novidades, como aberturas de lojas, acordos e casamentos. Anúncios bizarros também apareciam: os rabinos convidavam para uma prece comunal por chuva. Além disso, o alerta: meninos e meninas não podem andar juntos pelo bairro.

Como alguém conseguia viver dessa forma, num mundo cheio de mandamentos e proibições, como no século XVIII?

Noa me contou que uma de suas amigas de infância se casou com um homem ortodoxo. Ela lamentava muito: “Agora ela vive em outro planeta.”

Peguei o táxi coletivo de volta para Tel Aviv. Já era tarde quando cheguei, e poucas pessoas ainda estavam nas ruas. Noite de sexta-feira, o sabá havia começado. Nas janelas de muitas casas queimavam velas, e famílias preparavam a mesa.

Noa e Anat não celebravam o sabá. Naquela noite, fiquei sentada com elas ainda por um bom tempo, querendo saber mais sobre o país. Anat sugeriu que eu trabalhasse em um *kibutz* com outros ajudantes voluntários de todo o mundo, em troca de alimentação e alojamento. Durante o serviço militar, ela vivera no *kibutz* “Eilat”, a sul de Israel, e lá conheceu Alon, seu namorado. Na manhã seguinte, Anat ligou para o *kibutz* e conseguiu uma vaga para mim.



O namorado e futuro marido de Anat, Alon, cresceu no kibutz Eilat. Algumas semanas após seu nascimento, no ano de 1965, seus pais o colocaram na “casa das crianças” do kibutz. Lá, ele vivia e dormia com outras crianças, sendo criado por uma cuidadora. Ele via a mãe apenas à tarde antes de voltar para a casa das crianças para dormir.

No início, muitos kibutzim consideravam a família pequena de estrutura patriarcal— pai, mãe, filhos — um modelo ultrapassado. A criação dos filhos era delegada a cuidadoras. As mulheres também precisavam trabalhar, como os homens. As atividades do lar também eram terceirizadas: nos kibutzim havia lavanderias centrais, alfaiatarias, uma cozinha e um refeitório, onde os moradores podiam fazer as refeições juntos.

O pensamento essencial do kibutz é uma vida em sociedade. Os fundadores dos primeiros kibutzim se orientavam por ideias socialistas e sionistas. Queriam construir um Estado judeu de trabalho em solo próprio.

O primeiro kibutz foi fundado há mais de cem anos, às margens do mar da Galileia. Atualmente, há cerca de 280 desses vilarejos.

O kibutz Eilat surgiu em 1962. Fica na ponta sul de Israel, próximo ao deserto de Negev, no meio das cordilheiras escarpadas entre a Jordânia e o Egito. Do vale, avista-se o ponto turístico de Eilat e o Mar Vermelho e, no horizonte, a Arábia Saudita.

O escritor israelense Amos Oz viveu 25 anos em um kibutz. Sua avaliação: “Os fundadores esperavam não apenas mudar o sistema social, a sociedade de classes. Eles queriam revolucionar a natureza humana. Acreditavam que, se conseguissem construir uma sociedade na qual todos comessem a mesma coisa, vestissem a mesma coisa, fizessem o mesmo trabalho e compartilhassem do mesmo padrão de vida, o interesse próprio e o egoísmo desapareceriam, gerando assim um novo ser humano. A experiência revelou essa ideia como equivocada.”

Alon não avançou na educação formal. Para ele era natural trabalhar nas oficinas do kibutz depois de encerrar sua formação escolar.



Peguei um ônibus que me levou em direção ao sul. Depois de três horas de viagem, o motorista parou no meio do deserto. Ao meu redor, nada além de terra vermelha. Segui a estrada morro acima. Lá no alto ficava o *kibutz*. À primeira vista parecia um resort de férias, com casas de dois andares idênticas, separadas por caminhos de lajotas e gramados, e entre eles oleandros que cresciam descontroladamente.

O dia de trabalho começava por volta das seis da manhã. Eu queria ser alocada para a ordenha das vacas, achava isso mais importante do que separar tomates em uma esteira. Mas não foi o que aconteceu. Na primeira manhã, fui enviada para a cozinha, e durante um dia inteiro tive que descartar os restos de comida e fazer a pré-lavagem das louças sujas. No segundo dia, fui nomeada operadora do lava-louças. Lidar com um monte de louça suja era uma tarefa incrivelmente chata, e comecei a me perguntar se aquilo realmente me ajudaria a obter uma imagem nítida de Israel.

No dia seguinte, peguei a minha bolsa e fui embora.

Segui para a cidade no extremo sul de Israel, o balneário Eilat, às margens do mar Vermelho. Para reabastecer o meu caixa de viagem, fui até o porto, seguindo uma dica de mochileiros sem dinheiro. Um grande barco à vela tinha acabado de aportar. Corri até o píer e gritei para um membro da tripulação, em inglês: “Estão precisando de ajuda?” “Desculpe, não contratamos mais”, gritou ele de volta.

Então, vi um barco vermelho e largo entrar no porto. Um homem alto e esguio, com cabelos pretos, estava ao leme. Quando o último passageiro saiu, fui até o capitão: “Oi, precisa de alguma ajuda?” Ele sorriu: “Sim, uma pessoa se demitiu esta manhã.”

Ele se chamava Shimon, e eu me apaixonei de imediato. Tinha um rosto marcado pelas intempéries com olhos azuis claros sob sobrancelhas grossas. Shimon era um *sabra* — assim os

israelenses chamam as pessoas nascidas no país. Dizem que eles se parecem com o fruto do cacto homônimo, por fora, espinhoso e duro, por dentro doce e macio.

Shimon tinha 48 anos, era casado e pai de uma filha. Passara metade de sua vida no exército. Servira na Shayetet 13, uma unidade de elite da marinha israelense. Alguns anos atrás, ele se mudou para Eilat e comprou um barco com assoalho de vidro, que trafegava entre Eilat e a fronteira egípcia.

Tornei-me parte da tripulação, junto com dois mochileiros que trabalhavam lá, uma holandesa e um sul-africano. Durante o dia eu vendia ingressos aos turistas e à noite limpava o convés e os banheiros. No fim do dia, desdobrava o colchonete, desenrolava meu saco de dormir e dormia em algum lugar no convés.

Shimon e eu vínhamos de mundos diferentes, mas, apesar disso, tínhamos nossas semelhanças: gostávamos de ficar sozinhos e amávamos o silêncio. Shimon me levou para o deserto de Negev. Nunca tinha estado num deserto antes, mas logo gostei da paisagem. A primeira impressão é de monotonia, como um grande vazio; mas nesse vazio há muito a se descobrir. Caminhamos por ravinas estreitas, e Shimon me apresentou formações rochosas estranhas, mostrou para mim como as cores das pedras mudavam durante o dia. Descobrimos plantas no deserto, vimos gazelas, tartarugas, cobras e escorpiões.

No início, o silêncio de Shimon não me incomodava muito. Eu teria passado dias a fio no deserto com ele em silêncio.

Pela primeira vez alguém me amava como eu era.

Passaram-se algumas semanas até uma inquietação familiar se instalar em mim. O relacionamento com Shimon tinha algum futuro, ou eu estava apenas desperdiçando meu tempo em Eilat? Shimon não entendia por que eu me preocupava com aquilo. Ele ainda morava com a mulher, apesar de o casamento ter terminado bem antes. Ele perguntou: “Por que você simplesmente não fica aqui?” Ele então propôs que nos mudássemos para Eilat.

Pedi um tempo para pensar e voltei para a Alemanha. O visto de três meses que eu conseguira ao entrar em Israel havia expirado. Em Munique, meus pais adotivos não me perguntaram quando eu começaria a estudar. Perceberam que eu não estava a fim de conversar. Meus amigos, por sua vez, falavam abertamente o que achavam; perguntaram o que eu, uma moça de 21 anos, queria com um homem tão velho, e se eu estaria sofrendo de um complexo de Electra.

Trabalhei durante algumas semanas na Siemens para ganhar algum dinheiro, e então voltei para Eilat.

A mulher de Shimon, nesse meio-tempo, saíra da casa em Eilat, deixando a filha conosco. A menina tinha quatro anos e era linda, com seus cachinhos pretos e longos, que caíam em seu rosto o tempo todo.

Pela manhã ela ficava no jardim de infância, e à tarde ficava com a mãe ou comigo.

Shimon trabalhava no barco. Eu queria mais independência, ganhar meu próprio dinheiro. Uma vaga no clube de férias Mediterrâneo, em Eilat, me aguardava, mas a temporada não havia começado ainda. Nesse meio-tempo, quis aprender hebraico; mas depois de cinco minutos de estudo eu largava os livros e ia caminhar na praia ou pelo centro comercial, que ficava perto dali.

À noite, quando Shimon chegava em casa, a filha logo pulava em seu pescoço. Ela estava em primeiro lugar. Ele brincava com a menina e lia para ela antes de colocá-la para dormir.

Em seguida, despencava no sofá, exausto. Sentia-me abandonada. Não imaginei que a vida com ele fosse ser daquele jeito.

Certa noite, estava sentada no sofá esperando por ele, quando explodi. Eu o ataquei com acusações, reclamei que ele sempre estava grudado na filha e disse ainda que durante minha curta estada na Alemanha eu o havia traído com um ex-amante.

Shimon olhou para mim tranquilamente, e me disse que o problema não era seu comportamento nem sua filha: “Você não sabe o que quer. Por que você destrói tudo?” Então, ele se recostou no sofá, e a sala foi tomada por um silêncio assustador.

Às vezes, acho que se tivesse encontrado Shimon mais tarde nosso relacionamento teria durado. Mas na época eu era muito jovem, e estava procurando um salvador, não um companheiro.

Na manhã seguinte, fiz minhas malas e voltei para Tel Aviv. Na mesma noite, após a briga com Shimon, liguei para Noa.

Shimon não entrou em contato comigo. Depois de cinco dias, fui a uma agência de viagens e comprei uma passagem de volta para a Alemanha para a manhã seguinte. Naquela noite, programei o despertador para as quatro e meia da manhã.

Quando acordei, os raios de sol caíam sobre meu rosto. Pisquei. Diante da cama estava a minha bolsa de viagem pronta. Na cozinha, ouvi um estalo. Levantei e pus a cabeça no vão da porta. Noa estava em frente ao fogão e acenou para mim. Depois de tomarmos café juntas, fui até uma escola de idiomas para recém-imigrados e me inscrevi num curso de hebraico.



Noa se lembra de como Jennifer chegou à porta da sua casa em Tel Aviv com uma bolsa na mão, aos prantos: “Ela estava tão apaixonada por Shimon — e tão desesperada.”

No dia da partida, quando o despertador de Jennifer tocou de manhãzinha, Noa tentou fazer com que ela se levantasse: “Mas Jenny se virou para o outro lado e murmurou que estava cansada.”

Noa ri ainda hoje quando pensa naquela manhã: “Ela perdeu a hora — e acabou ficando mais quatro anos!” Jennifer era temperamental e espontânea. Noa diz sobre a amiga: “No início, Jennifer inventou um hebraico próprio, e nós ríamos muito.”

Com Jennifer, ela podia se divertir e ter conversas profundas: “Quando a conheci em Paris, logo ficamos próximas. Nossa amizade é uma das mais incomuns que eu já tive, cheia de experiências belas e acasos malucos. Sempre disse para ela que foi um sinal do céu ela ter perdido o voo naquele dia.”



O hebraico pertence às línguas semíticas. Diferente do inglês ou do francês, é impossível deduzir as palavras facilmente. A professora na *Ulpan*, a escola de idiomas para novos imigrantes, se esforçava muito. Ela conseguia explicar as palavras apenas com gestos e mímica. Quando alguém não entendia o verbo “deitar”, ela se deitava sobre a mesa. Não levou muito tempo para eu conseguir acompanhar conversas simples, mas demorei a falar. Aquele novo idioma sempre me levava ao desespero com sua gramática complicada.

Procurei um quarto para mim, e mudei para um apartamento de três quartos na Rehov Engel, com Tzahi, um ator. Tzahi era razoavelmente bem-sucedido no trabalho e muito popular com as mulheres. Tinha uns 35 anos, era loiro, atraente e inteligente. Muitos pensavam que éramos um casal, mas Tzahi era mais como um irmão para mim. Cozinávamos juntos e, quando lavávamos louça, brincávamos de adivinhar as capitais dos países. Tínhamos colegas de apartamento itinerantes, mas Tzahi e eu formávamos o núcleo da casa.

Depois de terminar o curso de hebraico, candidatei-me na Universidade de Tel Aviv para os cursos “Estudos do Oriente Médio” e “Estudos Africanos”. Quando recebi a carta me informando que havia sido aceita, um peso enorme saiu dos meus ombros. Até então, meu futuro era incerto, mas naquele momento ele se definiu: eu estudaria em Israel!

Nas aulas, eu me sentava com os israelenses. Todos os professores falavam hebraico, e no começo eu não entendia quase nada e precisava reler o conteúdo da aula. Eu podia fazer os trabalhos em inglês. Para o curso de “Estudos do Oriente Médio”, tive que aprender também o árabe e traduzir o Corão. Eu ficava sentada até a meia-noite na minha escrivaninha mal-iluminada, debruçada sobre os livros.

Encontrei um novo namorado, Elias. No curso de árabe, ele se sentava atrás de mim e ficava me olhando o tempo todo. Quando finalmente conversamos, durante um intervalo de aula, nos entendemos de imediato. Não demorou, e eu lhe dei a chave do meu apartamento. Eu tentava esquecer Shimon, mas não conseguia.

No pouco tempo livre que me restava, eu me encontrava com Noa e Anat. Acabei fazendo uma grande amizade também com Anat. Ela era muito presente, com seu jeito tranquilo e atencioso. Certa vez, viajei para Sinai, tomei chá com os beduínos no deserto e peguei uma grave infecção. De volta a Israel, precisei ficar vários dias no hospital. Quando tive alta, eu ainda estava fraca e febril. Anat me visitava, ficava ao meu lado na cama e horas ao fogão, cozinhando canja para mim.

Admiro Anat por seu modo de vida simples e modesto. Ela se mudou com o namorado de juventude, Alon, para o *kibutz* próximo a Eilat, no qual suporrei ficar apenas por pouco tempo. Hoje, Anat trabalha como enfermeira. Não consigo imaginar um trabalho melhor para ela.



Anat conta que passeava com Jennifer por Tel Aviv por horas a fio: “Conversávamos sobre a política israelense, sobre os homens israelenses. Na maioria das vezes, eu usava meus sapatos de salto, porque sou baixinha e Jennifer é tão alta. Chamávamos atenção quando estávamos juntas.” Quando as duas passeavam pela praia, Jennifer sempre era abordada: “Muitos queriam saber se ela era jogadora de basquete profissional. Sempre vinham olheiros de agências que queriam contratá-la para alguma produção fotográfica. Mas ela respondia: não, eu estudo”, lembra-se Anat. “Ela nunca foi uma dessas garotas gentis e ingênuas. Era muito independente e parecia saber o que queria. Por isso, as pessoas que tinham problemas sempre a procuravam e pediam ajuda.”



Eu passava bastante tempo no instituto Goethe, em Tel Aviv. Ainda não havia jornais alemães na internet. Pegava livros emprestados aos montes, lia sobre o Holocausto, o sionismo e o conflito no Oriente Médio. Logo fiquei conhecida no instituto, e por fim ofereceram-me um emprego de meio período na biblioteca. A partir daí, sempre trabalhava lá pela manhã e à tarde ia para a universidade.

O instituto Goethe era frequentado principalmente por israelenses mais jovens que queriam aprender alemão, mas também por pessoas mais velhas, sobreviventes do Holocausto que queriam ler e ouvir novamente alemão. Eles não falavam sobre suas experiências, mas eu via os números tatuados em seus antebraços. No início, ficava constrangida e tinha a sensação de que precisava me desculpar pelo fato de ser alemã.

A cor da minha pele era um ótimo disfarce: a maioria dos visitantes do instituto Goethe pensava primeiro que eu era norte-americana ou que descendia de judeus etíopes que haviam emigrado para Israel no passado. Apenas quando eu abria a boca e começava a falar alemão fluentemente que as pessoas se davam conta. Quando eu contava aos meus colegas na universidade que era alemã, eles me olhavam surpresos e perguntavam como eu poderia vir da Alemanha. Alguns dos sobreviventes do Holocausto que vinham ao instituto tinham problemas de visão, e sempre que encontrava algum tempo, sentava-me e lia jornais e romances alemães para eles.

Mais tarde, quando descobri a história da minha família, fiquei feliz por ter lido para aqueles idosos. Não os ajudei porque me sentia culpada, mas simplesmente porque gostava de ajudar. Na época eu não imaginava que meu avô tinha assassinado pessoas como eles.

Duas senhoras vinham regularmente. Perguntavam sobre o meu curso e conversávamos sobre o cotidiano. Não ousei perguntar sobre a história delas, apenas falava alemão com elas e lhes contava sobre a Alemanha atual, tão diferente daquela que elas haviam conhecido.

Durante um evento no instituto Goethe, conversei com um israelense de 16 anos que me contou que estava aprendendo alemão na escola havia três anos. Eu o elogiei pela boa pronúncia. Então ele foi bem direto, me contando que quase toda a sua família havia sido assassinada nos campos de concentração. Primeiro fiquei calada, desconcertada, mas por fim, disse: "O mais importante é que podemos estar aqui, agora, sentados lado a lado e conversar."

Acredito que ele percebeu minha aflição. De qualquer forma, sorriu com gentileza e rapidamente me perguntou se eu já estivera em Berlim e se conhecia a banda de punk "Die Toten Hosen".

A mudança de assunto abrupta foi estranha, mas ao mesmo tempo característica da geração israelense mais jovem; para eles, a Alemanha equivalia ao nazismo, mas também ao presente. Eles me perguntavam sobre Boris Becker, Helmut Kohl e a reunificação. Naquela época, o Muro de Berlim tinha acabado de cair.



Nathan Durst, psicólogo e vice-presidente do AMCHA, o centro nacional de apoio psicossocial aos sobreviventes do Holocausto e seus familiares em Israel, vê diferenças entre a segunda e a terceira geração de descendentes das vítimas.

Muitos dos filhos das vítimas cresceram com o silêncio dos pais: "Alguns foram batizados com o nome de um parente assassinado. Apesar disso, muitos pais não falavam abertamente com eles sobre a experiência — para não trazer à tona os horrores, mas também pela vergonha e pela humilhação vivenciadas. Muitos sobreviventes se sentiam culpados por terem escapado da morte, enquanto seus parentes e amigos não." Segundo Durst, os membros da segunda geração relutam em aceitar ideia de reconciliação: "Os filhos dos sobreviventes tinham medo de se relacionar com os alemães, sentiam ódio e uma necessidade de vingança."

A terceira geração, por sua vez, via os alemães de forma diferenciada e fazia uma distinção clara entre passado e presente, como afirma Nathan Durst: "Com frequência, os avós conversam apenas com os netos sobre o período do campo de concentração, sobre as experiências que guardavam havia tanto tempo para si. Isso é benéfico para todos os membros da família; é mais fácil processar as coisas sobre as quais falamos."



Uma vez ao ano, acontece em Israel o Dia do Holocausto. Em todo o país tocam sirenes, e por dois minutos tudo fica em silêncio e as pessoas lembram das vítimas. Eu sempre ficava muito emocionada nesses momentos. Dessa lembrança silenciosa emanava uma grande força. Eu ficava lá, de pé, no meio dos israelenses, e participava do luto judeu.

Nas conversas com meus amigos israelenses da mesma idade, minha nacionalidade e meu passado não tinham qualquer importância. Noa e eu falávamos sobre questões do cotidiano e sobre a nossa faculdade. Nossa amizade vivia da leveza, dos assuntos típicos dos jovens de vinte anos; apostávamos qual seria a próxima das muitas admiradoras de Tzahi que acabaria na cama dele.

No início da minha estadia em Israel, ocupei-me intensamente com o nazismo. Naquele momento, o aqui e o agora ficavam em segundo plano. Durante o curso, o apartheid foi derrubado na África do Sul. Como eu também estudava africanismo, era um tema importante para mim.

Em meu curso de "Estudos do Oriente Médio", abordávamos os conflitos no Oriente Próximo e Médio. Diferentemente de muitos dos meus colegas, eu viajava com frequência aos territórios ocupados, para a Cisjordânia e para a Faixa de Gaza. Não queria ouvir apenas dos professores israelenses como viviam os palestinos, e sim falar com as próprias pessoas para fazer uma avaliação

realista da situação.

Fui para Gaza pela primeira vez com uma amiga que trabalhava lá para uma organização humanitária. Lembro-me de como fiquei assustada quando vi as casas e ruas miseráveis e arruinadas em Gaza. Por toda parte havia cartazes com a fotografia do presidente da Organização para a Libertação da Palestina, Yasser Arafat.

A situação nos acampamentos de refugiados era insuportável. Pessoas que não viam sua casa havia décadas ainda viviam lá em acomodações provisórias. Crianças corriam por toda parte, mas eu não via nenhum parquinho, nenhuma área verde, apenas poeira e desespero. Os palestinos com quem conversei sempre diziam: “A vida e a morte estão nas mãos de Deus.” Eu não me interessava pela questão da culpa, mas jamais consegui esquecer o sofrimento das pessoas.

Durante os quatro anos que passei em Israel, a situação política se intensificou. Certa manhã, eu estava num ponto de ônibus em Tel Aviv. Como toda a manhã, estava a caminho do instituto Goethe. O ônibus da linha cinco parou e os passageiros embarcaram. Peguei o ônibus de outra linha, que chegou logo depois. Vinte minutos depois, quando cheguei, soube de imediato o que acontecera, pois o instituto Goethe ficava ao lado do hospital Ichilov. Ambulâncias chegavam com as sirenes ligadas e luzes azuis piscando. Meus colegas no instituto haviam se reunido na frente da televisão e estavam assistindo às notícias de última hora: um atentado suicida lançara pelos ares o ônibus da linha cinco no centro de Tel Aviv. As imagens mostravam poças de sangue e o ônibus totalmente destruído pela bomba.

Eu sempre pegava aquele ônibus. Apenas naquele momento me dei conta de que, naquele país que não era o meu, eu poderia perder a vida.



Em outubro de 1994, com o ataque ao ônibus no bulevar Dizengoff, o terror chegou a Tel Aviv. O atentado abalou a cidade, considerada o símbolo da Israel cosmopolita. Vinte e duas pessoas morreram e 48 ficaram feridas.

Foi o primeiro grande ataque dos radicais islâmicos do Hamas após a assinatura do Acordo de Oslo. Em 1993 e 1994, o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin e o presidente da OLP Yasser Arafat acordaram por escrito a retirada do exército israelense da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Os acordos previam uma administração autônoma palestina e o fim da violência. Porém, as questões particularmente difíceis — os assentamentos judeus nas áreas ocupadas por Israel, o futuro de Jerusalém, o retorno dos fugitivos palestinos — foram excluídas e deveriam ser resolvidas posteriormente.

Em 1994, Rabin, Arafat e o ex-ministro israelense de assuntos exteriores Shimon Peres receberam o prêmio Nobel da Paz. Yitzhak Rabin prometeu em um discurso “parar com o derramamento de sangue centenário de uma vez por todas”.

Rabin foi atacado intensamente pela direita israelense radical por sua política. Ao mesmo tempo, as organizações islâmicas palestinas Hamas e Jihad tentavam destruir o processo de paz com ataques a bomba.

Em 4 de novembro de 1995, o extremista de direita israelense Jigal Amir assassinou a tiros Yitzhak Rabin num comício pela paz.

O primeiro atentado a bomba em um ônibus israelense lotado teve também outras consequências. A partir de então, não era mais possível andar de ônibus, entrar em um café, numa boate ou em uma galeria comercial em Tel Aviv sem medo de um ataque a bomba.

Com Yitzhak Rabin morreu também a esperança de paz no Oriente Médio até os dias de hoje.



Eu não contava com o ataque a Rabin. O luto tomou conta do país. Um israelense assassinara outro israelense; o perigo não vinha de fora, não vinha de Gaza, da Cisjordânia ou do Líbano, mas das próprias fileiras. O assassinato de Rabin mostrou como o país estava dividido.

Já há algum tempo minha visão sobre Israel havia mudado, e a euforia inicial cedera ao ceticismo profundo. Eu estava num país altamente armado, cercado por vizinhos hostis. Tomei consciência de como aquela nação era ameaçada, como o conflito no qual ela estava envolvida era indissolúvel e como a visão do mundo era unilateral quando se vivia ali.

Não lembro mais exatamente quando a depressão começou. Sei apenas que me dei conta em algum momento enquanto caminhava sozinha por Tel Aviv. Não estava mais feliz e relaxada, mas triste e introvertida. Eu não sentia alegria nem curiosidade, era como se uma parede tivesse se erguido entre mim e o meu entorno.

Mal conseguia respirar; parecia que alguém estava apertando a minha garganta.

Cada vez mais eu me retraía e não queria ninguém por perto. Saía de casa apenas quando não restava alternativa, para trabalhar ou estudar na biblioteca. Não falei com Noa e Anat sobre minhas preocupações. Não teria conseguido descrever a elas o meu estado.

O que estava acontecendo comigo? Não encontrei uma razão objetiva para a minha tristeza. Não sofria de saudades de casa, regularmente recebia visitas de amigos e da minha família adotiva. Havia também escolhido o curso certo na universidade, finalmente eu estava me ocupando com algo que me interessava.

Tentei muito, mas não conseguia explicar o meu estado. Eu me acusava sem parar. Vira como as pessoas eram levadas para os campos de refugiados palestinos. Eu, ao contrário, levava uma vida ótima e tinha tudo de que precisava. Por que não conseguia valorizar aquilo? Por que tudo era tão difícil para mim?

Pensei na possibilidade de minha tristeza não ter suas raízes no aqui e no agora, mas no passado.

Mal conseguia me concentrar em meu trabalho de conclusão de curso. Estudava e estudava, mas minha cabeça parecia ficar cada vez mais vazia.



A família adotiva de Jennifer a visitou nessa época em Israel. Seu irmão, Matthias, se assustou quando a viu: “Jenny estava totalmente esgotada. Fiquei preocupado com a vida dela lá, ela havia se dedicado com tanta veemência aos estudos, era obcecada por detalhes — como se quisesse nos provar algo com aquilo.” Matthias teve a impressão de que Jennifer queria mostrar finalmente aos pais que era capaz de se destacar: “Como se ela fosse valorizada apenas se produzisse os melhores resultados.”

Noa e Anat também perceberam que Jennifer não estava bem, mas ela não queria ajuda. Noa diz: “Por mais íntima que fosse a nossa amizade, Jennifer não se abria comigo.”



De algum jeito, consegui passar nas provas finais. Depois disso, convidei Noa, Anat e alguns amigos para jantar. Na manhã seguinte, fui embora do país.

Voltei para Munique e lá comecei uma terapia. Também trabalhava na redação da *Bayerisches Fernsehen*, a televisão bávara. Pouco depois do meu aniversário de 27 anos, sofri um colapso: durante uma conversa com a minha chefe, comecei a chorar e não consegui mais parar.

Depois do colapso, passava o dia todo na cama, com o cobertor puxado sobre a cabeça. Uma amiga me ligou, eu atendi e pedi para que ela me ligasse novamente dali a seis meses. Não queria ver ninguém, apenas ficar na cama e dormir.

Pessoas que nunca tiveram que lidar com a depressão não conseguem imaginar o que significa ser depressivo. Talvez achem que a depressão se pareça com uma oscilação de humor normal: por um tempo a pessoa não “se sente bem”, mas em algum momento o estado melhora.

Para mim, as coisas não melhoravam. Caí num buraco profundo. A dificuldade de respirar parecia cada vez mais ameaçadora, e eu lutava para conseguir ar, sentia que estava sufocando. Na pior fase, quis morrer. Nunca pensei seriamente em tirar minha vida, mas achava que um dia atravessaria a rua e seria atropelada por um carro.

Matriculei-me num curso de especialização na Escola de Economia de Londres e até consegui uma vaga, mas no estado em que me encontrava não pude ir até lá. Em vez de ir a Londres estudar, ia três vezes por semana para a terapia.

A primeira forma de terapia que escolhi foi a psicanálise clássica. Ficava deitada no divã e descrevia o que tinha acabado de vivenciar ou o que me tocava. Com frequência contava também coisas sobre o passado ou falava sobre os meus sonhos.

Durante as muitas horas com a minha terapeuta de Munique, a pergunta sobre a minha mãe sempre vinha à tona. A sensação de ter sido entregue e abandonada não havia desaparecido, eu tinha apenas reprimido esse sentimento.

De repente, a questão do meu pai começou a me preocupar.

Na escola, as outras crianças sempre quiseram saber de onde eu vinha e por que minha pele era tão escura. Eu lhes contava que meu pai era chefe de uma tribo africana, e que montava um elefante para andar pela selva. Mais tarde, dizia que meu pai era Idi Amin, o cruel ditador que governou Uganda na década de 1970. Era o único governante africano que eu conhecia quando criança. Eu achava que assim as crianças finalmente entenderiam que eu não queria falar sobre o assunto e me deixariam em paz.

Depois do meu *Abitur*, quando fui para Paris, caminhei por dias pelo bairro africano Goutte d’Or, no 18^e *arrondissement*. Batata-doce e raízes de mandioca eram vendidas no mercado, juntamente com peixes defumados que tinham a aparência de borracha ressecada, e vendedores ambulantes ofereciam amendoins e milho frito. As mulheres se vestiam com tecidos estampados extravagantes, carregavam os filhos nas costas e equilibravam as compras sobre a cabeça. Nos cabeleireiros, faziam as tranças. Uma barraca de feira ostentava uma bandeira do Togo.

De repente, a África estava ao meu lado.

Era um mundo estranho para mim, mas ao mesmo tempo parecia que eu havia chegado em casa. Gostava do ritmo colorido da música africana. Finalmente, ninguém se virava quando eu passava ou

me olhava de soslaio.

Na Alemanha, nós, negros, somos a minoria. Quando nos vemos nas ruas, acenamos levemente com a cabeça e nos cumprimentamos mesmo quando não nos conhecemos. A cor escura da pele cria uma afinidade.

No bairro africano em Paris, minha aparência de repente era algo natural. Pela primeira vez na vida eu não me destacava dos outros.

Herdei a pele escura do meu pai. Onde ele estaria morando? Quem era? E quem *eu* era?

Decidi procurar o meu pai, e fui até o serviço de proteção ao menor. Descobri que ele morava em um vilarejo na Alemanha.

Escrevi algumas linhas para ele, perguntando se gostaria de me ver. Poucos dias depois a resposta chegou. O papel que ele usara para escrever a carta era verde-limão, a caligrafia era irregular, e seu alemão era polido. Ele agradeceu pela minha carta e comentou que há muito havia esperado, e até mesmo ansiado, recebê-la. Disse que um grande peso fora retirado do seu peito. Queria muito me ver. Ele ficaria feliz em finalmente me conhecer e ficar a par de tudo o que lhe fora negado durante todos aqueles anos.

Combinamos um encontro num restaurante. Quando chegou, ele me deu uma rosa como cumprimento. Meu pai é nigeriano. Ele me contou que vinha de Umutu, uma pequena cidade no sudoeste da Nigéria, e que pertencia à tribo dos igbos. Os igbos são um povo da Nigéria, originalmente de silvicultores, e hoje em dia predominam os comerciantes, artesãos e funcionários públicos. A maioria é de fé cristã.

Ele me contou que foi um dos primeiros a, no fim da década de 1960, deixar o vilarejo. Quem quisesse ser alguma coisa na Nigéria se esforçava para conseguir fazer algum curso no Ocidente. Na época, a Nigéria estava sendo assolada por uma guerra civil.

Meu pai estudou na Alemanha, voltou para a Nigéria e trabalhou para o governo local. Contou que se desesperou com a corrupção; computadores destinados às escolas eram roubados pelos funcionários do ministério. Por fim, voltou para a Alemanha. Hoje é casado com uma alemã e tem outros cinco filhos, os meus meios-irmãos.

Quando nasci, ele queria que eu fosse criada pela minha avó africana, em Umutu. Ele contou que depois do nascimento me deu um nome africano: “Isioma”. Isioma é um nome igbo tradicional e significa “boa sorte”.

Ele me deu dois livros do escritor nigeriano Chinua Achebe, que li com muito gosto. Os livros descrevem a tradição africana e a crença dos igbo, que acreditam num poder superior chamado “Chi”, que determina a vida. As pessoas são acompanhadas pelo Chi. Se uma pessoa se desviar do caminho, seu Chi tentará reconduzi-la para o caminho correto; é o que explica Chinua Achebe.

Eu também me pergunto se a vida se reduz a uma sequência de acasos ou se existe uma força superior como o “Chi”, que nos conduz. Durante muito tempo, acreditei apenas no acaso, não no destino. Apenas após conhecer a história da minha família foi que meu pensamento mudou. Não somos totalmente livres em nossas decisões, acredito que parte do caminho da nossa vida é predefinida. Depois do encontro no restaurante, nossos caminhos se separaram; meu pai voltou para sua família e eu fui para Munique, para a minha antiga vida.

Quando criança, ainda convivi com a minha mãe, e por isso senti falta dela; mas o meu pai sempre foi um desconhecido. Eu tinha curiosidade de saber quem ele era e queria conhecê-lo para me entender melhor, mas nunca tive saudades dele, e isso não mudou com o nosso encontro. Ele continuou sendo um estranho para mim.

Visitei-o mais uma vez, ele havia me convidado para ir à sua casa. Conheci sua família, sua esposa e seus filhos. Reconheci o esforço que meu pai fez por mim, mas eu era incapaz de lidar com tantas pessoas estranhas ao mesmo tempo. Tivemos uma despedida amigável. Depois disso, ficamos muito tempo sem nos ver.

Alguns meses depois do encontro com o meu pai, me mudei para Hamburgo. Um amigo me contara sobre o maravilhoso mundo da propaganda, e eu queria escapar do peso dos temas políticos. Um emprego numa agência criativa prometia mais leveza. Nesse meio-tempo, eu me senti psicologicamente estável, o suficiente para retomar um trabalho regular.



Na foto de candidatura para a vaga de estágio em Hamburgo, Jennifer Teege usava uns óculos de sol imensos e uma blusa de alça. Ela anexou uma série de ideias para comerciais e anúncios, além do diploma do primeiro ano de escola: “Jennifer se dá bem com a turma.”

A agência aceitou sua candidatura. Ela havia escolhido o momento certo; era fim da década de 1990, e a Nova Economia ainda estava em ascensão. Na agência, novas pessoas eram contratadas todos os meses, pois havia muito trabalho.

Cabeleireiros e massagistas vinham até o escritório, e pela manhã havia café da manhã para todos. Por volta das nove da manhã começava o expediente, e quem saía às 18 horas do escritório era questionado: “Vai trabalhar meio período hoje?”



No primeiro dia do meu estágio na agência de Hamburgo, um homem alto com voz grave me abordou no corredor: "Você é nova aqui?" Era o chefe da agência, Götz. O homem da minha vida.

Recém-apaixonada, eu ficava sentada em um loft no centro de Hamburgo, criando campanhas de internet para bancos, marcas de cigarro, carros e móveis.

No início, o trabalho me dava prazer. A atmosfera era tranquila e todos sempre estavam bem-humorados. As campanhas de marketing para produtos tão diversos me deram a oportunidade de finalmente explorar minha curiosidade pelas pessoas. Sempre conversei com as pessoas ao meu redor para descobrir como viviam, em que tipo de camas dormiam, quais sofás preferiam, onde passavam suas férias ou com que produtos lavavam a pia do banheiro.

No entanto, depois de um tempo, os problemas do passado ressurgiram. Eu ainda não tinha controle total sobre a depressão. Ela apenas não me acompanhava o tempo todo, e por isso vinha em ondas.

Em algum momento, cada novo trabalho me causava pânico. Por dias a fio eu apenas diagramava textos antigos no computador. Uma vez, usei um atestado médico para me afastar do trabalho por um período breve, por infecção gripal.

Eu não podia dizer a verdade. No mundo da propaganda, a fachada perfeita é necessária. Ninguém falava sobre problemas psicológicos, pois eles impedem a criatividade. Logo me senti pressionada. Mas ninguém percebia nada, pois eu conseguia me ajustar muito bem. Na época, eu participava de um grupo de terapia semanal. Nas noites de reunião eu sempre fugia do trabalho com alguma desculpa.



Götz Teege é um homem tranquilo e ponderado, que não fala muito. Sobre a mulher, Jennifer, ele diz: "Foi amor à primeira vista. Ela me inspira." Götz Teege, que vem de uma família estável com quatro irmãos, tentou compreender como Jennifer foi criada: "Seu problema principal é que ela aprendeu que não pode confiar em ninguém." Apesar da infância difícil, sua mulher tem uma "força monstruosa": "Isso me fascinou nela; quando algo ia mal, ela lutava para sair do fundo do poço. Ela queria entender, ir à fundo nas questões. Sempre teve a sensação de que havia algo que ela não sabia. Algo que precisava descobrir para assumir o controle sobre a própria vida."



Meu relacionamento com Götz ficou sério. Logo começamos a falar sobre filhos. Ele era sete anos mais velho que eu e já tinha dois filhos do primeiro casamento, e, por isso, não tinha certeza no início se queria ser pai novamente. Se ele não quisesse mais filhos, nosso relacionamento teria terminado. Nunca me passou pela cabeça uma vida sem filhos. Com 32 anos tive meu primeiro filho; dois anos depois, o segundo.

Tentei dar aos meus filhos tudo o que não tive durante tantos anos: afeto, segurança e normalidade.

O mais importante que quero lhes dar hoje é uma autoestima estável. Não quero que, mais tarde, tenham que conquistá-la de forma tão árdua como eu tive, em centenas de horas de terapia.

No início, tive grandes dificuldades de deixar meus filhos com outra pessoa. Não tinha coragem de me despedir deles. Quando a babá vinha, eu fugia para poupá-los da dor da despedida.

Hoje eu faria diferente, pois aprendi que uma despedida rápida e uma separação curta são suportáveis para as crianças. Muito pior é não se despedir; quando a mãe some de repente, a confiança da criança é abalada.



O irmão de Jennifer Teege, Matthias, percebe que a irmã fica muito preocupada e tensa no convívio com os filhos: "Ela protege muito os filhos, talvez até demais."

Matthias acredita que a própria Jennifer exige demais de si mesma: "Em Israel, ela quis ser a aluna perfeita. Agora, quer ser a mãe perfeita."

A imagem de mãe que Jennifer tem é a de uma mulher que cuida dos filhos 24 horas por dia: "Ela tenta lhes dar a infância que nunca teve. Tenta ser a mãe que gostaria de ter tido."

Depois do casamento com Götz Teege e do nascimento dos filhos, a depressão se atenuou e cedeu a uma tristeza que era mais fácil de suportar. Sua vida parecia equilibrada — até que, aos 38 anos, ela encontrou o livro sobre a mãe.

De repente, Anat e Noa não tiveram mais notícias dela. Anat diz: "Mantínhamos um contato regular, mas de repente ele foi interrompido. Jennifer não entrou em contato durante meses. Noa e eu ficamos muito preocupadas e mandamos e-mails: 'O que está acontecendo? Por favor, escreva.'"



Não consegui entrar em contato com Noa e Anat após descobrir o livro sobre a minha mãe.

Primeiro, precisava de tempo para me recuperar do choque.

Quando estava pronta para encarar minhas amigas em Israel, percebi como aquilo era difícil para mim. Parecia-me que, durante todos aqueles anos, havia levado uma espécie de vida dupla. Como se eu tivesse traído minhas amigas e todas as pessoas ao meu redor.

Ná época, não sabia nada sobre o segredo da minha família, mas mesmo assim eu sentia remorso.

O que mais temia era contar tudo para Noa. Eu não sabia como ela lidaria com aquilo. Ela levava muitas coisas muito a sério.

Noa tinha perdido parentes no Holocausto? Durante o nosso período como estudantes em Israel, conversamos sobre esse assunto. Eu sabia que nenhum parente próximo dela havia sido assassinado, mas não sabia se existiam parentes mais distantes afetados pelo Holocausto. Teria alguém sido assassinado em Plaszow? Não consigo lembrar se, na época em Israel, ela havia mencionado alguma coisa.

Eu poderia ter contado minha história para Anat, ela não se deixa abalar facilmente. Mas eu queria falar primeiro com Noa.

Por isso não entrei em contato com nenhuma das duas amigas. Respondia aos e-mails apenas esporadicamente.

Na festa do Ano-Novo judaico, Noa sempre me enviava fotos de sua família. Às vezes ela entrava em contato também em outras festas judaicas ou em outras ocasiões familiares. Eu respondia apenas com frases curtas e secas.

Não nos vimos durante três anos. Noa avisou que gostaria de ir à próxima *Berlinale*, o festival anual de cinema em Berlim. Ela havia se tornado roteirista em Israel. Sempre que Noa vai à *Berlinale*, tentamos nos ver, e os nossos encontros lá são um ritual fixo. Daquela vez, não respondi — se eu não fosse para Berlim, ela certamente pensaria que eu a estava evitando por um motivo qualquer.

No entanto, eu não podia ir até o festival de cinema e conversar com Noa sobre assuntos irrelevantes. Eu não podia, nem queria mentir para ela quando me perguntasse: “O que está acontecendo?” Nós nos conhecemos demais para isso.

Na *Berlinale* seria exibido um longa metragem baseado num roteiro de Noa sobre um menino autista. Meu antigo colega de república, Tzahi, fazia o papel de um dos protagonistas.

Eu sabia quanto tempo Noa levava para escrever o roteiro. Ela havia trabalhado anos a fio naquele filme, e sempre me mantinha a par de seu projeto. Ela me convidou e queria que eu estivesse ao seu lado em Berlim. Seria o seu grande momento. Eu queria compartilhar esse momento e não estragá-lo com a minha história.

Certa vez, cometi o erro de contar a história da minha família para uma amiga durante um aniversário. A amiga ficou realmente abalada com aquilo e não conseguiu aproveitar mais a festa.

Escrevi um e-mail longo para o marido de Noa, Yoel, e contei para ele a difícil situação na qual eu me encontrava. Descrevi para ele que precisava contar algo muito sério a Noa, mas não queria que fosse na *Berlinale*. Então, escrevi minha história inteira e pedi que ele contasse para Noa. Perguntei quantos parentes Noa e ele haviam perdido no Holocausto e se alguém teria morrido em Plaszow.



Yoel respondeu: “Todos nós perdemos alguém. O Holocausto está no nosso DNA, ele é o motivo pelo qual estamos aqui. Mas o que você pode fazer quanto a isso?”

A Berlinale é um momento importante para Noa, e você não irá estragá-lo. Ela quer tanto rever você, ela sente sua falta. Tenho certeza de que ela ouvirá a sua história e ajudará do jeito que puder. Não precisa poupá-la. Agora é você que precisa de apoio e proteção, não ela. Noa sempre será sua amiga, nos momentos bons e ruins.”

Yoel e Noa estão sentados em seu apartamento, no centro de Tel Aviv, quando eles contam a história de suas famílias. A família do pai de Noa vivia nos Estados Unidos quando Hitler chegou ao poder, estavam seguros. A família da mãe de Noa vinha da Polônia e da Rússia.

No início da guerra, sua avó materna morava na cidade de Stolin, na Bielorrússia. Durante a Segunda Guerra, Stalin a deportara para a Sibéria. Seus pais, os quatro irmãos e os filhos ficaram para trás e foram mortos pelos alemães com centenas de outros judeus durante um massacre.

Os parentes do avô materno de Noa foram assassinados na antiga Polônia, no gueto de Pinks. O irmão do avô morreu no campo de concentração de Majdanek, próximo a Lublin.

O marido de Noa também perdeu parentes na Polónia. Ele se lembra de como ele e os amigos, ainda crianças na década de 1970, ficavam espantados com um vizinho que tinha um fusca; esse vizinho estivera no campo de concentração — e dirigia um carro alemão!

Isso foi há muito tempo. Agora Yoel ri e aponta para o seu fogão: “Siemens!”

No vilarejo natal de Yoel também havia casais que adotaram filhos, porque não podiam ter

descendentes após os maus tratos e os experimentos médicos aos quais haviam sido submetidos nos campos de concentração. Pessoas com traumas graves que sempre viveram com medo de que seus filhos adotivos um dia desaparecessem ou que alguém pudesse levá-los embora.

Yoel contou com toda cautela à sua mulher o que estava escrito no e-mail de Jennifer. Noa diz que para ela foi um choque: “Nunca na vida eu tive tanta intimidade com um parente próximo de um criminoso nazista.” Noa tem outros amigos alemães, e ela se perguntava o que seus avós haviam feito durante a guerra.

Por que ela nunca os perguntara? “Primeiro eu não me sentia segura em fazer perguntas sobre os avós deles. Depois as coisas ficaram tão distantes. Se temos amizade com alguém, não discutimos se os avós dessa pessoa denunciaram ou assassinaram um dos nossos. No caso de Jenny, isso é especialmente óbvio; ela e Amon Göth — eu nunca teria relacionado um ao outro!”

Noa tem certeza: “Foi o destino que me fez encontrar Jenny quando jovem. Nossa amizade não teria sido possível se eu soubesse que o avô dela era comandante de um campo de concentração. Como ela poderia se aproximar de mim com esse fardo, com essa bagagem cheia de culpa? Como eu poderia encará-la de um modo imparcial?”

Tudo teria sido muito complicado, como uma amizade forçada, que tenta “abraçar o outro sobre túmulos”.

Hoje, Noa diz que consegue lidar com a história de Jennifer. Ela a conhece há vinte anos e vê em Jennifer apenas a amiga, não a neta do nazista: “Eu disse para ela: esqueça Amon Göth. Você é a Jenny! Venha, por favor!”



Estou de volta a Israel, na casa de Noa. Ela se mudou, e precisei primeiro procurar o apartamento. Depois de nos abraçarmos e de ela ter me mostrado os novos quartos, sentamos na sacada ao sol para conversar e observar o vai e vem das ruas. Uma amizade mais bonita ainda, porque não há mais nada entre nós.

Algumas semanas atrás, eu estava sentada ao lado de Noa, no escuro, quando partes do seu filme foram exibidas na *Berlinale*. Foi tudo como eu imaginara: compartilhamos aquele momento importante.

Em Tel Aviv, o filme está sendo exibido no *Dizengoff Center*, no centro da cidade. À noite, voltamos juntas ao cinema para ver o filme inteiro. O filme se chama *Mabul* [O dilúvio]. Na tela, vemos Tzahi como pai. Gosto da história sobre a família com filho autista. Mostra como é importante permanecermos juntos também nos tempos difíceis e não desistirmos.

Em seguida, Noa e eu vamos a um café. Conversamos sobre tudo que já passamos juntas. Estamos mais próximas do que nunca. Não há nada mais a esconder agora, tudo está bem.

Depois de uma viagem rápida a Jerusalém, vou para Eilat. Quero encontrar Anat. Pedi que Noa explicasse tudo para ela.



Anat chora quando ouve a história de Jennifer.

Ela vê diante de si aquela imagem do filme *A lista de Schindler*: o homem na sacada, que atira em pessoas por diversão. O avô de Jennifer.

Anat parou de ver o filme quando chegou à cena da sacada. Ela não aguentou.

Quando Anat mostra as antigas fotos amareladas da sua família, repete o tempo todo: “Este foi morto a tiros, esse foi para a câmara de gás...”

A família da mãe de Anat viera da Polônia. Os bisavós de Anat e um tio possivelmente foram mortos em Sobibor — um campo de extermínio polonês no qual Amon Göth foi lotado por um tempo, antes de chegar a Cracóvia.

O pai de Anat era um judeu alemão de Hannover, e foi para Israel pouco antes da tomada de poder de Hitler. Os parentes que permaneceram na Alemanha foram todos mortos.

Certa vez, depois da guerra, seu pai foi para a Alemanha e voltou dizendo aos filhos: “Continuam os mesmos, eles não mudaram em nada.”

O pai de Anat odiava os alemães, e odiava Deus porque Ele havia permitido tudo aquilo. Anat cresceu com um homem velho e amargurado ao seu lado. Entretanto, pouco antes de sua morte, ele de repente começou a assistir à televisão alemã, e queria ouvir apenas alemão.

Jennifer e Anat estão sentadas lado a lado na varanda da casa de Anat, no kibutz Eilat. Anat fez chá de hortelã fresca e pôs tâmaras sobre a mesa. Está descalça, como a maioria das pessoas ali, os cabelos loiros na altura do pescoço estão despenteados, e ela veste uma camiseta surrada.

As crianças correm pelos gramados bem-cuidados. Hoje, famílias jovens se mudam para o kibutz, porque lá os filhos podem crescer protegidos e próximos à natureza com crianças da mesma idade. Ainda há creches para crianças, mas os filhos vivem na casa dos pais. Anat diz que não estaria com Alon no kibutz se os filhos ainda fossem criados na “casa das crianças”, como aconteceu ainda com o seu marido.

Hoje em dia, o kibutz Eilat lembra uma vila alemã, com seu conjunto de casas, risos de crianças e miados de gatos, e todos os moradores se conhecem. Mas o espírito ali ainda é outro: nenhuma cerca, nem mesmo uma cerca-viva separa os terrenos, e todos entregam seus salários e lucros para a comunidade, a riqueza não fica reservada a poucos.

Jennifer Teege viera pela estrada do deserto para lá, passara por assentamentos de beduínos e por placas que alertavam sobre camelos nas vias. Quanto mais demorava a viagem pelo deserto de Negev, mais relaxada ela parecia ficar.

Ela precisou de muito tempo para percorrer aquele caminho. Deixara a Cracóvia para trás e também um pequeno vilarejo na Baviera.

Jennifer e Anat seguram a mão uma da outra, e Jennifer acaricia a mão de Anat. Anat está usando os imensos óculos de sol de Jennifer — um modelo sofisticado que não fica bem na israelense. “Com isso vou ser a estrela do kibutz”, diz Anat e ri.

O filho mais velho de Anat está com 17 anos agora — quase a mesma idade de Anat e Jennifer quando elas se conheceram. As aulas de história de Kai nos últimos dois anos letivos foram, em grande parte, sobre o Holocausto. Anat diz que o filho estava agora com muita raiva dos alemães.

Logo, Kai partirá para uma excursão da escola por diversos campos de concentração — programa obrigatório para a juventude israelense. Anat gostaria que Jennifer os acompanhasse, que uma alemã com aquela história especial estivesse lá quando a classe de Kai visitasse Plaszow.



Ainda não sei se quero acompanhar Kai e seus colegas de classe. Na verdade, prefiro olhar para frente, não para trás.

Passeamos pelo kibutz e Anat me mostra as novas hospedarias. Da próxima vez, quero vir com meu marido e meus filhos. Sempre quis viajar para Israel com a minha família — mas apenas quando os meus filhos estivessem grandes o suficiente para entender esse país tão complexo.

Despeço-me dela com um abraço: “Anat, minha querida amiga.”

Capítulo 6

Flores em Cracóvia

“Toda pessoa gostaria de descobrir quem realmente é.”

— Terapeuta de muitos anos de Jennifer Teege,
na Clínica Universitária de Eppendorf

O que é a família? Aquilo que herdamos ou aquilo que compartilhamos uns com os outros?

Descobri o livro sobre a minha mãe há exatamente quatro anos. Há cerca de três anos estive pela primeira vez em Cracóvia.

Quando viajei para a Polônia naquela época, havia chegado ao fundo do poço na minha vida. Depois de ler o livro sobre a minha mãe, tudo veio à tona novamente: as feridas da infância, a sensação de não saber quem realmente sou, a tristeza que lançara suas sombras sobre a minha vida inteira até então.

Toda pessoa quer saber de onde vem, quem são seus pais e avós. Quer contar uma história completa sobre si, com começo, meio e fim. Pergunta-se: o que há de único em mim, o que me torna especial?

O livro foi a chave para tudo, a chave para a minha vida. Ele finalmente revelou o segredo da minha família, mas a verdade que naquele momento se revelou para mim foi terrível.

Fora para Cracóvia para me aproximar da figura poderosa de Amon Göth e entender por que ele destruiu a minha família.

Por ocasião da minha visita, há três anos, não ousei revelar minha identidade verdadeira à turista judia que encontrei por acaso. Na época, também não quis dizer aos meus amigos de Israel quem eu era.

Isso passou. Volto para Cracóvia para encontrar minha amiga Anat e seu filho Kai. Anat também vai para a Polônia — é normal que as turmas de estudantes venham acompanhadas não só por professores, mas também por alguns pais. No dia seguinte encontrarei a turma de Kai e contarei a minha história. Como os estudantes vão reagir?

Quando contei minha história para Anat, durante minha visita a Israel, ela me pediu que acompanhasse os jovens israelenses na excursão a Plaszow. Primeiro, não tive certeza se eu queria realmente dar aquele passo, mas não revelei minhas preocupações a Anat. Minhas dúvidas não tinham nada a ver com ela. Eu estava decidida a não falar com regularidade sobre o período nazista. Não porque eu considere isso errado; acho bom que os descendentes dos criminosos demonstrem uma compreensão crítica do passado, mas eu mesma não gostaria de transformar o nacional-socialismo no tema único da minha vida.

Voltei meu foco para outro lugar. Existem muitíssimos temas que merecem nosso engajamento, e eu não sou especialista em Holocausto.

Mesmo assim, decidi atender ao pedido de Anat. Afinal, não era uma turma escolar qualquer com a qual eu deveria me encontrar, mas a classe de Kai, filho de Anat, com ela ao meu lado.

Também achei que o encontro comigo poderia ser interessante para a turma. Nem pensei muito no efeito que o encontro teria sobre mim. Não tinha nenhuma expectativa e queria simplesmente deixar a viagem acontecer.

Chego exausta ao aeroporto de Cracóvia. Tive pouquíssimo tempo de preparação para o encontro com os alunos. De fato, queria relembrar vocábulos para fazer uma introdução em hebraico no dia seguinte, mas não tive tempo nem de pensar nisso.

Venho direto do leito de morte do meu pai adotivo. Poucas horas atrás, ele faleceu no Hospital dos Irmãos Samaritanos, em Munique. Começou como um câncer de próstata, e no fim as metástases haviam se espalhado por seu corpo inteiro.

Pego um táxi no aeroporto de Cracóvia e sigo para a cidade. O dia já está clareando. Os últimos dias no hospital passam diante dos meus olhos.

Em pensamentos, ainda estou sentada ao lado da cama de Gerhard. Nas últimas duas semanas, vivenciei o que significa morrer. Até então eu conhecia a morte apenas de uma perspectiva abstrata.

Nunca havia acompanhado alguém até a morte.

Dentro de poucos dias, uma pessoa se despede. O corpo se deteriora, passo a passo. O caminho até a morte consiste de muitas fases pequenas. É um processo e, no fim, tudo é tirado da pessoa.

Quando um parente próximo morre, as pessoas também reavaliam a própria vida. A própria mortalidade, que todos costumam ignorar, de repente se torna muito presente.

Quando Gerhard chegou ao hospital, ele ainda conseguia comer sozinho, e erguia-se por uns instantes da cadeira de rodas. No começo, também conseguia beber sozinho, depois, apenas com um

canudinho, e no fim não conseguia nem mais fazer isso. Recebia transfusões e precisava da ajuda de aparelhos para respirar. Ele não quis que a sua vida fosse prolongada artificialmente.

No começo, eu buscava sorvete para ele, e perguntava quais sabores queria. Ele respondia: morango, manga e limão. Mal podia comer, mas o sorvete lhe dava um pouquinho de prazer.

No penúltimo dia, ele mal conseguia falar. Perguntei novamente pelos sabores do sorvete, e ele não conseguia se decidir. Trouxe para ele um sorvete de limão e lhe dei cuidadosamente com uma colher. Tentou saboreá-lo uma última vez. Sua boca estava tão seca e o seu rosto tão emaciado, que parecia a Madrinha Morte, dos contos dos irmãos Grimm.

Volta e meia, Gerhard queria se sentar, para facilitar sua respiração. No entanto, os médicos nos disseram que não podíamos deixá-lo se sentar, pois isso aumentava o risco de um colapso. Então, ele ficava deitado, com olhos pidões, querendo que nós o levantássemos. Ficava sentada diante dele, desesperada. Sentar-se significava para ele um restinho de independência. Eu teria feito essa pequena vontade dele, mas não foi possível. Em algum momento ele desistiu e ficou lá, deitado e quieto, de olhos fechados.

No hospital, todas as pessoas próximas de Gerhard se reuniram. Sempre havia alguém com ele; durante a noite, Inge fazia a vigília; durante o dia vinham meus irmãos, amigos e parentes, além de mim com o meu marido e os meus dois filhos.

A única coisa que importava naquele momento era a morte de Gerhard, todo o resto estava muito distante. Na mesma medida em que o paciente fazia sua transição para a atemporalidade, para um mundo intermediário obscuro, todos nós, seus acompanhantes, perdíamos a noção de horas e dias.

Gerhard ainda teve tempo para se despedir dos amigos e parentes, conseguiu dizer adeus em plena consciência. Um presente.

Nós nos perguntávamos se Gerhard resistiria até o seu aniversário de setenta anos. Aquele tinha sido seu último desejo, comemorar seu aniversário no seio da família.

Na manhã do seu aniversário, nós todos nos reunimos no hospital. A filha do meu irmão Manuel fizera um bolo.

Gerhard abriu os olhos rapidamente. Quase não lhe restava consciência, mas percebeu que todos estavam lá. Acredito que para ele foi um bonito aniversário e uma bela despedida. Ficamos o dia todo ao lado do seu leito, revezando-nos. Eu sabia que ele morreria em breve, e ele também sabia.

Pouco depois de eu ter deixado a clínica, Gerhard faleceu.

Três horas depois, eu estava dentro de um avião.

Três anos antes, eu quis começar minha viagem a Cracóvia de qualquer maneira, embora tivesse sofrido um aborto pouco antes. Daquela vez também não me passou pela cabeça a ideia de cancelar a viagem.

Minha visita à Polônia tinha sido planejada havia muito tempo, o voo para Cracóvia estava reservado havia semanas e costumo cumprir as minhas promessas.

O táxi para diante de um grande hotel no bairro de Podgorze, o ex-gueto judeu de Cracóvia. Pela manhã encontrarei Anat e Kai, a turma de Kai e seus professores.

Quase um ano se passou desde meu último encontro com Anat e Kai, em Israel. Estou ansiosa por revê-los.



Plaszow é a penúltima parada dos alunos israelenses em sua viagem pela Polônia.

Nos últimos dias eles visitaram o antigo gueto de Varsóvia e o antigo campo de concentração de Treblinka, ao norte de Varsóvia. Limparam a sujeira e as folhas de túmulos judeus e conversaram com Zvi, sobrevivente de Auschwitz, um simpático idoso israelense que há anos acompanha excursões escolares para a Polônia.

Na antiga estação de trem de Łódź, os alunos embarcaram em um antigo vagão de gado com o qual judeus e ciganos senti e roma foram deportados do gueto de Łódź para os campos de concentração. O vagão era apertado e escuro. Os jovens tentaram sentir como os prisioneiros judeus se sentiram ali. Uma menina israelense começou a tremer muito.

Os alunos visitaram o campo de Chelmno. Em seguida, foram para Lublin e para o campo de concentração de Majdanek. Depois, para o antigo gueto de Tarnow e o campo de concentração de Belzec. Um dos alunos escreveu no diário da turma: "Grande parte da minha família foi assassinada aqui. Parece que as câmaras de gás, os barracões e o crematório foram construídos ontem. Cheguei em um ônibus com ar-condicionado; meu avô, em um vagão de gado quente e superlotado, sem comida e bebida. Levei algumas horas para fazer o percurso; meu avô, três dias e três noites. Estou aqui com muitos amigos, meu avô estava sozinho. Fiquei algumas horas, meu avô até o verão de 1944. Aqui, na Polônia, vejo as lembranças do meu avô diante de mim. Ele sobreviveu e pôde me contar tudo. Eu nunca o esquecerei."

Outro registro: "A minha avó nunca escapou totalmente do campo de concentração. Sempre ficava inquieta e tinha um medo constante de perder novamente o controle sobre sua vida. Ela planejava e preparava tudo com muita antecedência, enchia sem parar a geladeira e os armários. Eu nunca a vi sentada, descansando."

Após completarem metade da viagem, os alunos receberam as cartas que seus pais haviam

deixado para eles com os professores. Nelas, mães e pais consolavam os alunos e pediam para que eles não se desesperassem diante dos locais horrendos. Muitos alunos irromperam em lágrimas quando leram as cartas. Agora, no diário da turma, escreveram: “Cada dia aqui parece uma semana. Sinto muita saudade dos meus pais, da minha casa.”

Continuando a viagem, os alunos caminharam pela floresta, para onde os prisioneiros fugiram após a revolta fracassada no campo de concentração de Sobibor.

Na sequência, Markowa, o vilarejo no sudeste da Polônia, onde uma família de camponeses poloneses escondeu duas famílias judias em seu quintal. Quando os alemães descobriram os judeus, eles foram assassinados a tiros, assim como seus salvadores poloneses, o casal de camponeses e os seis filhos pequenos.

Um aluno escreveu no diário: “Não quero mais ir para o exército. Sim, eu preciso defender meu país, mas não é isso que pensa todo soldado? Os alemães também devem ter pensado isso.”

Uma aluna escreveu: “Como esses homens acordavam pela manhã, tomavam seu café, beijavam mulher e filhos e depois iam para o trabalho — um trabalho que consistia em humilhar e matar outras pessoas?”

Quando os alunos chegam a Cracóvia, estão exaustos. Até então, viram pouco do país em si. Para eles, a Polônia é, principalmente, um amontoado de campos de extermínio.

A lembrança é um dos valores centrais no judaísmo. “Zachor” — Relembre! Recorde! — está escrito na Torá. Contudo, a lembrança do Holocausto e de suas vítimas transformou-se com o passar dos anos, desde a fundação do Estado de Israel, em 1948.

Até 1949, cerca de 350 mil sobreviventes da Shoa foram para Israel. Eles foram recebidos com reservas. Eram vistos como “cordeiros que se deixaram conduzir ao matadouro”, assim descreve o historiador israelense Moshe Zimmermann. Para construir o jovem Estado de Israel, precisavam de heróis e combatentes, não de vítimas.

O trauma dos sobreviventes era, ao mesmo tempo, um tabu: a opinião pública israelense quase não falava sobre o sofrimento deles.

O jornal israelense Ha'aretz chegou a publicar o seguinte: “Precisamos encarar os fatos. Os poucos que restaram de nós na Europa não pertencem de forma alguma ao melhor que o povo judeu tem a oferecer.” O historiador Tom Segev analisou que “os judeus na Palestina foram tomados pela ideia fixa de que apenas os piores elementos podiam sobreviver ao campo de concentração, ou seja, aqueles que roubavam o pão do outro e cometiam outros delitos. Os bons, ao contrário, haviam sido todos mortos.”

O divisor de águas foi o processo contra Adolf Eichmann em Israel, em 1961. Eichmann fora responsável pela deportação dos judeus europeus. No processo contra ele, o procurador-geral israelense não apresentou apenas os autos e documentos, mas chamou as testemunhas da época para que falassem pela primeira vez em público sobre suas dores e aflições. Segundo a interpretação de Tom Segev, o processo “remiu toda uma geração de sobreviventes” e serviu como “uma espécie de terapia em grupo nacional”.

A lembrança da Shoa transformou-se em uma missão nacional, um elemento central fundador da identidade do Estado de Israel, que até hoje não perdeu sua relevância. Educadores em jardins de infância israelenses e nas pré-escolas, bem como professores nas escolas, são encorajados a transmitir conhecimentos adequados à idade sobre a Shoa.

O ministério de educação israelense também criou um conceito para as excursões escolares. Desde 1988, dez mil alunos participaram das viagens para a Polônia. Os jovens são preparados durante muito tempo para as excursões, mas a participação não é compulsória. Anat discutiu com outros pais se deveriam expor os filhos ao horror, e alguns se opuseram à viagem.

Anat não temia que seu filho pudesse voltar temeroso e perturbado da Polônia: “Eu temia muitos mais que no fim ele odiasse os alemães e se visse apenas no papel do perseguido.”

No ônibus, viajando para Cracóvia, os alunos assistem mais uma vez ao filme A lista de Schindler. O ator Ralph Fiennes, na pele de Amon Göth, o assassino cruel, estará muito presente quando ouvirem a história de Jennifer Teege em Plaszow.

Por isso, Anat insistiu tanto que sua amiga Jennifer viesse até Plaszow: “É muito simples odiar Amon Göth. Se os alemães e os seus aliados se transformaram em assassinos, nós também podemos nos transformar em assassinos. Se os alemães fizeram vista grossa, isso pode acontecer conosco também. Espero que meus dois filhos sempre se lembrem disso. Que vejam os palestinos mais como pessoas, e não como inimigos.”

Quando os jovens israelenses entram no hotel em Cracóvia, são acompanhados por três seguranças: um guarda-costas veio de Israel com eles, dois policiais poloneses dão apoio em Cracóvia. Eles estão em alerta, pois quatro dias atrás houve um atentado suicida na Bulgária em um ônibus com turistas israelenses. Suspeitam que foi uma ação da milícia libanesa Hezbollah.

Os seguranças inspecionam o ônibus de viagem da turma israelense antes de cada embarque, e verificam com antecedência cada alojamento. O hotel em Cracóvia satisfaz todas as exigências de segurança; cada andar pode ser acessado apenas por uma porta, que só pode ser aberta com um cartão. Os quartos dos israelenses ficam todos em um andar.

Depois de se alojarem em seus quartos, os jovens se reúnem no saguão do hotel, e acomodam-se nos sofás claros e modernos entre palmeiras artificiais. Os rapazes e as garotas sussurram e dão

risadinhas, e querem se encontrar secretamente nos quartos mais tarde, como em uma excursão escolar totalmente comum. É possível reconhecer os jovens que vivem em kibutzim, eles andam descalços pelos corredores de ladrilhos escuros no saguão chique do hotel. Alguns homens em ternos elegantes os observam irritados.

Kai também está descalço. Ele é o único do grupo de estudantes que sabe que Jennifer Teege estará em Plaszow. Além dele, apenas os pais e professores acompanhantes foram informados.



Quando chego a Cracóvia, já é noite. No dia seguinte, encontrarei o grupo de israelenses no centro da cidade.

Anat e eu nos abraçamos por um bom tempo.

A turma já visitou o antigo gueto em Podgorze e o bairro judeu de Kazimierz com suas sinagogas. Agora, pela primeira vez desde o início da viagem, os alunos têm um pouco de tempo livre para passear no centro de Cracóvia. Na histórica praça do mercado, a Rynek, compram lembranças e presentes para seus parentes em casa. Em seguida, visitarão o memorial de Plaszow.

Anat e eu aproveitamos o tempo livre dos alunos e nos sentamos num café mais afastado. Conto a ela sobre a morte de Gerhard, e ela me agradece por eu ter vindo mesmo assim. Digo a ela que na manhã seguinte já voltarei para Munique, para preparar o enterro dele com a ajuda de Inge e dos meus irmãos. Também quero me despedir de Gerhard, quero vê-lo na antessala do crematório antes da cremação do corpo.

Anat se comove. Conhecia Gerhard, encontrou-o em sua visita a Israel e no meu casamento. Anat diz que achava meu pai adotivo simpático. Apenas as discussões sobre o nacional-socialismo, nas quais havia insistido, tinham-na deixado um pouco nervosa.

Mesmo no leito de morte, os pensamentos de Gerhard giravam em torno do Holocausto. Ele queria falar comigo sobre Adolf Eichmann, tinha lido alguns livros sobre o processo contra o nazista.

Durante muitos anos, Gerhard se dedicara intensamente ao tema do nacional-socialismo. Ele pesquisava, lia fontes históricas e comparava números de vítimas. E quando acreditava ter descoberto imprecisões ou contradições, aprofundava suas pesquisas.

Ele mergulhava de cabeça no tema. Na família, o assunto não ocupava tanto espaço, mas gostava de discuti-lo com amigos — com tanta veemência que algumas amizades se romperam por causa disso.

Antes da sua morte, sugeri que ele se reconciliasse com alguns desses amigos, mas ele não quis se desculpar. Meus irmãos e eu simplesmente não conseguíamos entender por que ele foi tão intransigente até o fim.

No hospital, também falou sobre Amon Göth. Citou Dostoiévski e perguntou se o ser humano é mau. Discutimos as teses de Alexander e Margarete Mitscherlich, segundo as quais a maioria dos alemães, na Alemanha pós-guerra, não compreendiam a culpa e a vergonha. Novamente, não ficou claro para mim onde Gerhard estava querendo chegar.

Acho que ele não podia dizer o que de fato o incomodava nesse tema. Ele se escondia por trás de citações e teorias.

No fim das contas, o motivo que se escondia por trás de tudo eram os seus pais.

Era a sua própria infância, a sua mãe e o seu pai.

Eles não haviam sido membros do partido, mas simpatizantes e seguidores. Gostavam da disciplina e da Juventude Hitlerista, e acreditavam no futuro que Hitler lhes prometera. A vó de Bochum via a tomada de poder dos nazistas como uma bênção para a Alemanha.

Antes da morte, Gerhard falou pela primeira vez sobre seus pais, a vó e o vô de Bochum.



Matthias Sieber, o irmão adotivo mais velho de Jennifer Teege, acredita que, em muitas discussões, seu pai inconscientemente queria defender os próprios pais. Gerhard Sieber queria saber especialmente se o povo alemão tinha conhecimento sobre os campos de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial: “O meu pai sabia que as deportações e o desaparecimento de tantas pessoas não podiam ter passado despercebidos. Ele se perguntava se seus pais haviam percebido algo.”

Os pais de Gerhard Sieber eram entusiastas das ideias de Hitler, fascinados por sua pessoa: “Certa vez, na década de 1950, meu avô disse ao meu pai que Hitler não estava morto e logo retornaria. Depois, meu pai arrependeu-se de não ter insistido no assunto.”

O pai de Gerhard Sieber morreu cedo. Mais tarde, Gerhard tentou conversar com a mãe sobre o período do nazismo. Ela afirmava não ter percebido nada do assassinato dos judeus.

Certa vez, a avó de Bochum disse a Matthias que um dos motivos pelos quais existia o antisemitismo era porque os judeus haviam sido proprietários de todos os armazéns e lojas antes da guerra.

Matthias acredita no seguinte: “Meu pai carregou consigo esse conflito não resolvido com os seus

pais. Empenhou-se numa briga encarniçada com o tema do Holocausto — sem se dar conta de que, na verdade, estava tentando compreender os seus pais.”



Os professores chamam os alunos, está na hora de partir. Embarcamos no ônibus e seguimos até a região do antigo campo de concentração de Plaszow.

Durante a viagem de ônibus, sento-me ao lado de uma colega de classe de Kai. Eu não a conheço, e ela fica quieta. Outros jovens me olham com curiosidade, ainda não sabem quem sou. Anat e os professores acham que é melhor esperar e explicar aos alunos apenas quando chegarmos ao memorial. Recosto-me, fecho os olhos e descanso pouco antes de o evento oficial começar.

Não me preparei para aquele dia. Sei apenas que não quero transmitir conhecimento, essa responsabilidade cabe aos professores. Os fatos são importantes e necessários para entender as coisas em toda a sua profundidade. Mas é necessário acrescentar algo aos fatos, estabelecer uma relação com eles e incentivar uma reflexão, caso contrário perdem seu valor e as pessoas se esquecem deles, e é como se nunca tivessem ouvido falar.

Os alunos israelenses ouviram muito sobre as vítimas em sua viagem e também algo sobre o outro lado, o dos criminosos. Provavelmente perguntaram como foi possível levar pessoas ao ponto de assassinar milhões de outros seres humanos.

Pretendo contar-lhes a história de outra perspectiva. Quero contar como é ser neta de um comandante de campo de concentração, e quero contar sobre o vínculo que tenho com Anat.

Nem Anat nem eu conhecíamos a história da minha família. Encontramo-nos por acaso. Ela é uma descendente da geração de vítimas, e eu da geração de criminosos. Apesar disso, nossa relação não é apenas simbólica, é uma amizade verdadeira que persiste até hoje.

O ônibus para às margens da rodovia que leva até o terreno do campo de concentração, e nós desembarcamos. Novamente subo a colina até o memorial.

Quando estive ali da primeira vez, não tinha certeza de como lidar com as novas informações sobre a minha família. Mas ficou claro para mim que, por trás de todo o horror, escondia-se algo bom: vivi metade da minha vida sem conhecer minha origem e, finalmente, eu conhecia a verdade. Esse conhecimento me deixou chocada, mas também me libertou.

Os segredos familiares desenvolvem uma força destruidora. Tantas vezes havia me sentido desesperada diante de portas fechadas.

Com a descoberta do segredo da família, a minha depressão também perdeu seu fundamento. Após a primeira viagem para Cracóvia, melhorei bastante. Hoje, minha tristeza desapareceu.

Quando visitei Cracóvia pela primeira vez, nutria a esperança de reencontrar a minha mãe e construir uma nova relação com ela. Não consegui. Eu a encontrei e a perdi novamente.

O que me restou foi minha família adotiva.

Por muito tempo tive rugas com meus pais adotivos, e via sobretudo as diferenças — aquilo que nos separava. No leito de morte de Gerhard percebi o quanto nos unia. Passamos muitos anos juntos, compartilhamos muitas coisas. Com isso, passei a fazer parte daquela família.

Durante a doença de Gerhard, nós nos apoiávamos mutuamente. Era uma sensação boa ser parte de uma família. Quando quisemos comemorar o aniversário de setenta anos de Gerhard no hospital, Matthias e eu tiramos do porão em Waldtrudering o antigo conjunto de café da vó de Bochum, junto com a toalha de mesa que combinava com ele. Nela havia estampas de flores, que todos nós — o meu pai adotivo, a sua irmã e a sua irmã de criação, mas também meus irmãos e eu — conhecíamos desde a infância.

Quando cobrimos a mesa do hospital com a toalha, todas as gerações que estavam lá se lembraram daquele conjunto de café. Para um estranho, aquilo era apenas uma louça antiquada e uma toalha de mesa estampada.

Chegamos ao memorial. Os alunos se sentam nos degraus da escadaria, e os professores, Anat e eu ficamos em pé na frente deles. Um dos professores faz uma introdução sobre o campo de concentração de Plaszow e sobre o comandante Amon Göth.

Em seguida, Anat toma a palavra. Ela conta como eu, vinte anos atrás, cheguei à sua república em Tel Aviv, e como nossa amizade cresceu e perdura até hoje. Seu discurso me emociona.

Anat entrega o microfone para mim. Cumprimento a todos com *shalom* e então descrevo como cresci e que, apenas como adulta, descobri o segredo da minha família. Explico por que demorei a retomar o contato com Anat e como estou feliz por hoje estar ali com ela. As palavras me vêm com facilidade. Digo aos alunos que ficaria contente se eles me fizessem perguntas.

Quero estabelecer um diálogo com eles; não quero dar uma aula, mas sim aprender algo novo.



No início, alguns alunos se desconcentram enquanto ficam em pé ao lado do memorial de Plaszow. Além do monumento e do gramado, não há nada para se ver. Os pensamentos de alguns já estão nos próximos pontos do programa; à noite terá uma apresentação de música tradicional, finalmente algo

alegre — dançarinos poloneses em trajes antigos, as mulheres com guirlandas de flores nos cabelos, os homens com chapéus pontudos. Os jovens israelenses também vão conversar e dançar. Na manhã seguinte, vão para Auschwitz, um encerramento triste da viagem. Alguns têm medo de Auschwitz.

Quando Jennifer Teege conta, após algumas palavras introdutórias, que é neta de Amon Göth, os alunos despertam. Alguns cutucam seu vizinho: quem é ela? O quê, Amon Göth? Mas a pele dela é escura! Ela ficou muito tempo em Israel? Como pode ser? Muitos estão chocados, alguns começam a chorar, e enxugam as lágrimas com as mangas da camisa. Um garoto põe os seus óculos escuros.

Em seguida, os alunos fazem muitas perguntas. “A sua avó também era nazista? Como ela vivia no campo de concentração?” “A senhora tem contato com neonazistas?” “Como a senhora aguenta tudo isso?” A professora de biologia da turma quer saber de Jennifer Teege: “A senhora tem medo dos seus genes?”

Uma garota delicada com longos cabelos escuros diz que ela sabia muitas coisas sobre a segunda e a terceira geração de vítimas, mas não sabia nada sobre os descendentes dos criminosos: “Quando Jennifer contou sua história, percebi que a sua família e ela mesma haviam sido marcadas de um modo totalmente diferente. Entendi que ela também carrega um trauma.” Os pais da garota disseram para ela antes da viagem: “Mesmo que tudo seja muito triste, mantenha sua fé na bondade do ser humano, de todo ser humano.” A aluna devia estar pensando naquelas palavras.

Outra garota diz que sentia quase uma obrigação de ficar emocionada e tocada durante aquela viagem, e que às vezes isso havia sido um fardo: e se ela não sentisse nada? A garota diz: “A história de Jennifer me comoveu.”

Em cada memorial, um grupo de alunos apresenta uma pequena cerimônia. Escrevem textos próprios, escolhem canções, ensaiam no violão, determinam uma cor para as flores. Em Plaszow esse ritual também é realizado, um jovem israelense põe seu quipá e prepara o violão.

Já está escurecendo. Os corredores passam, algumas pessoas passeiam com seus cães. O pessoal da segurança se espalha pelo terreno, tentam supervisionar da pequena colina o areal do antigo campo de concentração de Plaszow e comunicam-se por celular, enquanto os alunos pegam as páginas com os textos para a cerimônia.



Foi lindo falar diante dos alunos. Eles me ouviram como que sob um feitiço, nenhum deles se distraiu. Eu observava os seus rostos e via como os seus olhares se ampliavam e o passado se conectava com o presente. Em seguida, eles me fizeram uma enxurrada de perguntas, queriam saber como eu estava hoje.

No fim, vão até o memorial e a cerimônia começa. Os alunos leem textos em hebraico, escritos por eles mesmos e testemunhos dos sobreviventes de Plaszow. Em seguida, um garoto toca violão e uma menina canta. Afasto-me um pouco com Anat e Kai, e ouço.

De repente, uma garota israelense que está ao lado do memorial acena para mim e me convida para participar da cerimônia para as vítimas de Plaszow. Os alunos me puxam para o centro do grupo. A garota designada para deitar as flores no memorial me abraça. Ela me entrega o buquê de rosas vermelhas e me pede para depositá-lo em nome do grupo inteiro.

Fico surpresa. Hesito, digo baixinho que não. Fico feliz com o gesto dos alunos, mas também insegura; não sei se devo executar o ritual. Seria eu a pessoa certa para aquilo?

Quando vim a Cracóvia pela primeira vez, trouxe meu próprio buquê e o deixei ali, em silêncio. Desta vez é mais bonito. Desta vez, não estou sozinha.

Faço uma pausa curta. Então dou um passo à frente, me ponho diante da pedra memorial e deposito as flores lentamente. Em seguida, cantamos o *Tikva*, o hino nacional israelense. *Tikva* quer dizer esperança.

Informações adicionais em literatura, no cinema e na internet

1. Sobre Amon Göth, Ruth Irene Göth e sua filha Monika

Livros:

AWTUSZEWSKA-ETTRICH, Angelina. "Płaszów — Stammlager" in: Wolfgang Benz, Barbara Distel (org.): *Der Ort des Terrors. Geschichte der nationalsozialistischen Konzentrationslager*. Vol. 8. Munique: C. H. Beck, 2008, p. 235-287.

CROWE, David M. *Oskar Schindler. Die Biographie*. Frankfurt am Main: Eichborn-Verlag, 2005. [Original em inglês: *Oskar Schindler: The Untold Account of His Life, Wartime Activities and the True Story Behind the List*. Westview Press, 2004. Tradução alemã de Klaus Binder e Bernd Leineweber].

KENEALLY, Thomas. *A lista de Schindler*. Trad. Tati Moraes. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

KESSLER, Matthias: *"Ich muss doch meinen Vater lieben, oder?" Die Lebensgeschichte von Monika Göth, Tochter des KZ-Kommandanten aus "Schindlers Liste"*. Frankfurt am Main: Eichborn-Verlag, 2002.

PEMPER, Mietek. *A lista de Schindler: a verdadeira história*. Trad. Marly Netto Peres, Daniel Fanta. São Paulo: Geração, 2010.

SACHSLEHNER, Johannes. *Der Tod ist ein Meister aus Wien. Leben und Taten des Amon Leopold Göth*. Viena: Styria Premium, 2008.

SEGEV, Tom. *Die Soldaten des Bösen. Zur Geschichte der KZ-Kommandanten*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1992.

Filmes:

Blair, Jon. *Schindler. The Documentary*. 1994.

Kessler, Matthias. *Amons Tochter*, 2003.

Moll, James. *Inheritance/ Mördervater*, 2008. (site para o filme: <http://www.pbs.org/pov/inheritance/#.UWQKyBnbzN9>)

Link para o painel de discussão com as protagonistas:

http://www.pbs.org/pov/inheritance/video_panel.php#.UWQJKxnbzN8)

Spielberg, Steven. *A lista de Schindler*, 1993.

Ze'evi, Chanoch. *Hitler's Children / Meine Familie, die Nazis und ich, Israel*, 2011: (Disponível on-line em: <http://www.youtube.com/watch?v=74FSS1FkgN4> (<http://www.hitlerschildren.com>))

Internet:

http://www.mietek-pemper.de/wiki/Interview_mit_Monika_Hertwig

Uma série de entrevistas que Monika Hertwig deu a Mietek Pemper (em alemão).

2. Relatos selecionados de sobreviventes de Plaszow

FRISTER, Roman. *Die Mütze oder Der Preis des Lebens. Ein Lebensbericht*. Berlim: Siedler Verlag, 1997.

MÜLLER-MADEJ, Stella. *Das Mädchen von der Schindler-Liste. Aufzeichnungen einer KZ-Überlebenden*. Augsburg: Ölbaum Verlag, 1994.

3. Sobre a biografia de outros descendentes de nazistas

Livros:

BRUNNER, Claudia e SELTMANN, Uwe von. *Schweigen die Täter, reden die Enkel*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2006.

FRANK, Niklas. *Der Vater. Eine Abrechnung*. Munique: C. Bertelsmann, 1987.

FRANK, Niklas. *Meine deutsche Mutter*. Munique: C. Bertelsmann, 2005.

HIMMLER, Katrin. *Die Brüder Himmler. Eine deutsche Familiengeschichte*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 2005.

LEBERT, Norbert e LEBERT, Stephan. *Tu carregas meu nome: a herança dos filhos de nazistas notórios*. Trad. Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004.

NISSSEN, Margret. *Sind Sie die Tochter Speer?* Munique: Deutsche Verlags-Anstalt, 2004.

SAUR, Karl-Otto e SAUR, Michael. *Er stand in Hitlers Testament. Ein deutsches Familienerbe*. Berlim: Econ Verlag, 2007.

SENNFT, Alexandra. *Schweigen tut weh. Eine deutsche Familiengeschichte*. Berlim: Claassen Verlag, 2007.

SCHIRACH, Richard von. *Der Schatten meines Vater*. Munique: Carl Hanser Verlag, 2005.

TIMM, Uwe. *Am Beispiel meines Bruders*. Colônia: Verlag Kiepenheuer & Witsch, 2003.

Filme:

2 oder 3 Dinge, die ich von ihm weiss: disponível on-line em www.2oder3dinge.de

4. Sobre a psicologia dos criminosos e espectadores e as segunda e terceira gerações dos nazistas, bem como material sobre terapia para traumas:

BAR-ON, Dan. *Die Last des Schweigens. Gespräche mit Kindern von Nazi-Tätern*. Frankfurt am Main: Campus Verlag, 2003.

KELLNER, Friedrich. *Vernebelt, verdunkelt sind alle Hirne. Tagebücher 1939-1945*. Org. Sascha Feuchert, Robert Kellner, Erwin Leibfried, Jörg Riecke e Markus Roth. Göttingen: Wallstein Verlag, 2011.

KOGAN, Ilany. *Der stumme Schrei der Kinder. Die zweite Generation der Holocaust-Opfer*. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1998.

MITSCHERLICH, Alexander e Margarete. *Die Unfähigkeit zu trauern. Grundlagen kollektiven Verhaltens*. Munique: Piper-Verlag, 1967.

RUPPERT, Franz. *Trauma, Bindung und Familienstellen. Seelische Verletzungen verstehen und heilen*. Stuttgart: Klett-Cotta Verlag, 2007.

WELZER, Harald, MOLLER, Sabine e TSCHUGGNALL, Karoline. *"Opa war kein Nazi." Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis*. Frankfurt am Main: S. Fischer-Verlag, 2002.

WELZER, Harald. *Täter. Wie aus ganz normalen Menschen Massenmörder werden*. Frankfurt am Main: S. Fischer-Verlag, 2005.

WESTERHAGEN, Dörte von. *Die Kinder der Täter. Das Dritte Reich und die Generation danach*. Munique: Kösel Verlag, 1987.

YALOM, Irvin D. *Os desafios da terapia: reflexões para pacientes e terapeutas*. Trad. Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

5. Dica

Quem tiver vontade de pesquisar a história de sua família alemã na época do nazismo, encontra um guia excelente no seguinte site: <http://chrismon.evangelisch.de/artikel/2012/was-machte-grossvater-der-nazizeit-eine-anleitung-zur-recherche-15479> (em alemão).

PUBLISHER
Kaike Nanne

EDITORIA EXECUTIVA
Carolina Chagas

EDITORIA RESPONSÁVEL
Renata Sturm

PRODUÇÃO
Thalita Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL
Mônica Surrage

REVISÃO DE TRADUÇÃO
Markus Hediger

REVISÃO
Marina Sant'Ana
Rayana Faria

PROJETO GRÁFICO DE MIOLO
Lúcio Nöthlich Pimentel

PROJETO GRÁFICO DE CAPA
Maquinaria Studio

Notas

¹ A palavra *Transport* foi muito utilizada na época do nazismo e significava o envio de prisioneiros para um campo de concentração ou de extermínio, em geral de trem. Neste livro, sempre que a palavra *transporte* estiver destacada, terá esse sentido. (N.T.)

² *Birkenau*, em alemão, significa campo das bétulas. (N.T.)

Table of Contents

[Ficha catalográfica](#)

[Sumário](#)

[Prólogo — A descoberta](#)

[Capítulo 1 — Eu, neta de um genocida](#)

[Capítulo 2 — O senhor do campo de concentração de Plaszow: o avô, Amon Göth](#)

[Capítulo 3 — A mulher do comandante: a avó, Ruth Irene Kalder](#)

[Capítulo 4 — Uma vida com os mortos: a mãe, Monika Göth](#)

[Capítulo 5 — Netos das vítimas: os amigos em Israel](#)

[Capítulo 6 — Flores em Cracóvia](#)

[Informações adicionais em literatura, no cinema e na internet](#)

[Notas](#)